



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

FAUSI DOS SANTOS

**CORPO E SEXUALIDADE EM DIFERENTES SUPORTES:
DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA DIGITAL**

**ARARAQUARA
2019**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

FAUSI DOS SANTOS

**CORPO E SEXUALIDADE EM DIFERENTES SUPORTES:
DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA DIGITAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Unesp de Araraquara, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor. Área de concentração: Educação Sexual.

Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

**ARARAQUARA
2019**

Santos, Fausi

Corpo e Sexualidade em Diferentes Interfaces: da
Pré-história à Era Digital. / Fausi Santos – 2019
181 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Redes Sociais. 2. Corpo. 3. Sexualidade. 4.
Educação Sexual. 5. Internet. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FAUSI DOS SANTOS

**CORPO E SEXUALIDADE EM DIFERENTES SUPORTES:
DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA DIGITAL**

Tese de Doutorado, apresentada no Programa de Pós-Graduação de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de Defesa.

Linha de pesquisa: Educação Sexual

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Data da Defesa: 27/ 08/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista/Unesp

Membro Titular: Dra. Claudia Dias Prioste
Universidade Estadual Paulista/Unesp

Membro Titular: Dra. Glória Maria Palma
Universidade do Sagrado Coração
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Membro Titular: Dra. Fernanda dos Santos Varandas
Instituição Toledo de Ensino/ITE

Membro Titular: Dra. Valeria Cristina Gimenes Prado
Universidade Estadual Paulista/Unesp

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Maria Julia Ferreira dos Santos e Cicero Barros dos Santos pelos salutaes valores que formaram meu caráter.

Aos meus irmãos Maria Aparecida dos Santos e Fabio dos Santos por terem compartilhado bons momentos de crescimento e descobertas.

À querida amiga Glória Maria palma minha mentora que muito me auxiliou neste projeto e em tantos outros para o crescimento da filosofia, da arte e da literatura.

E finalmente à minha namorada Fernanda que me inspirou e nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado me apoiando e sendo um bálsamo à minhas dúvidas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pela orientação que favoreceu minha liberdade de pensamento e foi pra mim uma fonte de segurança e crescimento intelectual. Obrigado pela confiança e acima de tudo, por ter se tornado um grande amigo.

Aos membros da Banca, Dra. Glória Maria Palma, Dra. Fernanda Varandas dos Santos, Dra. Cláudia Dias Prioeste pela disponibilidade e carinho em compor minha banca de Defesa e colaborar no fechamento desta fase tão importante em minha vida.

Especial agradecimento à Dra. Glória Maria Palma pelas horas e horas de debate, regado a bons vinhos e queijos. Sua casa é um celeiro, uma usina de produção de ideias. Obrigado!

Agradeço ainda aos colegas de caminhada, em especial Eduardo Yoshimoto, pelos anos de viagens, estudos e cansaços que agora serão compensados pela honra do doutorado.

E por fim quero agradecer ao meu amor Fernanda por ser tão importante em minha vida ao ponto de me inspirar em cada palavra nesta tese e me motivar ao pós-doc. Te amo!

Epígrafe

"O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar."

Michel Foucault

RESUMO

SANTOS, Fausi dos. **Corpo e sexualidade em diferentes suportes: Da pré-história à era Digital**. 183f. 2019. Tese. (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP.

Esta tese é parte integrante da pesquisa no programa de pós-graduação em Educação Escolar pela Unesp de Araraquara. Parte da premissa de que o discurso sobre o Corpo e a Sexualidade sempre esteve presente na história da humanidade por meio de diferentes plataformas discursivas. O advento da fotografia no século XIX ressignifica as expressões sobre o corpo ao incorporar no frame da máquina elementos objetivos que na representação artística eram de certa forma, perdidas ou enfraquecidas pelos artistas. O surgimento da internet ressignificou a relação do ser humano com o corpo, uma vez que as plataformas digitais ampliam os efeitos de sentido das produções de subjetividade. Um dos aspectos presentes nesta ressignificação se manifesta na hiperexposição nas redes sociais. Tais mudanças conceituais tendem a criar certa tensão dentro da escola, por existir grande imperícia pelos gestores educacionais em lidar com questões relacionadas à Educação Sexual que aliada ao surgimento de nudes e sexting produzidos por determinados alunos, evocam tabus e provocam silenciamentos e punições por parte de educadores. Nos dias atuais, a internet faz parte do convívio social, sendo o tipo de ferramenta que serve não apenas para a comunicação, mas também para atividades diversas ligadas ao lazer e entretenimento. Há que se questionar, nessa dimensão, o que é o corpo e a sexualidade nas redes sociais. Para responder a esta questão, uma análise filosófica a partir do conceito de subjetivação e enunciação em Michel Foucault é uma via que se pode percorrer a fim de estabelecer que tipo de discurso é produzido por meio de perfis nas redes sociais. Portanto, uma análise que observe as práticas discursivas produzidas na internet sobre o corpo e a sexualidade podem oferecer pistas que auxiliem a criação de propostas pedagógicas que incorporem e otimizem o uso da web no espaço escolar. Neste sentido, o objetivo central da tese será uma sondagem sobre as diferentes práticas discursivas sobre o Corpo e a Sexualidade na História.

Palavras-chave: Corpo; Sexualidade; Redes Sociais; Educação Escolar; Subjetividade.

ABSTRACT

SANTOS, Fausi dos. **Body and sexuality in different media: From prehistory to the digital age.** 183f. 2019. Thesis. (Doctorate in School Education) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP.

This thesis is an integral part of the research in the post-graduation program in School Education by Unesp of Araraquara. It starts from the premise that the discourse on the Body and Sexuality has always been present in the history of humanity through different discursive platforms. The advent of photography in the nineteenth century resigns the expressions about the body by incorporating in the frame of the machine objective elements that in the artistic representation were somehow lost or weakened by the artists. The emergence of the internet has reaffirmed the relationship between the human being and the body, since the digital platforms amplify the sense effects of the productions of subjectivity. One of the aspects present in this resignification is manifested in hyperexposure in social networks. Such conceptual changes tend to create a certain tension within the school, because there is great malpractice by educational managers in dealing with issues related to Sexual Education that together with the appearance of nudes and sexting produced by certain students, evoke taboos and provoke silences and punishments by educators. Nowadays, the internet is part of social interaction, being the type of tool that serves not only for communication, but also for diverse activities related to leisure and entertainment. It is necessary to question, in this dimension, what is the body and sexuality in social networks. To answer this question, a philosophical analysis based on the concept of subjectivation and enunciation in Michel Foucault is a way that can be traced in order to establish what kind of discourse is produced through profiles in social networks. Therefore, an analysis that observes the discursive practices produced on the Internet about the body and sexuality can offer clues that help to create pedagogical proposals that incorporate and optimize the use of the web in the school space. In this sense, the central objective of the thesis rests on a survey on the different discursive practices on the Body and Sexuality in History.

Keywords: Body; Sexuality; Social networks; Schooling; Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Ritual de passagem na tribo Kaningara em Papua-Nova Guiné	18
Figura 2	–	Artefatos e peças em ocre encontrados na caverna de Bomblos	24
Figura 3	-	Vênus de Hohle Fels	25
Figura 4	–	Vênus de Willendorf	26
Figura 5	-	Máscara Pwo Mwana – Congo	26
Figura 6	–	Homem Leão	28
Figura 7	–	Cenas de sexo	32
Figura 8	–	Código de Hamurabi	35
Figura 9	–	Cena de um prostíbulo	37
Figura 10	–	Felação	37
Figura 11	–	Cena de Sexo	38
Figura 12	–	Mestre acariciando rapaz	40
Figura 13	–	Homens se tocando	41
Figura 14	–	Felação e Sexo anal	42
Figura 15	–	Masturbação feminina com olisbos	44
Figura 16	–	Masturbação feminina	44
Figura 17	–	Imagens Serviços de prostituição Pompeia	47
Figura 18	–	O Pecado Original e a Expulsão do Paraíso	52
Figura 19	–	Madonna col Bambino	53
Figura 20	–	O último julgamento	55
Figura 21	–	Mestre da Cruz	57
Figura 22	–	Ressureição de Cristo	58
Figura 23	–	Esquema dos Órgãos Internos	59

Figura 24 –	Fotografia de Ella Harper	68
Figura 25 –	Soldados americanos no campo de concentração de Buchenwald	71
Figura 26 –	Hitler e a saudação nazista	72
Figura 27 –	Prostituta de Storyville, feita em 1912	79
Figura 28 –	Prostitutas de Nova Orleans – 1914	79
Figura 29 –	Série Quadrinhos Sujos	80
Figura 30 –	As mulheres Kayan ou Padaung	91
Figura 31 –	Página inicial Badoo	109
Figura 32 –	Página Pe. Fabio de Melo	117
Figura 33 –	Perfil sobre Suicídio e Depressão	124
Figura 34 -	Página inicial Open English	144

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	09
-----------------------	----

INTRODUÇÃO.....	12
-----------------	----

CAPÍTULO I

1 Corpo e polissemia discursiva: por uma melhor compreensão do corpo e seus efeitos de sentido.....	17
---	----

1.1 Os diferentes suportes discursivos utilizados na história para a expressão e manifestação do corpo e da sexualidade.....	22
--	----

1.1.1 As expressões e suportes do corpo na pré-história.....	23
--	----

1.1.2 Marcas e sinais do corpo e sexualidade nas antigas Civilizações.....	33
--	----

A) Mesopotâmia.....	35
---------------------	----

B) China.....	36
---------------	----

C) Egito.....	36
---------------	----

D) Grécia.....	38
----------------	----

E) Roma.....	45
--------------	----

1.1.3 Corpo e sexualidade no mundo cristão medieval.....	47
--	----

1.1.4 Idade Moderna e Contemporânea: as novas plataformas de discursivização do corpo.....	57
--	----

CAPÍTULO II

1 A mutação fotográfica e cinematográfica: tecnologias visuais e as novas formas de discursivização do corpo.....	66
---	----

1.1 A Fotografia a partir da percepção filosófica de Walter Benjamin.....	73
---	----

1.2 Pornografia e exibição da intimidade no advento das tecnologias visuais.....	77
--	----

1.3 Do analógico ao digital: as novas ressignificações do corpo no advento das tecnologias virtuais.....	84
--	----

1.4 Biopoder, biotecnologia e as políticas do corpo.....	90
--	----

CAPÍTULO III

1 As múltiplas transformações socioculturais e tecnológicas produzidas pela internet e seus efeitos de sentido na discursivização do corpo e da sexualidade.....	96
--	----

1.1 Democratização de saberes e virtualização de desejos.....	107
1.2 O mundo virtual como técnica de si.....	113
1.3 Fantasias virtuais e seus riscos.....	118
1.4 O adolescente e a internet: discursivização e a relação das novas gerações com o mundo virtual.....	121

CAPÍTULO IV

1 Internet e Educação Escolar: as dificuldades da inclusão digital nos currículos escolares e a veiculação da intimidade de alunos no ambiente escolar.....	133
2 O desenvolvimento da imaginação e a criatividade infantil em Vygotski como fundamento para a compreensão da sexualidade	146
2.1 Imaginação e Criatividade na interação criança-máquina.....	148
2.2 Possíveis contribuições da internet no ensino-aprendizagem escolar.....	152
3 Os avanços e retrocessos da Educação Sexual no Brasil.....	155
4 Nudes e fantasias virtuais no ambiente escolar: uma análise discursiva sobre a educação e veiculação da intimidade dos adolescentes nas redes sociais.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS.....	178

INTRODUÇÃO

A presente tese é parte da pesquisa desenvolvida no programa de Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista – Unesp/ Campus de Araraquara. Tem como ponto de partida a premissa de que a humanidade desde tempos remotos desenvolveu linguagens para a expressão do corpo e da sexualidade. Esta realidade é percebida a partir de farto material arqueológico descoberto em diferentes sítios: pinturas rupestres em cavernas, paredes de antigas construções, utensílios como vasos e ânforas de antigas civilizações. O corpo e a sua sexualidade são representados na tentativa humana de marcar e perpetuar a existência, expressando crenças, desejos e angústias. Diferentes suportes foram utilizados ao longo da história como plataformas de expressão existencial.

Entre os principais elementos para plasmar a expressão religiosa e mística da sexualidade desde a antiguidade até os dias atuais, o corpo tem sido o principal meio de manifestação e de representação da experiência humana. É no corpo que as marcas identitárias, os valores e crenças se expressam; é no corpo que moldam e tomam forma as crenças, valores, movimentos, dores, angústias, alegrias, práticas religiosas e profanas. As marcas deixadas em um corpo revelam a cultura, no sentido mais amplo do termo, de uma sociedade, de um povo.

Mas foi com surgimento da internet e de suas interfaces digitais, a partir da década de 90 que se ampliou o alcance das expressões do corpo e da sexualidade. As modalidades interativas que as plataformas da web possibilitam aumentaram os efeitos de sentido expressos na exposição do corpo e da sexualidade. Mas o mundo digital não inaugurou o novo desejo humano de expressão de si, apenas potencializou as condições de exposição. Na verdade, as diferentes tecnologias usadas pela humanidade revelam que a internet é apenas mais uma plataforma entre muitas criadas para a externalização de si. O alcance que as plataformas digitais alcançam parece superar as anteriormente criadas porque as tecnologias possibilitam contemplar novas texturas do corpo, gerando experiências sensoriais que vão ao encontro dos desejos e das necessidades do sujeito virtual.

A pintura, a poesia, a literatura, a escultura e outras modalidades de linguagem usadas para a expressão do corpo demonstram que humanidade sempre perseguiu meios

de externalizá-lo inclusive nas suas intimidades. O fato é que o acesso à internet, de certa forma, democratizou um pouco mais a informação ao trazer para as pontas dos dedos dos usuários, oportunidades que antes não existiam.

Se por um lado, o universo digital aproximou os corpos, isto é, o corpo exposto do corpo do observador, por outro, a falta de uma verdadeira alfabetização digital revela cenários conflituosos, desde o isolamento até a experiência exacerbada de viver por meio de perfis em redes sociais. Abandona-se a interação e a ocorrência de experiências na vida real para obtê-las na virtualidade; incluindo os relacionamentos amorosos em que casais passam a compartilhar intimidades de experiências sexuais em sites de relacionamentos e salas de bate-papo. Neste sentido, a exposição dos corpos nas redes sociais ganha uma dimensão mais ampla e ousada.

O fenômeno da internet perpassa quase todas as relações sociais da vida contemporânea, mas é na educação que se encontram os grandes desafios para a incorporação de suas possibilidades. Se há um espaço em que o uso da internet como prática de ensino e aprendizagem, ainda não aconteceu de forma satisfatória é o ambiente escolar. Embora uma grande parte dos alunos possuam celulares conectados à internet e aumente o número de pessoas com acesso a dispositivos conectados ao mundo virtual, nota-se que não usados com fins educativos. Esse cenário gera conflitos, cria um ambiente antipedagógico que atrapalha, inclusive o aprendizado dos alunos.

Somado a esse problema surge outro; a hiperexposição dos corpos e da sexualidade na internet. O fenômeno não se restringe à crianças e adolescente, porém a produção de materiais eróticos e pornográficos, os chamados nudes e sexting veiculados pelas redes sociais chegam ao espaço escolar. A escola, por muitas razões, tem dificuldades em lidar com os temas relacionados ao corpo e à sexualidade. Posturas de silenciamentos foram e são, até hoje, praticadas inclusive quando se trata da implementação da educação sexual nas escolas. Os conteúdos referentes às exposições dos corpos chegam as escolas e são acessados, algumas vezes, durante as aulas, às vezes os corpos expostos são os dos próprios alunos. Como as escolas não estão preparadas para lidar com esses eventos passam a ignorá-los ou são tratados apenas como atos indisciplinares graves e punidos. A situação é humilhante para quem se expôs ou teve seu corpo exposto por outro. E não há uma forma madura e equilibrada para resolver esse tipo de ocorrência, no sentido de amparar os sujeitos envolvidos.

Expressar desejos mostrar o corpo, revelar a sexualidade nas redes sociais é uma prática bastante comum e presente na vida de certos grupos sociais. Mesmo quem não

deseja se despir expõe-se sendo fotografado ou filmado à mesa de um bar, na confraternização de uma empresa, num churrasco, ou em uma piscina com a família ou amigos. A imagem fotográfica que antes ficava guardada em um álbum na gaveta restrita aos familiares e amigos próximos, agora se torna pública em diferentes plataformas na internet. É difícil escapar da exposição no mundo digital. O que dizer então, principalmente dos jovens que vivem muito de sua vida em função da imagem que projetam na web? É por meio da imagem ou avatar que expressam o vigor físico, as ideias, os posicionamentos políticos e tantas outras demandas cotidianas. A internet é uma forma de projeção de si, um dispositivo em função das necessidades do sujeito; um espaço rizomático se alimentando da fluidez das relações afetivas e sociais.

Devido a problemática exposta o objetivo geral deste estudo é uma reflexão sobre as diferentes práticas discursivas referentes ao corpo e à sexualidade por meio de uma visão diacrônica até o advento da internet. E como ela ressignificou os processos de subjetivação de si usando as plataformas digitais e alguns problemas que tais mudanças trouxeram ao ambiente escolar.

Como objetivos específicos a pesquisa se preocupa em:

a) Apresentar como se deu a exposição dos corpos em antigas plataformas por povos que influenciaram a cultura ocidental como: os mesopotâmios, os chineses, os egípcios, os gregos e os romanos passando pela Idade Média até o advento da fotografia;

b) Refletir como o surgimento da fotografia, no século XIX cria um novo cenário para a reprodução e expressão do corpo. A câmera fotográfica que plasma as expressões da corporeidade por meio da lente; da captação da imagem pela objetiva produziu novas texturas e significados para o corpo e suas subjetivações;

c) Analisar alguns efeitos de sentido que a internet produz sobre o corpo e a sexualidade; o corpo dos usuários na rede e seus afetos; digitalizado e lançado no ambiente virtual, passando a circular em diferentes cenários; sua ressignificação em links, hiperlinks, redes sociais, sites de relacionamento e outros aplicativos. Criando novas formas de circulação para o corpo;

d) Compreender alguns aspectos da hipere Exposição do corpo e da sexualidade na internet principalmente entre adolescentes. Assim como os silenciamentos e retrocessos enfrentados pela educação sexual nos últimos anos, como a questão dos nudes e sexting resultaram em transtornos ao sistema educacional e aos próprios alunos.

A pesquisa tem como sustentação uma abordagem filosófica, na perspectiva foucaultiana. Obras de Michel Foucault principalmente *História da Sexualidade* (2007) auxiliam na compreensão de como os diferentes gestos de leitura e interpretação sobre o corpo e a sexualidade foram construídos ao longo da história da humanidade. Destaca-se também a obra do pesquisador Peter N. Stearns, *História da Sexualidade* (2010), na qual o autor situa o papel da sexualidade no processo de socialização dos primeiros agrupamentos humanos que deram origem às grandes civilizações. Na linha histórica, a obra *A História Íntima do Orgasmo* (2006) de Jonathan Margolis oferece pistas de como o prazer e a busca da satisfação sexual foram vistos a partir das bases valorativas na sociedades humanas ao longo da história. Nos estudos das mudanças das leituras sobre o corpo e a sexualidade ocorridas com o surgimento da fotografia foi utilizado o artigo de Yves Michaud, *Visualizações: o corpo e as artes visuais* texto que compõe a obra *História do corpo* (2018) organizada por Jean-Jacques Courtine. Além do texto de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1987) que trata da fotografia como forma de representação da realidade. Quanto à sexualidade e ao uso da internet utilizou-se o pensamento de Eva Illouz em sua obra *O amor em tempos do capitalismo* (2011), para compreender a relação do adolescente com a internet foi fundamental o livro, *O Adolescente e a Internet: Laços e Embaraços no Mundo Virtual* (2016) da pesquisadora Cláudia Prioste que forneceu elementos quantitativos e qualitativos imprescindíveis ao aprofundamento das discussões.

O dispositivo metodológico da pesquisa é de caráter teórico-qualitativo, típico da abordagem dedutivo-filosófico. O material da pesquisa trata portanto, de algumas questões como: quais são os diferentes efeitos de sentido sobre o corpo e a sexualidade produzidos pelas diferentes plataformas discursivas ao longo da história? Quais tecnologias foram produzidas para a expressão do corpo e de suas subjetivações? Os textos dos diferentes autores consultados e as reflexões do autor desta tese procuram compreender questões centrais do estudo do corpo e de suas manifestações como a exposição do corpo. Ressalta-se que a posição dos autores foram registradas nas citações e as reflexões do autor da tese nos comentários e na expansão dos temas tratados por meio da bibliografia.

O texto está dividido em quatro capítulos. O primeiro trata de algumas plataformas utilizadas ao longo da história que possibilitam ler e interpretar o corpo e suas produções em épocas diversas e em diferentes culturas; plataformas discursivas foram criadas como gestos e interpretação da corporeidade elas fornecem pistas par que

se compreenda as diferentes noções sobre o corpo e seus significados no desenvolvimento das civilizações.

No segundo capítulo analisa-se as transformações que a origem da fotografia e cinematografia provocaram na discursivização do corpo e da sexualidade. Demonstra-se que a fotografia permitiu uma nova inteiração entre a realidade e o corpo ao proporcionar novas composições da imagem apreendidas pela máquina. A fotografia proporcionou, pela primeira vez, a captura da imagem do corpo por um instrumento físico-químico independente das percepções subjetivas do artista. A tecnologia fotográfica proporcionou a primeira grande revolução da imagem pela máquina.

No terceiro capítulo trata-se do advento da internet e as múltiplas transformações sócio-culturais produzidas pelas tecnologias de comunicação virtual. Reflete-se sobre o tipo de corporeidade na internet. Entorno de tal questionamento, discute as marcas discursivas que determinam a existência dos corpos nas redes sociais. Corpo enquanto avatar ou marca discursiva do “eu” do mundo real. Corpo virtual como prótese discursiva do sujeito real que produz significados e representações, como técnica de si, em um universo fluido de realidade nômades e rizomáticas.

O quarto capítulo adentra o universo do comportamento discursivo dos usuários na internet e suas interfaces na Educação Escolar. Trata da hiperexposição do corpo e da sexualidade no ambiente virtual e das dificuldades da escola em lidar com a inclusão digital e com a educação sexual nos currículos pedagógicos. O capítulo oferece pistas de como a educação pode utilizar as tecnologias da informação digital em seu currículo e acolher o problema da hiperexposição de alunos em redes sociais de forma educativa e não punitiva.

CAPÍTULO I

1 Corpo e polissemia discursiva: por uma melhor compreensão do corpo e seus efeitos de sentido.

O Corpo! Para alguns, como Platão na obra Fédon, a prisão da alma, um soma perecível, instável e insignificante, ligado às meras opiniões (doxa) que a todo custo pelo exercício intelectual o homem deve se livrar em nome do espírito (episteme)¹. Para outros, como Nietzsche, uma verdadeira usina de potência, inserida em múltiplas fontes de intensidades que movimentam existências provisórias num fluxo de devir constante onde identidades nômades são produzidas no tempo e na história.

Muito além do dualismo platônico ou do monismo nietzschiano, o corpo assumiu desde os primórdios da humanidade infinitas interpretações, algumas vezes barreira permeada de paixões e desejos que afasta o sujeito da transcendência, como por exemplo o cristianismo primitivo, que necessita ser domesticado por exercícios de mortificações, outras vezes, corpo como porta ou acesso ao sobrenatural, venerado e marcado como templo nas etnias tribais africanas e indígenas.

Autores como Otto Rank (1884-1939) e Joseph Campbell (1904-1987), analisaram em diferentes etnias indígenas, africanas e asiáticas, rituais de passagem que conferiam aos neófitos por meio de ações litúrgicas sobre os seus corpos o ingresso a uma condição existencial nova na comunidade, onde após o cerimonial ocupariam posições antes impossíveis. *“Os rituais das primitivas cerimônias de iniciação têm sempre uma base mitológica e se relacionam à eliminação do ego infantil, quando vem à tona o adulto, seja menina ou menino”*.²

De fato, a morte para a infância e o renascimento para a vida adulta deve ser manifesta no corpo por meio de rituais. Em sociedades nas quais a escrita ainda não se faz presente, as expressões religiosas não se concentram em templos, o corpo do sujeito torna-se o “templo” que deve levar as marcas determinantes de uma nova existência,

¹ O corpo nos enche, também, “de amores, desejos, temores, quimeras de todo tipo, de inúmeras tolices. Guerras, discussões, batalhas, só o corpo e seus apetites são os causadores, pois só guerreamos para acumular riquezas e somos forçados a fazê-lo por causa do corpo, cujo serviço nos mantém escravizados”. (Fédon, p. 66)

² CAMPBELL, O Poder do Mito, p. 147.

seja de uma posição social que ocupará no grupo, bem como, de sua autoridade recém-conquistada, como caçador, xamã, cacique, esposo ou, no caso da mulher, esposa, mãe, cuidadora. Os rituais, quase sempre cruentos e dolorosos devem conferir força, vigor e virilidade ao neófito por meio de marcas, sejam elas, cicatrizes, queloides, tatuagens, alargamentos de orelha ou nariz, adereços em diferentes partes do corpo, como uma demonstração física de que aquele novo membro da comunidade já não é o mesmo que antes, mas foi revestido de uma nova personalidade social que se expressa em seu corpo.



Figura 01 - Ritual de passagem na tribo Kaningara em Papua-Nova Guiné que venera o animal crocodilo como um deus criador. A pele recebe as escaras que marcam o início da vida adulta. Fonte da imagem: *Reprodução/Capitanbado*.

Pierre Clastres (1934-1977), em sua obra, *A sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política*, afirma que cada etnia tem suas técnicas próprias de conferir por meio de rituais uma nova identidade ao sujeito, e o corpo torna-se o principal elemento de mediação entre a crença, as leis e o papel social.

Afirma Clastres:

É muito extenso o número de sociedades primitivas que mostram a importância por elas atribuída ao ingresso dos jovens na idade adulta através da instituição dos chamados ritos de passagem. Esses rituais de iniciação constituem muitas vezes um eixo essencial, em relação ao qual se ordena, em sua totalidade, a vida social e religiosa da comunidade. Ora, quase sempre o rito iniciatório considera a utilização do corpo dos iniciados. É, sem qualquer intermediário, o corpo que a sociedade designa como único espaço propício a conter o

sinal de um tempo, o traço de uma passagem, a determinação de um destino. Em qual segredo inicia o rito que, por um momento, toma completa posse do corpo do iniciado? Proximidade, cumplicidade do corpo e do segredo, do corpo e da verdade revelada pela iniciação: o reconhecimento disso leva a precisar a interrogação. Por que é necessário que o corpo individual seja o ponto de encontro do éthos tribal, por que o segredo só pode ser comunicado mediante a operação social dos ritos sobre o corpo dos jovens? O corpo mediatiza a aquisição de um saber, e esse saber é inscrito no corpo. Natureza desse saber transmitido pelo rito, função do corpo no desenrolar do tiro: dupla questão em que se resolve o problema do sentido da iniciação. (CLASTRES, 1974, p.125-126)

Independente das múltiplas interpretações sobre o corpo, partimos de um pressuposto: não existe propriamente um corpo na história como uma entidade fechada em si mesma de forma ôntica. O corpo biológico com suas características orgânicas está inserido no universo da cultura. Desde o momento que a consciência humana situou a vida como um problema dando origem à noção de existência, o corpo passou a não ser apenas um organismo com funções e necessidades biológicas (fome, sede, desejo, etc), mas foi situado como um invólucro recheado de subjetividades e intencionalidade. O corpo tornou-se a marca onde o “eu” se exprime. E isto se deu pela necessidade do homem se situar como um ser-no-mundo, de entender sua própria existência.

Henrique Vaz (1921-2002), em sua obra, *Antropologia Filosófica*, afirma a este respeito:

Como o estar-no-mundo é um estar no aqui e agora espaço-temporal, a dupla presença, *natural e intencional*, do homem no mundo por meio de seu corpo refere-se a modalidades diversas de sua situação no espaço-tempo. Pela presença *natural*, o homem está presente no espaço-tempo físico e no espaço-tempo biológico de seu corpo que o situa no espaço-tempo do mundo. Pela presença *intencional* começa a estruturar-se o espaço-tempo propriamente *humano*, que tem no corpo próprio como corpo vivido o polo imediato de sua estruturação para o sujeito, ou o lugar em que primeiramente se articulam o espaço-tempo do mundo e o espaço-tempo do sujeito: psicológico, social e cultural. O corpo próprio pode ser chamado, assim, o lugar fundamental do espaço propriamente humano, e o evento fundamental do tempo propriamente humano. (VAZ, 2004, 159)

Quando analisado no contexto explicativo de compreensão, fica evidente que o corpo natural (biológico) toma proporções profundamente subjetivas quando inserido no universo da forma e das abstrações culturais exercidas pelas sociedades. Esta mediação

intencional pela cultura promove um distanciamento entre o corpo e a noção de homem. Sendo o segundo infinitamente maior e polissêmico, manipulando e ressignificando os regimes de saberes sobre o corpo, a ponto de produzir compreensões, texturas e estruturas epistêmicas (de conhecimento) inéditas, no qual o corpo é pensando e significado de acordo com os regimes de saberes e organizações do universo espaço-tempo onde está inserido.

Nesta tentativa emergencial, de dizer “quem sou?”, “de onde vim?”, “para onde vou?”, “qual a origem de tudo?”, “há um propósito em meu existir?”, “existe algo além da morte?” nasce propriamente a cultura. É a cultura que afasta o homem do mundo natural e o situa no universo da artificialidade e da técnica. E desde os primeiros traços produzidos na tentativa de discursivizar culturalmente medos, desejos, angústias, sonhos e pensamentos, o corpo foi o principal suporte utilizado pelo homem para dar forma a estas necessidades. Assim como a tela é o principal suporte do pintor, o corpo sempre se traduziu como a base mais eficaz para que diferentes povos e civilizações transmitissem suas crenças, inspirações, normas, etc. Por isso, quando afirmamos que não existe propriamente um corpo, dizemos que existem na verdade regimes de saberes e poderes, ao longo da história, que estampam nos corpos seus traços ou marcas. Marcas que seguem as relações sociais, mudanças valorativas e necessidades humanas de cada época.

Corpos polimórficos e polissêmicos, produzidos para fazer circular múltiplos efeitos de sentido; moldados em diferentes regimes de poderes onde tomam proporções, formas e significados, conferindo até uma nova personalidade dentro da cultura na qual está inserido. O corpo se torna um paradigma político, ora de normalização de costumes, ora de rebeldia e subversão.

Os primeiros regimes discursivos sobre o corpo tem origem na pré-história, especificamente na época em que surge o *Homo sapiens sapiens*, por volta de 1000.000 a.C. É nele que a morfologia cerebral atinge um grau significativo de maturação ao proporcionar pleno desenvolvimento do neo-córtex, refletindo em um verdadeiro salto qualitativo ao homem moderno, oferecendo condições cognitivas, biológicas e psicológicas adequadas para o aprimoramento da noção de consciência e conseqüentemente inaugurando mudanças significativas nos padrões comportamentais, nos atributos de convivência, patrocinando importantes avanços na organização social, diversidade de funções e papéis sexuais que se desdobraram nas fases pré-modernas.

Pelo fato da pré-história anteceder a escrita, colher evidências claras que demonstrem como as primeiras sociedades discursivizavam o corpo e a sexualidade torna-se um debate complexo, uma vez que tais evidências se mostram escassas e muitas vezes deterioradas. As amostras arqueológicas que remontam a este período traçam como num quebra cabeças esboços descritivos de como ao longo da História diferentes sociedades identificaram e conduziram determinados problemas.

Apesar de tal complexidade da escassez de material, é possível falar sobre os regimes de saber e poder que as primeiras sociedades utilizaram para ajustar os corpos e a sexualidade. A questão deve ser abordada sem esquivas, uma vez que é plausível estabelecer um mosaico arqueológico das diferentes plataformas ou ferramentas produzidas em diferentes sociedades, que perpetuaram as marcas do corpo juntamente com suas produções seja nos regimes de poder, status ou nas expressões da sexualidade.

A importância deste propósito encontra-se ainda em demonstrar que o advento da internet e das redes sociais, confunde os desavisados que se enganam ao acreditar que o suporte digital é o grande achado como a única plataforma de expressão das diferentes produções do corpo e de seus efeitos de sentido. Ao contrário, um estudo mais aprofundado revelará que sempre existiram “mídias” no decorrer da história que foram utilizadas como meio de discursivização e manifestação do corpo e da sexualidade. A internet, neste sentido, é apenas mais um “suporte” tecnológico entre muitos desenvolvidos pela humanidade ao longo da história para dar forma às diferentes facetas do existir.

É necessário colocar esta questão nestes termos a fim de situar as mídias digitais no seu devido raio de alcance. É evidente que os efeitos polissêmicos que o corpo atinge na internet são infinitamente imensuráveis. No entanto, cada sociedade em sua época tratou da questão situacional dos corpos de seus membros no tempo e no espaço do mundo onde habitavam. E não há dúvidas que cada povo segundo suas técnicas obtiveram êxito na intencionalidade ao qual se propuseram.

1.1 Os diferentes suportes discursivos utilizados na história para a expressão e manifestação do corpo e da sexualidade.

Em um mundo onde os afetos tornam-se cada vez mais conectados digitalmente, há uma tendência crescente entre muitos usuários das redes sociais em discursivizar, por

meio de diferentes plataformas digitais, praticamente todos os eventos diários de suas vidas. Mesmo quem resiste a hiperexposição não foge em compartilhar com amigos e conhecidos, cenas do cotidiano, seja uma festa de aniversário ou uma viagem em família. Esta forma de ser e de se apresentar pela internet criou uma verdadeira revolução na comunicação e expressão de si, na medida em que essas tecnologias potencializam infinitamente o alcance de qualquer produção feita pelo sujeito. Uma foto em determinada situação postada por um usuário no facebook, tem imediatamente um olhar panóptico³ coletivo de todos os seus “amigos” e “seguidores”, que geralmente discursivizam e ressignificam o conteúdo postado por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos.

A internet e suas ferramentas comunicacionais tornaram-se poderosa plataforma de expressão do corpo e suas produções, em particular a sexualidade. Há um específico interesse na questão do corpo e da sexualidade nas redes sociais por serem estas, justamente, a principal matéria prima dos compartilhamentos online. Muitos usuários utilizam se da rede como único canal de expressão de seus desejos, angústias, fantasias, questionamentos e insatisfações. Posicionamentos políticos, manifestações eróticas, tendências de moda ou simplesmente trivialidades do cotidiano são apresentadas ao espaço público sem a necessidade de intermediários. É o sujeito em seu espaço como produtor e divulgador direto de seus desejos mais íntimos.

O corpo é a principal vitrine de apresentação do desejo. É o corpo atlético da academia, o corpo saudável da alimentação equilibrada, o corpo maquiado da youtuber no tutorial de makes, ou ainda, o corpo da anoréxica que busca ajuda ou do depressivo que compartilha com outros usuários a dor da doença. Parece evidente que tais discursivizações encontram na rede digital o principal caminho para externalização de afetos.

No entanto, algumas questões se fazem presentes. Antes do advento das internet nos anos 90, quais mídias foram utilizadas na história para expressão e manifestação do corpo e a sexualidade? Quais suportes davam conta dessa necessidade humana de interpretação dos valores sociais e desejos expressos por meio do corpo? Sempre existiram mídias para expressão do corpo e da sexualidade que foram objeto de

³ O termo panóptico foi concebido pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785 para designar a estrutura arquitetônica de uma penitenciária onde um único guarda fixado em um ponto específico tem a visão de todos os prisioneiros, sem que estes saibam se estão ou não sendo observados. O termo designa o poder daquele que observa sem ser observado.

consumo em diferentes sociedades? Tais questões parecem emergenciais e necessitam de maior atenção como uma forma de entender o papel das tecnologias de si produzidas na história para a exteriorização do ser.

1.1.1 As expressões e suportes do corpo na pré-história.

As mais antigas plataformas, que ainda resistem ao tempo, escolhidas pelos primeiros homens pré-históricos como base de expressão da consciência de si e do seu corpo foi a rocha e o marfim. São por meio das pinturas rupestres e artefatos esculpidos por pedras em pedaços de marfim descobertas em cavernas e grutas em diferentes continentes que arqueólogos conseguem traçar em linhas tênues um passado remoto, no qual, as primeiras sociedades humanas estabeleceram seu domínio sobre o tempo e o espaço, criando assim modelos de convivência.

Particularmente a pintura sobre a rocha, muito além de uma função pictórica representa a consciência humana perpetuada naquilo que é eterno. A rocha em diferentes civilizações parece conter o significado do infinito e perpétuo. Não é de se estranhar que todos os grandes monumentos da antiguidade foram erigidos sobre a rocha; desde pirâmides, zigurates até templos dedicados aos deuses nas culturas mediterrâneas. Povos que já detinham as técnicas de construção com argila e tijolos, reproduziram na rocha sua ligação com o sobrenatural. De fato, isto está presente até os dias atuais em Igrejas Católicas onde o altar necessariamente deve conter rocha ou mármore, como sinal de ligação entre o ordinário e o extraordinário. A rocha é a porta de ligação do mundo humano ao Sagrado.

Uma das evidências mais antigas do uso de pintura sobre rocha como tentativa de estabelecer uma marca simbólica sobre o corpo e a sexualidade encontra-se na África do Sul, especificamente na Caverna de Blombos (figura 02). Trata-se de um grupo de torrões de ocre avermelhado e ferramentas com um padrão de cruz feita a machado em sua superfície. Estima-se que o achado arqueológico tenha aproximadamente 70 mil anos, ou seja, trata-se do artefato humano mais antigo encontrado em uma escavação.

Alguns estudos apontam que este grupo de ferramentas era utilizado para a produção de ocre liquefeito por meio da moagem e combinações com pedras e ossos de mamíferos. O uso deste produto era possivelmente para pintura, decoração do corpo e proteção da pele.

Tais pressupostos levam à seguinte questão: por que adornar, marcar e pintar o corpo? Talvez para converter o corpo em discurso, ou, base por meio da qual um discurso circula. Corpo marcado em ocre numa tentativa de ilustrar e dar forma a um desejo, como se o corpo fosse um ordenador de afetos que necessariamente deve ser emitido de alguma forma pelo emissor e recebidos e interpretados por um receptor. Daí a pintura corporal não ser mera expressão artística, mas um campo saturado de afetos que partem de um emissor para um receptor, ou seja, de um lado corpo como rede de significantes formador de subjetividades e de outro receptor como sujeito de interpretação e significação de discursos.



Figura 02 - Artefatos e peças em ocre encontrados na caverna de Bomblos, África do Sul. Fonte da imagem: Henning / Chris Henshilwood.

Sobre isto, segundo o pesquisador Jonathan Margolis em sua obra, *A História Íntima do Orgasmo* (2005), o uso do ocre nos corpos transcende os aspectos decorativos, tendo na verdade, grande conotação sexual:

É considerado por alguns antropólogos como um batom de 70 mil anos de idade. Se o objeto é de fato um batom, trata-se, então, da evidência mais antiga do mundo do simbolismo na cultura humana. A teoria defende que o pigmento era usado por mulheres para fazer a boca parecer-se mais com a vagina, com isso sinalizando para os homens quando o sexo estava ou não disponível. (MARGOLIS, 2006, p. 89-90)

De fato, se os estudos estiverem corretos, esta amostra aponta uma das formas mais antigas da utilização de elementos artificiais na evidenciação de afetos e desejos.

Como mecanismo de comunicação e fortalecimento de uma mensagem entre membros de um mesmo grupo humano. O simbolismo da vagina nos lábios pintados de ocre cria uma metalinguagem, como uma prótese e técnica de si para circulação de uma demanda ou necessidade, no caso sexual.

Outra grande descoberta que remonta a cerca de 35 a 40 mil anos, sendo a primeira imagem representativa do corpo humano talhada em marfim de mamute é a Vênus de Hohle Fels (figura 03), encontrada perto da cidade de Schelklingen, na Alemanha. Esta magnífica peça parece ser a mais antiga produção já encontrada de um corpo feminino desnudado com grande configuração erótica e sagrada.



Figura 03 – Vênus de Hohle Fels. Fonte da Imagem: H. Jensen/ Uni of Tubingen.

O arqueólogo britânico Paul Mellars⁴, identificou características eróticas na peça, cujos traços evidenciam o tema da fertilidade, marcada pela vulva saliente e grandes seios em um sinal claro da capacidade feminina em gerar e manter a vida. Este artefato perpetua um misto de afetos voltados a um referencial puramente sagrado, uma vez que parece evidente nos primeiros agrupamentos humanos do período Paleolítico Inferior não existir a separação entre Sagrado e Profano. Portanto, a fertilidade feminina ligada ao seu sexo está voltada a fecundidade da natureza.

Peter N. Stearns em seu livro *História da Sexualidade* (2010), oferece outro exemplo desse gesto de valorização do corpo e da sexualidade que encontra-se na figura feminina da Vênus de Willendorf (2500 a 2000 a.C) encontrada na Áustria. Trata se de uma estatueta em pedra, sem rosto e de formas avantajadas que sugerem atributos considerados eróticos, como boa saúde e capacidade reprodutiva. A imagem valoriza a mulher como centro da cultura agrícola dos primeiros povos, bem como, da singular

⁴ Sir Paul Anthony Mellars, FBA é um acadêmico, arqueólogo e pré-historiador britânico. Ele é Professor Emérito de Pré-História e Evolução Humana no Departamento de Arqueologia da Universidade de Cambridge.

importância ao corpo e ao sexo como porta de acesso entre a fertilidade da mulher e a fecundidade da terra.

Vale ressaltar que a ausência do rosto e a presença de uma testa saliente (figuras 4 e 5) é analisada por alguns estudiosos como sinal de grande inteligência e astúcia feminina, no qual, a personalidade é substituída pela equivalência de ordenar e controlar as realidades adversas da família e do grupo social. Tais representações também estão presentes em máscaras ritualísticas em algumas etnias africanas⁵ que suprimem quase totalmente a face feminina em sinal de sua inteligência aguda e beleza.



Figura 04 - **Vênus de Willendorf**

Fonte: Galeria de fotos Wikipedia



Figura 05 - **Máscara Pwo Mwana - Congo.**

Fonte: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br>

No entanto, existem pesquisadores como Margolis que questionam até que ponto tais Vênus encontradas em diferentes regiões, datadas do período Neolítico, cumprem apenas um papel religioso voltado à deusa mãe, símbolo da fertilidade da terra. Existem evidências de que muitas peças possam ser na verdade objetos de pura pornografia.

O autor oferece como exemplo, o encontro no percurso entre a Rússia e a França, de mais de duzentas estatuetas femininas que datam a cerca de 30 mil anos. Como citado acima, estas vênus não apresentam rosto, mas possuem grandes seios, ventre largo e em algumas estátuas há vulvas salientes, com detalhes dos grandes lábios e uma inclusive com clitóris (em muitas pinturas rupestres há um grande número de vulvas). O curioso é o fato de existir poucos indícios de figura equivalente ao homem.

⁵ Estas máscaras são encontradas no Gabão, Angola, Benin, Congo entre outras regiões.

A dedução é que estas estatuetas tenham uma origem voltada a cultos religiosos de fertilidade, ou, como objetos educativos utilizados pelas mulheres para ensinar as meninas a arte de se tornar mulher.

Ou ainda, como frisa Margolis:

As estatuetas poderiam também ser nada mais do que pornografia primitiva, as garotas da capa em três dimensões para que os homens longe das mulheres se masturbassem; afinal de contas, porque os homens paleolíticos em viagens de caça seriam diferentes de seus sucessores modernos em viagens de negócios, masturbando-se em quartos de hotel? Assim, as estatuetas seriam deusas reverenciadas ou garotas atraentes e comuns? Adivinhar o motivo delas tem sido o objetivo de gerações de acadêmicos. (MARGOLIS, 2006, p.90)

Não há como afirmar categoricamente que tais estatuetas possuíam esta conotação de auto estimulação masculina, como “revistas pornográficas” da pré-história, todavia, não se pode descartar tal possibilidade frente a uma necessidade inerente em cada ser humano, o *princípio de prazer*⁶. Todavia, uma coisa é certa, sua existência está ligada a um tipo de discurso que objetiva transmitir uma mensagem. Parece ser uma mídia produtora de efeitos de sentido, tanto religiosa quanto erótica. Um elã que liga uma emergência existencial do sujeito em relação ao meio do qual faz parte. Os detalhes das peças demonstram um peculiar interesse pelos órgãos genitais, o que representaria o imaginário de fecundidade e prazer sexual.

As figuras masculinas também são encontradas na pré-história. Há nestas peças recorrente hibridação de homens com animais que resulta na formação de um terceiro ser fruto desta junção. É o caso do Homem-Leão de Hohlenstein Stadel, encontrada em 1939 na Alemanha com de cerca de 40 mil anos. Trata-se de uma pequena escultura cunhada em marfim com altura de 29,6 centímetros, possivelmente é a figura masculina mais antiga revelada pela arqueologia.

A estatueta é uma forma antropozoomórfica que mistura a um corpo humano, a cabeça de um leão, configurando a apresentação de um ser imaginário. A peça carece de detalhes que ajudem na identificação de sua utilidade como a parte frontal do peito e dos órgãos genitais.

⁶ Na teoria psicanalítica da personalidade de Freud, o *princípio do prazer* é a força motriz do id, que busca a satisfação imediata de todas as necessidades, desejos e impulsos. Em outras palavras, o *princípio do prazer* se esforça para cumprir nossos impulsos mais básicos e primitivos, incluindo fome, sede, raiva e sexo. Quando estas necessidades não são satisfeitas, o resultado é um estado de ansiedade ou tensão. (Fonte: <https://psicoativo.com/2015/12/principio-do-prazer-segundo-freud.html>)



Figura 06 – **Homem Leão**. Fonte da imagem: Museu de Ulm – Alemanha.

Muito se discute sobre a utilidade da escultura na sociedade que a produziu. O pesquisador e psicanalista Anchyses Jobim Lopes em seu artigo, *Arte da era glacial – arte das cavernas – e o primeiro totem da humanidade* (2016) argumenta a este respeito:

É inquestionável que a estatueta é uma combinação de duas formas da natureza numa terceira que jamais existiu, a não ser pela imaginação. E que não possuía uma utilidade prática facilmente explicável, tal uma pedra lascada ou outro objeto cortante utilizado para caça. Objeto de culto? Amuleto? Utilizado por um xamã como símbolo de seu poder? Tudo isso possivelmente, e talvez muito mais. Além da combinação de homem e animal, nos braços há o talhe de sete linhas paralelas horizontais. Podem ser associadas com linhas semelhantes em pinturas pré-históricas de cavernas. Ao mesmo tempo também podem representar: pintura corporal, tatuagem, cicatrizes ou marcas com fogo. Seja como for, as linhas revelam a estatueta como um objeto intencionalmente dotado por seu criador de ainda mais sentidos simbólicos. (LOPES, 2016. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>).

Uma análise antropológica de seres híbridos com partes humanas e de animais presentes em diferentes civilizações antigas, como Mesopotâmia, Grécia e Egito, revela uma necessidade de ideação de poder pelo homem. Quando se atribui partes de animais ao corpo humano se deseja incrementar à inteligência do homem as qualidades inerentes a estes animais, criando um ser inefável e perfeito, ou seja, um deus. Os atributos de força (leão, touro), destreza e visão ampla (águia, falcão), capacidade sensitiva e olfativa (chacal) são unidos a capacidade intelectual do homem, criando assim um

Totem⁷ que será cultuado por um grupo. Sendo o homem desprovido destes atributos se idealiza em um ser Absoluto e divino as características desejadas e invejadas em outros animais.

O resultado é um deus híbrido que domina e superfatura virtudes ausentes no homem comum, mas que este pode invocar por meio de rituais e cerimônias. As imagens cunhadas na rocha ou marfim torna-se uma plataforma de ligação do homem com o Sagrado que por meio da invocação litúrgica atualiza um evento e o movimento de forças.

Sigmund Freud (1856-1939) em seu livro, *Moisés e o Monoteísmo*, evidencia a importância que tais simbolismos antropomórficos tiveram no estabelecimento de normas e valores sociais. A imagem do totem que representa o discurso agregador e moralmente correto, divino, pode estabelecer tabus⁸ e silenciamentos a práticas consideradas anormais. Totem como elemento regulador de vivências cotidianas, bem como, base ou ferramenta na implementação de proibições e punições que deveriam gerir a vida dos sujeitos em seu espaço social.

Escreve Freud:

O primeiro passo para longe do totemismo foi a humanização do ser que era adorado. Em lugar dos animais, aparecem deuses humanos, cuja derivação do totem não é escondida. O deus ainda é representado sob a forma de um animal ou, pelo menos, com um rosto de animal, ou o totem se torna o companheiro favorito do deus, inseparável dele, ou a lenda nos conta que o deus matou esse animal exato, que era, afinal de contas, apenas um estágio preliminar dele próprio. Em certo ponto dessa evolução, que não é facilmente determinado, aparecem grandes deusas-mães provavelmente antes mesmo dos deuses masculinos, persistindo após, por longo tempo, ao lado destes. Nesse meio tempo, uma grande revolução social ocorrera. O matriarcado fora sucedido pelo restabelecimento de uma ordem patriarcal (FREUD, [1939], 1996, p. 97).

Importante salientar a partir da análise freudiana que a figura do totem transforma-se na plataforma ou caminho (mídia) necessário na formação cultural de um povo. Assim, como um catalisador de produções humanas, é por meio destas imagens antroprozoomórficas que o ser humano se fixa em sua realidade, reconhece seu espaço

⁷ Um totem ou tóteme é qualquer objeto, animal ou planta que seja cultuado como um símbolo ou ancestral de uma coletividade. A religião derivada do culto do totem é denominada totemismo. É em relação ao totem que as coisas são classificadas em sagradas ou profanas dentro da coletividade. (Wikipédia)

⁸ Normas, valores, moral, ética, padrões de comportamento.

no mundo e cria suas funções enquanto gênero (homem-mulher), papéis sociais e reconhece nestes símbolos transcendentais fixados pela sociedade a ordem discursiva que estabelecerá os tipos de saberes que orientarão a vida do grupo.

Quase sempre as representações masculinas encontradas pelos arqueólogos são dotadas de aparatos fálicos. Características que evidenciassem a virilidade e potencial masculino que tudo leva a crer parecem ter sido reverenciados nas sociedades pertencentes a Revolução Agrícola.⁹ Há certa lógica nesta concepção de importância do falo como sinal de poder e dominação frente à grupos humanos que se tornavam cada vez maiores, dando origem à demandas de alimentos, bem como, regras e normas de comportamento social mais rígidas para o controle e sobrevivência da sociedade.

Parece que a substituição progressiva do caráter matriarcal das primeiras comunidades para o patriarcalismo acompanha o crescimento demográfico e a necessidade crescente de “controle” social baseado não mais na sacralidade da terra-mãe, símbolo da fertilidade feminina, mas agora, à força de tração que tem no homem sua mais forte expressão. A imagem do “pênis” como centro da vida social que inaugura a sociedade falocêntrica acompanha tais mudanças.

Stearns analisa a importância conferida a este potencial masculino em uma gravura encontrada na França que retrata uma leoa lambendo um enorme pênis humano, demonstrando assim como o símbolo do falo ocupa o imaginário de controle nestas comunidades. Ainda sobre tal evidencia o autor descreve:

Costumava-se esculpir gravetos fálicos, que provavelmente eram usados em rituais sexuais. Alguns grupos fabricavam joias para adornar o pênis, e ornamentos desse tipo foram encontrados em cemitérios. Também eram comuns os monumentos de pedra que realçavam o pênis, às vezes trazendo imagens do ventre feminino, mas implicando a dominação sexual masculina. (STEARNS, 2010, p. 24)

O tipo de façanhas sexuais ligadas ao símbolo do pênis transcende o órgão masculino, está ligado ao imaginário do controle. A psicanálise freudiana se debruçou sobre esta problemática na obra *O mal estar na Civilização* (1930), onde Freud pensa o problema do desejo e da vontade de poder inata ao ser humano frente à civilização e a vida comum, que impõe limites e economias sobre tais necessidades narcísicas. Tal

⁹ É definido o conceito Revolução neolítica ou Transição Demográfica Neolítica, às vezes chamada de Revolução Agrícola (10.000 anos A.C.), como o período de transição de sociedades humanas nômades de coletores e caçadores para sociedades sedentárias marcadas pelo crescimento populacional o que obrigaria o cultivo da terra para a produção de alimentos.

dicotomia entre pulsão egóica e bem estar social cria o chamado mal estar na civilização, inaugurando assim a moral e com ela a neurose civilizatória. A moral reguladora das pulsões humanas é pautada na figura do “pênis”, ou do controle do totem, daí a inauguração das sociedades totêmicas que têm em símbolos fálicos a representação do seu poder e controle.

Basta imaginar que toda grande Instituição que representa poder utiliza em objetos fálicos a mídia de re-apresentação deste poder. Como exemplo, as inúmeras pirâmides espalhadas em diferentes grupos humanos, as torres das catedrais medievais que não poderiam ser superadas em altura por outra construção, o báculo do bispo juntamente com sua mitra sinal de pastoreio e autoridade sobre os fiéis, ou ainda, o cetro e coroa real como sinal de domínio e controle do monarca sobre os súditos.

A pesquisadora brasileira, Luiza Maria Bastos de Castro em trabalho junto aos principais sítios arqueológicos do nordeste do Brasil, colheu e analisou vasto material sobre o controle da sociedade falocêntrica nos primeiros agrupamentos humanos nas américas.

Em sua pesquisa intitulada, *Representações sexuais na pré-história - Parque nacional serra da capivara: padrões cenográficos* (2010), Castro apresenta um tênue quadro de como os diferentes grupos que povoaram regiões, hoje denominado nordeste brasileiro, estabeleceram padrões discursivos de controle social.

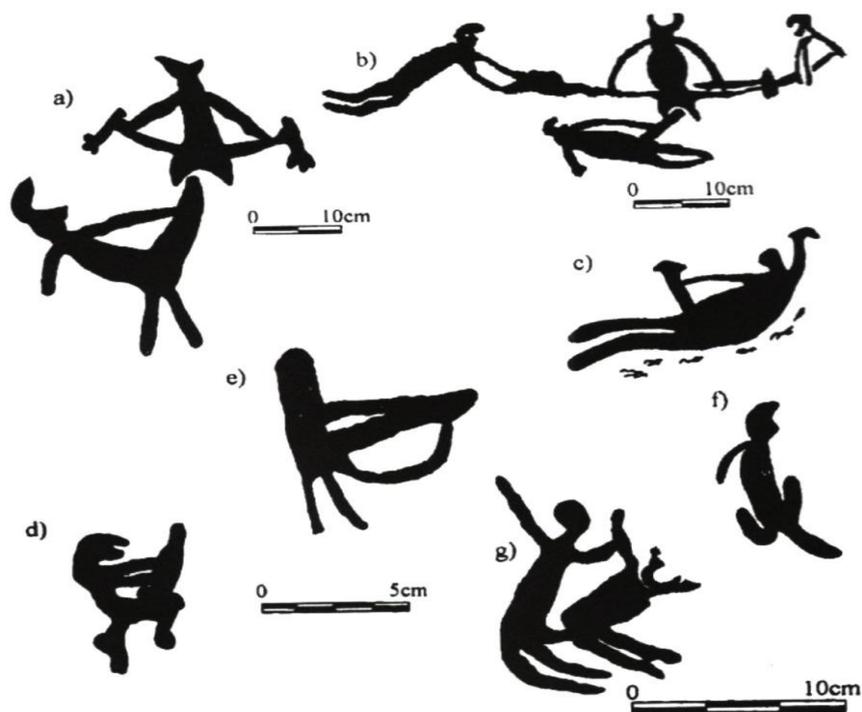


Figura 07 - Tradição Nordeste, subtradição Seridó - RN. **Cenas de sexo.** Fonte: Martin, 2008.

A gravura pintada na rocha encontrada na região de Seridó no Rio Grande do Norte (figura 07) parece representar a possessão feminina pelo poder masculino, evidenciando o falo como símbolo deste controle. Em sua configuração representativa superfatura o pênis dando a ele proporções imagéticas o que evidencia a forte conotação do potencial masculino.

Nas palavras da autora:

Com relação às cenas de cópula exibem a possessão violenta da fêmea ou o simples ato amoroso milenar. O observador desses testemunhos da obra humana verá, figuras de guerreiros, armados, que se exibem enfrentando inimigos e junto a eles figuras itifálicas, de descomunais membros sexuais parecem querer inculcar nos combatentes a sua força vital, a força identificadora da potência do macho, desde a pré-história até os nossos dias. (CASTRO, 2010, p. 33)

Esta ampliação dos membros sexuais parece evocar o discurso do medo sobre o observador, como em certos animais que em perigo eminente aumentam seus corpos em tamanho, inflando-os, oirçando espinhos ou a plumagem a fim de demonstrar ao inimigo sua voracidade e periculosidade. A cena de sexo com pênis enormes cria um efeito de sentido específico, poder e saber como mecanismo de controle social.

1.1.2 Marcas e sinais do corpo e sexualidade nas antigas Civilizações.

O advento da tradição oral nas primeiras comunidades humanas deu origem a um instrumento vital de discursivização, entendimento e controle dos corpos e de suas produções, o Mito. Segundo Santos (2018), esta ferramenta surge como Palavra Sagrada que não somente decifra os desejos e pulsões dos corpos, mas narra como estes foram concebidos e criados pelo poder divino. Basta observar o gênesis na tradição judaica, o homem sendo plasmado pelas mãos de Deus a partir da argila, tendo o sopro divino em suas ventas que o trouxe à vida, assim como a mulher concebida da costela do homem:¹⁰

O mito narra o surgimento do cosmos, do mundo, do homem e os porquês da existência humana. Por isso, em todas as civilizações, o mito foi o elemento decisivo na criação das instituições de poder,

¹⁰ Gênesis, 2; 7.

sejam as religiões, o governo, a justiça, a moral e a própria educação. Mito como palavra Sagrada ordenadora e ritualística que inscreve os corpos a uma ordem discursiva socialmente aceita. Mito que estabelece marcas, proibições, instaura tabus, cria valores, forma a moral e reinscreve o sujeito no mundo. (SANTOS, 2018, p. 54)

O caráter erótico está presente em grande parte nos mitos cosmológicos. É conhecido na narrativa egípcia da criação do mundo de 2.600 a.C., Atum, o deus-sol, que ao se masturbar na água, o efeito de sua ejaculação é a criação do Rio Nilo. Diz o mito que Atum, o ser supremo, ao se masturbar na água formou Shu deus do ar e Tefênet, a deusa da umidade. Atum se tornou Rá, o deus do sol. A vagina de Tefênet criou o orvalho e o amor incestuoso deles criou a Terra.

Já no mito hebraico da origem do mundo a palavra de Deus é o elemento fértil da criação de tudo, *espermatikós logos* (semente do verbo). A palavra de Deus da origem ao universo. Na tradição egípcia e de outros povos é pelo ato sexual que todas as coisas são criadas.

O mito grego dos deuses primordiais escrito por Hesíodo na obra *Os Trabalhos e os Dias*, também é uma narrativa da criação do universo pelo ato sexual, onde Terra casada com Céu dá à luz muitos filhos, Planícies, Montanhas, Oceanos etc. A evocação do sexo como elemento de criação oferece ao mito uma perspectiva erótica inerente ao discurso.

Como afirma Brandão (2001), o mito é o relato de um acontecimento ocorrido em um tempo primordial, por meio da intervenção de entes sobrenaturais que inaugura uma nova realidade. Como elemento ordenador da realidade, o mito possui o poder de criar e estabelecer uma moral, um costume ou proibir uma prática ou realidade social:

De outro lado, o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a parole, a palavra “revelada”, o dito. E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, “ele é, antes de tudo, uma palavra que inscreve e fixa um acontecimento”. (BRANDÃO, 2001, p. 36)

Portanto, o mito não é uma mentira, mas sim uma narrativa extraordinária, da ordem do fantástico que quando contada inaugura um acontecimento e estabelece uma nova realidade, seja ela da criação do universo, do estabelecimento de uma norma social

ou uma proibição moral. Parece claro, que os primeiros códigos de ética que orientaram as antigas civilizações, tiveram no mito e na religião sua força e razão de ser.

As tradições orais juntamente com o rito religioso estabelecem antes mesmo da escrita a base valorativa que deu origem à tradição cultural de diferentes grupos humanos. Por isso, o mito é antropológico, pois nasce da consciência de si do ser humano, como tentativa de situar o mundo e o espaço que cada pessoa deve ocupar na sociedade.

Estes regimes discursivos estabeleceram sobre o corpo sua economia de valores. Por isso, cada civilização criou ao seu modo saberes que por meio das Instituições de poder (família, religião, ética, etc), devem disciplinar e formar o tipo de sujeito que se desejava socialmente.

A historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna escreve a esse respeito,

território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infundáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas, ao mesmo tempo, escondê-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual (SANT'ANNA, 2004 p. 3).

Sendo o corpo uma construção biocultural parece, que desde a pintura rupestre, passando pelo mito até as plataformas modernas, como a Lei escrita, que as marcas estabelecidas por diferentes povos sobre a ordenação do corpo o inscreve no tempo e no espaço da civilização no qual está inserido.

A) Mesopotâmia

Sobre esta temática, o Código de Hamurabi (1760 a.C) escrito na Mesopotâmia, é uma das mais antigas leis de regulamentação do corpo e da sexualidade além de tratar sobre outros temas. A palavra escrita em forma de Lei em um totem fálico (figura 8) é baseada na lei de talião, “olho por olho, dente por dente”. As 281 leis foram talhadas numa rocha de diorito de cor escura que ocupava o centro da cidade a fim de que todos tivessem acesso e ciência das determinações nela escritas.

Entre as suas determinações, assegurava ao homem o direito de ter concubinas e amantes. À mulher o direito de pedir divórcio caso o homem não assegurasse uma vida farta e feliz, porém com a exigência que mantivesse sua honra sexual sob o risco de severa punição. Reconhecia as prostitutas e garantia direitos para elas e seus filhos.

O Código de Hamurabi é o primeiro conjunto de leis que surge como tentativa de criar uma sociedade justa. Sua premissa é proteger os mais fracos dos mais fortes, e esta regra deve ser inquestionável e dogmática. Por isso foi esculpido na rocha, uma base sólida e incorruptível para que seus preceitos éticos se eternizassem no corpo e na mente da população.



Figura 08 – **Código de Hamurabi**. Fonte: Museu do Louvre, Paris.

B) China

Todavia, o Código de Hamurabi não é o único ordenador de registro histórico que trata da orientação do corpo e da sexualidade. A China produziu os primeiros manuais sexuais bastante detalhados. Este material parece vir da dinastia Zhou, a partir de 1050 a.C. e sugere grande tolerância a sexualidade e às manifestações do corpo, só existindo certa regulação no que diz respeito à hierarquia social (transar com pessoas de posição social inferior) e de ordem familiar (proibição do incesto):

Assim, o pênis era a cauda do dragão celestial ou a haste de jade. O orgasmo era descrito como uma explosão de nuvens. Os manuais e também certos exemplos de pornografia explícita, eram escritos tanto para homens como mulheres, outro sinal da considerável equiparação sexual de que desfrutavam as mulheres nas formulações chinesas iniciais. (STEARNS, 2010, p. 49)

Apesar do material escrito estar disponível apenas para uma minoria alfabetizada, acredita-se que as orientações dos manuais eram transmitidas de boca em boca entre a população destacando se os direitos de prazer conferidos à mulher.

Vale ressaltar que os princípios que regem o corpo e sexualidade comungam de concepções míticas e filosóficas na cultura chinesa. Desta forma, a relação heterossexual ajudava o ser humano a equilibrar as forças opostas do yin e yang. No orgasmo os homens consumiam sua energia yang, mas absorviam a energia feminina yin.

C) Egito

Os corpos do povo no antigo Egito sempre estavam em evidência. O clima quente obrigava homens e mulheres a se despojarem de roupas pesadas o que levou a uma naturalização do nu como elemento comportamental comum constitutivo da sociedade:

Sob o sol inclemente, as mulheres usavam pouco mais do que um traje transparente de linho, as escravas nem isso – apenas algumas contas. Os homens vestiam uma minisaia, com um facilmente descartável manto de lã para a noite. (MARGOLIS, 2006, 131)

O professor Jorge Roberto Ogdon em *Notas sobre erotismo e sexualidade no Antigo Egito* (2016) oferece uma visão clara de um número considerável de plataformas discursivas utilizadas no Egito para expressão do corpo e da sexualidade. Segundo o autor, a vida sexual no período dos faraós se processou de forma natural e livre quase sempre. “No Egito foram usados todos os tipos de expressões artísticas imagináveis: desenho e pintura (especialmente em ostraca e papiros), escultura (em pedra, barro ou cerâmica) e objetos de faiança (estatuetas e "objetos fâlicos"). (Ogdon, p.1).

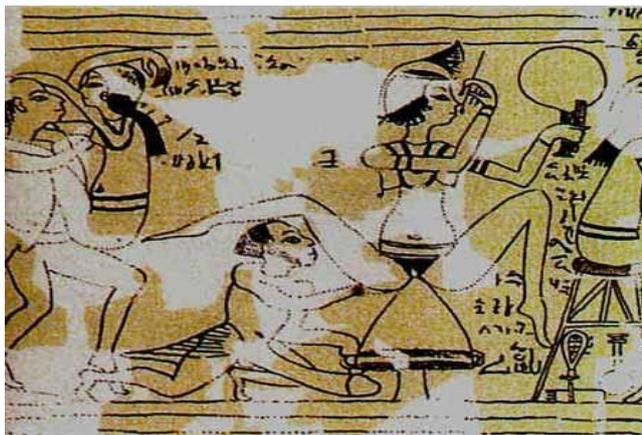


Figura 09 – **Cena de fragmento do papiro de Turin.** Fonte: Museu do Egito.

Um exemplo é a cena de parte do papiro de Turin (figura 09) que ilustra mulheres sendo penetradas por pênis e objetos fálicos gigantes, o que demonstra o valor do prazer e do orgasmo. Tal pintura parece pertencer ao período de Ramsés II (1279 – 1213 a.C). A imagem icônica é utilizada tanto como adorno para casas como material para masturbação e felação entre parceiros ou ainda em ato solitário.

A expressão da sexualidade tinha também conotações sagradas, como pode ser visto em um papiro egípcio (figura 10), no qual uma escrava pratica felação na múmia do faraó sob o olhar atento de Anúbis o deus dos mortos.



Figura: 10 – **Felação.** Fonte: Museu do Cairo.

Segundo Ogdon, existiam práticas sexuais que envolviam membros da corte e sacerdotes, tais evidências são apresentadas em diferentes pinturas e expressões artísticas.

Algumas gravuras eram pintadas no interior das edificações, sejam nas paredes das casas ou no interior de templos (figura 11). Segundo Margolis, as casas de operários e da classe média eram adornadas por pinturas exóticas e de sexo explícito. O egípcio

tinha grande preocupação com a própria aparência e prazer físico, seja por roupas, maquiagem, joias, perfumes e até pênis artificiais utilizados para masturbação.



Figura 11 – **Cena de Sexo** – Fonte: Museu Egípcio de Turin.

A pintura acima trata das posições sexuais usuais entre heterossexuais. Sobre tal questão o professor Ogdon salienta que,

no sexo vaginal, as quatro posições mais usuais eram: a) o homem em cima da mulher; b) o homem virado pra cima e a mulher montada sobre ele; c) o homem de joelhos no meio das pernas da mulher e d) a posição de lado com a mulher de costas ao homem. (OGDON, 2016, p. 2)

É sabido que as mulheres egípcias detinham maior liberdade sexual, com direitos inexistentes se comparados à outros povos como os gregos. As filhas de famílias ricas tinham casamentos arranjados o que não ocorria com grande parte da população no qual o conceito e o valor da virgindade eram inexistentes.

D) Grécia

Os antigos gregos foram os primeiros a criar uma verdadeira cultura da busca do prazer e de leitura das produções do corpo. As diferentes plataformas de discursivização sexual partem dos poetas rapsodos (narrador de mitos) na narrativa mitológica, passando pela literatura e poética se expressam no teatro e na pintura em diferentes texturas e chegam à educação, política e à Lei.

A peça teatral *As Bacantes* de Eurípides é emblemática em relação ao interesse do homem grego quanto a questão do orgasmo feminino. O texto trata do apetite sexual e o certo terror que os homens compartilhavam em relação à energia sexual e

insaciabilidade da mulher, principalmente as virgens¹¹ por volta da puberdade. Muitos homens atestavam que a cura para tal apetite seria promovendo o casamento, de preferência na puberdade, após o qual a gravidez traria a cura para qualquer ferocidade sexual.

Os valores e as regulamentações gregas empenhavam-se em controlar a sexualidade feminina. A organização social e a economia até o século VI a.C. era baseada na agricultura, sendo os agrupamentos divididos em pequenas comunidades rurais, tendo a vida familiar e o contato com a natureza seu aspecto mais evidente. Neste ambiente agrícola, os casamentos eram arranjos econômicos e não baseados na atração sexual. O estímulo ao casamento precoce também estava ligado à destinação de crianças para auxiliar na economia doméstica por meio do trabalho braçal e comercial. A submissão sexual e social da mulher se explica, em parte, por este condicionamento social.

Antes do casamento as virgens ficavam reclusas em seu lar, como posse do pai, muitas se dedicavam ao serviço religioso como virgens sagradas. Casavam-se por volta dos 12 anos ou menos. Quando casadas tornavam-se objeto de posse e sofriam desprestígio social, só podendo sair de casa acompanhadas pelos maridos. Isto em parte por conta de serem vistas como criaturas libertinas e imorais por natureza, daí o controle extremo sobre seus corpos. A mulher ideal deveria trazer consigo as virtudes da castidade, da devoção ao marido e à maternidade.

As mulheres casadas andavam com muitas roupas e cobertas praticamente dos pés à cabeça, ao contrário dos homens que andavam quase nus pelo espaço público, tendo apenas um manto cobrindo o corpo.

Segundo Stearns,

a maior oportunidade de que as mulheres dispunham de se aventurar na esfera pública – mais uma vez, em nível respeitável – envolvia a participação nos festivais agrícolas, ocasiões que se pressupunha que deviam passar por períodos de abstinência sexual, de modo a conservar energia social para favorecer colheitas generosas e abundantes. (STEARNS, 2010 p. 55)

Claro que neste período em que as mulheres saíam para os festejos agrícolas, evidencia-se a necessidade da benção das deusas a fim de potencializar sua fertilidade, e

¹¹ O conceito de virgindade é criado no século XIX pelos positivistas. Na antiguidade não existem nomenclaturas morais que ofereçam o significado atual sobre virgindade.

a concepção de filhos saudáveis. Esse se tornava o espaço-tempo anual onde podiam sair sem os maridos, beber e se embriagar com outras mulheres, utilizando-se de taças ornadas com pinturas de cenas de sexo e alusões à orgias. Fora isso, pouco espaço possuíam para o prazer e os deleites sexuais reservado apenas aos homens e as hetairas.¹²

O legislador Sólon, por volta de 600 a.C. estabeleceu algumas leis sexuais em relação ao casamento que favoreceu em certa medida o prazer feminino. Entre as leis firmadas estava o dever conjugal do marido de pelo menos três vezes por mês copular com a esposa. Também constava o direito do marido traído em matar o rival pego em adultério. Na prática tais leis também legitimavam a garantia do prazer masculino que já ocorria em relações extramaritais.

A prostituição era inteiramente aceita em toda Grécia, Solón instituiu um preço fixo para os bordéis geridos pelo Estado. Ao homem existia um leque de possibilidades ao prazer, conferidos no acesso ao sexo com prostitutas ou com outros homens nos banhos públicos.



Figura 12 – Mestre acariciando rapaz. Fonte: Museu Britânico.

A chamada *filia*, presente principalmente no período da Grécia Clássica, amor entre amigos, era estimulada para o aperfeiçoamento da coragem, força e virilidade masculina. Muitos mestres ou filósofos (figura 12) mantinham esse tipo de relação social com seus discípulos como uma forma de agregar ao componente pedagógico os elementos de aprendizagem de força, companheirismo e amor ao próximo. A exigência

¹² As hetairas eram companheiras que não se limitavam à serviços sexuais; tinham ótima educação sendo profundas conhecedoras de filosofia, política e ética. As hetairas eram independentes e poderiam gerir os seus próprios bens.

militar e social por um corpo em boa forma teve grande conotação homoerótica. Não é raro encontrar textos em que pais se queixavam de mestres que não tinham afeição e carinho sexual suficientes com seus filhos. Como se lê na comédia *Os pássaros*, de Aristófanes,

que bonito, hein, seu patife?! Você encontra meu filho saído do ginásio, fresco do banho, e não o beija, não lhe diz uma palavra, não o abraça e nem sequer apalpa seus testículos. E ainda diz que é o nosso amigo!” (MARGOLIS, 2006, p. 151)

A cerâmica grega fornece registros da vida sexual entre os gregos, são ricas em cenas do cotidiano (figura 13) das casas e espaços públicos. A vida libidinosa dos gregos foi perpetuada em vasos, taças e ânforas caprichosamente pintadas, demonstrando o apetite sexual de ninfas e sátiros nus entre oliveiras e árvores, cenas de homens e mulheres amando se e banhando se em rios. Embora essas representações pudessem ser fruto da imaginação artísticas elas expressavam um conteúdo da cultura grega.



Figura 13 – **Homens se tocando** – Ânfora – Séc. V a.C. – Fonte: Museu do Louvre.

Em relação ao sexo anal, legalmente estimulado desde cedo na educação grega era sinônimo de força, saúde e virilidade. O valor dado pela cultura grega que justifica a cópula entre homens passa pela importância dada ao “sêmen”, no ato sexual. Ao trocar sêmen na ejaculação o homem dá e recebe “semente”, o que potencializa sua fertilidade e coragem. O ato sexual não tem apenas um fim em si ligado ao prazer, mas

desempenha uma função social mais ampla. Trata-se da manutenção de um tipo social específico de desempenho de papéis que o homem necessariamente deve cumprir. Todo homem respeitável deveria ter seu mestre que o iniciava no conhecimento e também na vida amorosa. Cada homem de grande prestígio deveria ter seu “amigo” que com ele compartilharia afeto e intimidade.

Esta relação homoafetiva não pode ser considerada estritamente homossexualidade no sentido moderno da concepção, uma vez que é uma prática social comum a todo território e cultura grega. Existiam obviamente homens e mulheres que possuíam a orientação homossexual, no entanto, estes desempenhariam outras funções sociais na sociedade. O cidadão tinha seu (s) amigo (s) de *filia*, amantes, concubinas e prostitutas, mas também a esposa que era a mãe de sua prole e cuidadora do lar.

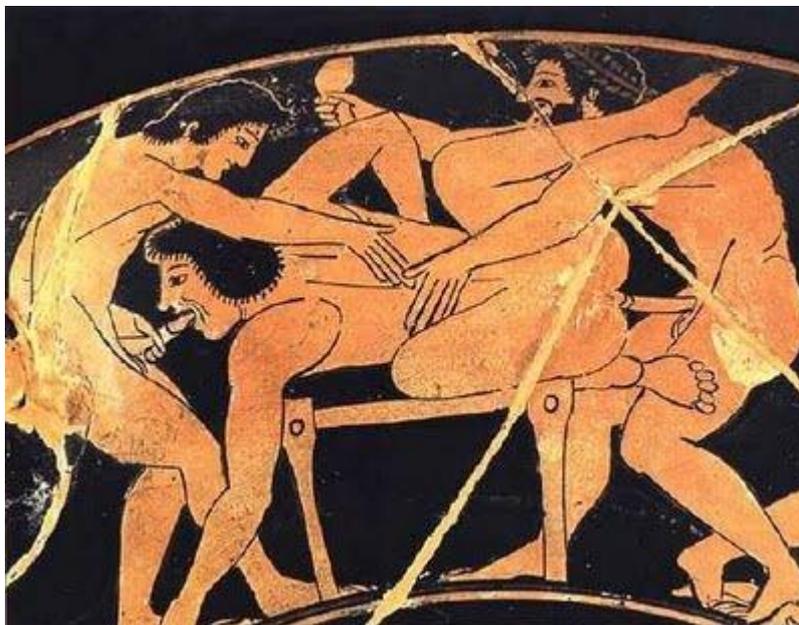


Figura 14 – Felação e Sexo anal – Pintor: Pedieo – Fonte: Museu do Louvre.

Sendo a *filia* entre homens um fato social (figura 14) era inquestionavelmente uma forma eficaz de transformar o jovem num cidadão íntegro. O legislador Licurgo recusava-se a considerar qualquer cidadão como homem de valor se não tivesse um amante homem.

Como afirma Margolis,

as pinturas do intercurso anal em vasos geralmente mostram os participantes como membros do mesmo grupo etário. Mas pinturas e ilustrações nas taças masculinas usadas nos *symposia* (festa onde se bebia e se realizavam debates intelectuais) tendem a mostrar homens mais velhos tendo orgasmos entre as coxas de um jovem adolescente. O jovem seria o convidado de honra, assistindo à festa com a

permissão do pai e convidado por outro homem mais velho que o apreciava – e que encomendava cerâmica especial celebrando a beleza do jovem. (MARGOLIS, 2006, P.153)

A pintura em Ânforas não é o único suporte da arte erótica na antiga Grécia, também há pintura nas paredes das residências de famílias aristocráticas, bem como, em templos e no espaço público. A naturalidade com a qual a questão sexual era tratada não incidia em coações à livre expressão de uma vivência ou ilustração erótica no meio social.

Um bom exemplo da liberdade sexual entre os gregos está presente entre os filósofos cínicos no período helenístico. Diógenes considerado pai desta escola incentivava a masturbação como um ato definidor de auto-suficiência. Homens se masturbando foram retratados em vasos de terracota. O próprio Diógenes tinha a prática de se masturbar em público.

Já a masturbação feminina chamada de *Anaphlan*, traduzido como *fogo alto* era incentivado à mulher grega antes do casamento. Apesar de existirem os textos dos médicos hipocráticos gregos descartando a masturbação feminina ao afirmar que nada substituiria a importância do homem com a força de seu esperma no prazer feminino. Por isso, é ocultada a masturbação feminina em parte na literatura e em grande parte da pintura grega.

No entanto, sabe-se que o uso de pênis artificiais era comum entre muitas mulheres na sociedade grega. Os chamados *olisbos* utilizados eram utilizados como instrumento de prazer na privacidade individual. Tal liberdade existente era encontrada em regiões específicas da Grécia como na ilha de Lesbos, retratado nos poemas eróticos da poetisa Safo. Em um de seus orgasmos solitários ela escreve:

*Quando te vislumbro, nenhuma palavra saí de meus lábios inertes,
Tenho a língua amarrada, uma chama sutil percorre meu corpo,
Meus olhos não veem, só murmúrios chegam aos meus ouvidos,
O suor poreja minha fronte, um frêmito perpassa,
Cada um dos membros, mais demasiada do que as ervas,
Me torno, e num paroxismo,
Sinto-me morrer. (SAFO, Hino a Afrodite e outros poemas)*



Figura 15 – **Masturbação feminina com olisbos** – Fonte: Museu de Berlim.

Algumas pinturas (figura 15) retratam mulheres fazendo o uso de olisbos, como de uma gravura em vaso mostrando uma mulher nua tomando uma ducha após o uso de seu olisbos. Alguns literatos utilizam metáforas que invocam a frustração da mulher como o motivo maior do uso de tais instrumentos. Isto fica evidente na peça *Lisístrata* de Aristófanes, que evoca a ideia que o uso do artefato é um ato solitário usado como frustração das mulheres na falta do falo masculino.

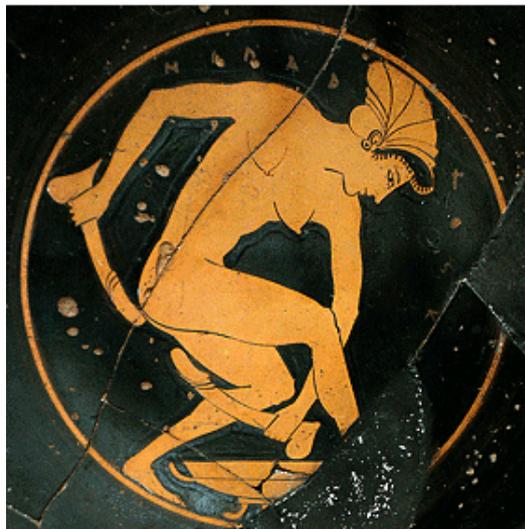


Figura 16 – **Masturbação feminina.** – Museu de Berlim.

Margolis afirma que por volta de 500 a.C o fabrico e comércio de olisbos (figura 16) tomou proporções comerciais, sendo muito consumido por mulheres gregas e de outras regiões do ocidente ao Oriente Médio:

O fabrico de pênis artificiais tornou-se uma indústria e um comércio caseiro por volta de 500 a.C. numa determinada cidade jônica, Mileto. Os olisbos de Mileto, exportados para todo o mundo grego, eram fabricados por sapateiros e feitos de madeira e couro acolchoado, destinados a serem lubrificadas com azeite de oliveira. A habilidade dos sapateiros era costurar cuidadosamente o couro de cabra jovem

para que os pontos não ferissem as usuárias. (MARGOLIS, 2006, p.162)

O fato mais importante no curso desta pesquisa é perceber que este instrumento de prazer (olisbos) se converte em um mecanismo ou plataforma, onde circulam os desejos de prazer e realização sexual. Como plataforma que inaugura um expediente erógeno do prazer solitário ou orgiástico utilizado por mulheres que compartilhavam o adereço como catalisador e potencializador de prazer. Esta é a função de uma plataforma, servir como moldura para enquadrar um movimento, seja o pênis artificial, a pintura na parede residencial ou no espaço público, ou ainda no vaso, taça e até mesmo em adereços de ornamento de monumentos ou prédios particulares ou públicos.

Os pênis artificiais eram esculpidos em espaços públicos especialmente para demonstrar poder, força, vigor e capacidade reprodutiva, como símbolos discursivos que evidenciassem a virilidade de um povo e sua capacidade criativa. Por isso a representação do pênis transcende o órgão sexual masculino, e passa a significar as intensidades e necessidades de afetos e desejos de um grupo ou sociedade. Auxilia na produção de subjetividades e enuncia um tipo ideal de cidadão ou sujeito desejado dentro de uma cultura específica. Neste sentido os gregos transcenderam na produção de mídias para circulação destas demandas, ao referenciar o corpo e a sexualidade em diferentes plataformas agregadoras de desejo e vontade de ser.

E) Roma

Inúmeros temas da cultura grega foram assimilados pelo Império Romano, algumas práticas sexuais foram modificadas de forma a atender a vida urbana e os costumes do cidadão livre. O primeiro diz respeito à maior liberdade que as mulheres pertencentes à classe dos cidadãos ocupavam no casamento. Durante muito tempo imperou o chamado *coemptio* um tipo de compra da mulher, em que o futuro marido pagava em dinheiro ao pai da noiva; porém com o passar do tempo outro tipo de matrimônio se popularizou, o chamado *usus* que nada mais era do que um “estágio probatório” no qual o casamento só tornava-se legal após um ano de convivência. Neste período a mulher poderia se separar do homem caso não correspondesse às suas necessidades. O casamento possuía funções sociais e econômicas, a preocupação procriativa tinha pouca importância nessa relação.

As romanas cidadãs do século II a.C eram tidas como elegantes, ornavam o corpo com finos tecidos coloridos, maquiagem, perucas e muitas joias enfeitando mãos, pulsos, orelhas e pescoço. Diferentemente da mulheres gregas que permaneciam em uma área isolada da casa, o *gynaikeion* e que dificilmente saiam à rua e quando o vazia deveriam ser acompanhadas pelos maridos ou pais, a mulher romana livre poderia passear de carruagem ostentando riqueza sem se preocupar com censura ou a desaprovação masculina.

A plebe ou os não livres não acompanhava os preceitos sociais do casamento. As uniões se davam de diferentes formas assim como as dissoluções. Juçara Terezinha Cabral na obra *A Sexualidade no Mundo Ocidental* (1999) afirma:

Escravos, estrangeiros rejeitados, prostitutas, cortesãs, mendigos, charlatões, assassinos, proxenetas, gladiadores, artistas, entre outros, faziam parte da sociedade dos miseráveis e repudiados pela casta romana. Para estes, as uniões estavam muito mais ligadas à lei da sobrevivência; e esta lei fundamentava-se no comer para não morrer logo. (CABRAL, p. 90, 1999)

Grande parte da plebe vivia em bairros pobres sem qualquer tipo de infraestrutura, por isso, existia por parte da aristocracia romana pouco interesse sobre a vida sexual desta população. A justiça romana se preocupava apenas em conter criminosos que ofereceriam risco à coesão do império.

Em Roma as famílias não eram numerosas, os anticoncepcionais eram conhecidos, alguns até provocavam aversão sexual em algumas mulheres. A prática de usar esterco de rato, de lesma e de pombo misturado com carrapatos de touros selvagens era muito difundida. O uso do azeite de oliva e de cedro também era conhecido, além do coito anal muito praticado pelas cortesãs.

Uma característica particular presente nas cidades romanas é a quantidade de pinturas expostas nas paredes e a cidade de Pompéia encoberta pelas cinzas da erupção vulcânica do Vesúvio de 79 d.C. não é exceção. Suas paredes preservadas se tornaram um importante sítio arqueológico que oferece farto material para pesquisadores traçarem a vida sexual do império romano. As pinturas em diferentes espaços como áreas de gladiadores, casas e prostíbulos demonstram cenas eróticas de sexo explícito bem como dos órgãos sexuais.

É o caso da série de pinturas encontradas nas paredes de um prostíbulo que, segundo os registros da historiadora Kelly Olson, seriam imagens dos serviços de prostituição servidos no Lupanar, o mais famoso bordel de Pompeia (figura 17)

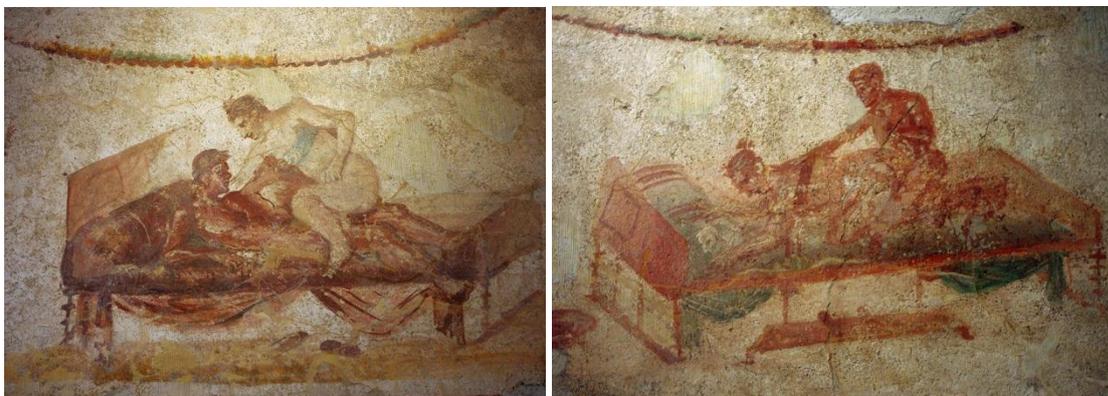


Figura 17 – **Imagens Serviços de prostituição Pompeia** – Fonte: THOMAS SHAHAN/ CREATIVE COMMONS ATTRIBUTION 2.0 GENERIC.

Muito pesquisadores questionam que as imagens preservadas de Pompeia representariam um estilo de vida presente em todas as cidades romanas ou são particularidades presentes apenas nesta cidade que era um ponto turístico, sendo destino de ricos aristocratas e políticos nos períodos de festas ou de veraneio.

1.1.3 Corpo e sexualidade no mundo cristão medieval.

Se houvesse um marcador cronológico na história que estipulasse quais regimes de saberes e poderes foram utilizados institucionalmente para o controle do corpo e da sexualidade, o início da Idade Média cristã expressaria bem esta cronologia. O grande inimigo dos primeiros padres da Igreja, Patrística, desde o século II d.C. foi de forma incontestável o corpo. A abundância de regimes e disciplinamento dos desejos produzidos e pregados em forma de teologia, doutrina e moral de atitudes demonstra a preocupação entre os primeiros líderes cristãos de como o corpo pode ser perigoso, sendo este a sede de vontades baixas e abomináveis aos olhos de Deus.

A oposição ao corpo e as suas pulsões e paixões não nasce propriamente com os teólogos cristãos, e tão pouco da tradição judaica da Torá ou dos Talmudes. Sua origem remonta ao mundo grego, especificamente na filosofia de Platão. É na filosofia platônica que se encontra a origem de tal dualismo entre corpo e alma.

Segundo o pesquisador Fausi dos Santos em seu texto, *Corpo e Sexualidade como território de transição simbólica* (2014)¹³, é evidente que os efeitos de sentido no mundo grego são outros, lá não se combate o pecado, mas sim a *doxa*, a opinião, ou ilusão presente na matéria composta de multiplicidade e erro, em função da *episteme*, conhecimento racional e verdadeiro, baseado no exercício intelectual ou espiritual, único meio do homem atingir a sabedoria e a verdade (arché), libertando se da matéria.

Platão (427-347) desenvolveu uma verdadeira dicotomia se comparada aos demais pensadores de sua época, pois estabeleceu uma clara oposição entre o corpo e a alma, entendido como faculdade de pensamento. Tanto os filósofos pré-socráticos como Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes considerados os pais da filosofia como os próprios epicuristas não fizeram menção alguma da oposição dessas duas substâncias. Ao contrário, existe ainda nos traços da filosofia pré-socrática e helenística a concepção *monista* do cosmos, ou seja, tudo é um, isto é, a união de corpo, alma, natureza e divindade.

O filósofo Giovanni Reale (1931) na obra *Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão* (2002) descreve que em muitos escritos Platão demonstrou a oposição substancial do corpo e do espírito. Afirma Reale:

Para ele [Platão], de fato, em muitos diálogos, o corpo é não só e não é tanto um “instrumento” a serviço da alma, e portanto algo sem o qual a alma não poderia exercitar as suas funções, mas é algo antitético à alma, e, sob certos aspectos, um obstáculo às funções que lhe são próprias. O homem para Platão e, portanto, em duas dimensões, ou seja, é constituído por dois componentes, sob certos aspectos em nítida antítese entre si. (REALE, p. 175, 2002).

Segundo Reale, essa concepção dualista é apresentada, particularmente, no Fédon, mas é reafirmada em outros diálogos – por exemplo, no Górgias, no Crátilo e no Fedro.

Platão concebe um conjunto de procedimentos ou disciplinas como forma de libertar a alma do corpo, entendido por ele como “túmulo” da alma. No *Crátilo* Platão discute a imagem do corpo como túmulo, baseando-se na correspondência *soma* (corpo) com o termo *sema* (túmulo), que se diferencia só pela variação de uma letra. Tal concepção baseia-se na ideia de que a substância que compõe o corpo é inferior se

¹³ Capítulo 1 da dissertação de mestrado intitulada: *Corpo e Sexualidade nas Redes Sociais: O Advento do Ciberespaço (re)significando e (re)construindo a Noção de “si” do Sujeito Contemporâneo*.

comparado à substância da alma, que uma vez encarnado nesse túmulo, passa por um processo de esquecimento. Daí a necessidade do exercício filosófico do pensamento crítico, como uma forma de libertação dos vícios do corpo, aproximando o homem de sua realidade primeira que é o conhecimento que já se encontra na alma.

Reale, ao analisar o corpo em Platão como sede ou origem do sofrimento e dos males, afirma:

No Fédon sublinha-se nitidamente o aspecto negativo do corpo, com as afirmações seguintes: os sentidos são um impedimento à alma no que se refere tanto à vida moral quanto à vida cognoscitiva. O corpo, de fato, é apresentado como fonte de paixões, de medos, de todo gênero de vaidade. Do corpo, explica Platão, derivam os desejos de riqueza, e, conseqüentemente, o corpo é causa de guerras. Para conhecer o *ser* e para emancipar-se de todas as paixões, a alma deve libertar-se do corpo; e é a morte que liberta de modo total. (REALE, p. 178-179, 20020).

O pensamento é a única forma de alcançar a ascese da alma. A purificação viria pelo exercício filosófico, por meio do abandono das opiniões, frutos do conhecimento do senso comum, ligado à matéria e as multiplicidades do mundo sensível. O próprio corpo com suas faculdades e desejos deve ser cuidado, a fim de buscar a harmonia entre as pulsões e vontades e o sentido maior que é a busca da sabedoria imaterial encontrada no mundo das ideias. Somente o exercício do raciocínio mantendo uma relação de controle sobre os prazeres do corpo libertará o homem dos vícios materiais.

Por isso, as relações de poder exercidas pela cidade-Estado com o uso das disciplinas teriam como função preparar o cidadão da polis ao ideal da sabedoria. O essencial cuidado do corpo por meio da ginástica e da medicina tão valorizadas no desenvolvimento educacional do indivíduo possui uma razão pedagógica apenas, que é harmonizar as proporções do corpo por meio da saúde física para que as virtudes da alma possam se manifestar de forma livre e desimpedida.

Ora, qual será a base do pensamento sistematizado utilizado na Patrística em relação à formação da doutrina cristã senão a filosofia grega, especificamente o pensamento platônico? Toda base argumentativa da ética cristã que daria origem aos dogmas e ao magistério católico teve seus alicerces ancorados na filosofia clássica grega. O próprio apóstolo Paulo que herdara a cidadania romana do pai, teve educação clássica que compreendia o ensino do neoplatonismo. Paulo é um dos pilares na

formação da moral cristã e reconhecido com um dos grandes inimigos do corpo como se lê em sua carta aos Romanos:

Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus. (ROM. 8 vers. 5-8)

Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona foi o intelectual cristão que trouxe para a doutrina católica componentes do neoplatonismo e do maniqueísmo. Sua juventude conturbada levou-o a estudar várias teorias, tentando encontrar um sentido para a sua vida, o que ocorreu já na fase adulta ao deparar se com o cristianismo; segundo ele ali encontrou respostas às suas angústias. Neste percurso conheceu a *Teoria das Ideias* de Platão, tendo grande predileção na divisão da realidade sensível e inteligível. Após sua conversão, evoca ao pensamento cristão por meio de seus escritos, como *As Confissões*, a simpatia de que uma vida pautada nos prazeres terrenos não leva a felicidade plena, sendo o amor de Cristo que já se revela na alma humana, a verdadeira fonte da felicidade, bastando somente ao homem se abrir a esta Verdade ao se afastar das coisas mundanas pela conversão. Esse conceito agostiniano é chamado em teologia de *teoria da iluminação*, uma vez, que assim como na teoria platônica, a alma humana dispõe de forma inata da Sabedoria que é Deus.

Segundo Santos (2014), Michel Foucault em sua obra *História da Sexualidade* (1984) trata da questão do controle que na Idade Média a Igreja exerceu sobre o corpo e suas produções. A conversão de Constantino (272-337) possibilitou que a Igreja se tornasse a grande instituição religiosa representante do Império Romano a partir do século III. Aos poucos a Igreja obteve o controle da educação e da cultura romana, utilizando se de mecanismos de disciplinamento que objetivaram a normalização social dos costumes mundanos para a cultura cristã em construção. Todo trabalho pastoral teve a incumbência de revestir os recém-convertidos a uma nova vida em Jesus Cristo, e isto significa uma vida longe dos prazeres mundanos e da carne, o que inclui as satisfações sexuais.

O corpo como substância corrompida pelo pecado original torna-se um obstáculo para a glorificação da alma e a salvação do cristão. Portanto, são criados regimes de disciplinamento específicos, como plataformas de saberes em que deve circular um tipo específico de efeito de sentido para a normalização dos afetos. Está aí o porquê do corpo do cristão ser submetido a um conjunto de mortificações físicas e espirituais, seja na autoflagelação, com o chicote ou silício, nas orações seguidas de jejum e abstinência absoluta de comida ou nos prazeres da carne. Tais economias disciplinares ascenderiam aos poucos a alma em relação aos limites do corpo e levariam o homem à transcendência. O corpo nesse sentido seria um obstáculo a ser superado, anulado em prol de um bem ou substância maior, a alma.

Afirma Foucault (1984):

[...] em todos os países católicos, acelera o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve ser mais mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasia lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito na confissão. (FOUCAULT, p. 23, 1984)

A ação vigilante que a Instituição Católica exerce sobre o corpo e a sexualidade demonstra repressão sobre as expressões sexuais. A função do confessor em ouvir, instruir e aplicar a penitência e as restrições espirituais sobre os crentes produz todo o conjunto de saberes e técnicas de si que devem ser seguidas a risca por todos a fim de superar as investidas da carne.

O sexo era tolerado no casamento para fins de procriação e mesmo os casados deveriam manter a sobriedade buscando a retidão e autocontrole para não incorrerem em pecado. O teólogo Pedro Lombardo no século XII sustentou a tese de que um homem que ama a esposa de modo muito ardente comete pecado pior do que o adultério. Era prática de alguns homens católicos usarem na cama uma *chemise cagoule*, uma espécie de camisola pesada com um buraco na frente que permitia somente ao

pênis ereto penetrar a vagina. Tal artefato servia para evitar excessivo contato e sensação tátil entre os corpos. O sexo em si sem fins de procriação foi considerado uma abominação, sendo comparado a uma característica animal.

A mulher foi associada diretamente ao sexo e a fonte de pecado no cristianismo primitivo. São muitos os relatos de mulheres consideradas bruxas simplesmente por serem bonitas ou possuírem atributos considerados exóticos, como uma pinta, verruga ou por possuírem cabelos ruivos. Tal controle masculino sobre a mulher estabeleceu uma visão desta como propriedade, submetida à observação constante e sendo vetada a ela qualquer alusão ao sexo.

A pintura de Michelangelo, (figura 18), “*O Pecado original e a Expulsão do Paraíso*” oferece uma dimensão clara do estigma da mulher como aquela que pelo ato da desobediência traz o mal ao mundo. Os corpos robustos de Adão e Eva em estado de graça à esquerda na pintura contrastam com os corpos decadentes e envelhecidos após a desobediência e queda pelo pecado original. A tradição judaica e cristã atribui a Eva o elemento principal da entrada do pecado e da degeneração pelo mal no mundo.



Figura 18 – **O Pecado Original e a Expulsão do Paraíso** – Michelangelo - Fonte: Teto da Capela Sistina.

A concepção de que Eva foi a causadora do pecado original, seduzindo Adão também ao pecado, foi associada à ideia de que as mulheres eram moralmente inferiores aos homens. Isto intensificou e justificou penas mais severas para mulheres adúlteras e as ambiguidades em torno do estupro, sendo muitas vezes a mulher vítima da violência obrigada a se casar com o estupro.

Os relatos hagiográficos estão repletos de lendas em que o Diabo toma a forma de uma mulher para fazer o homem cair na luxúria. A tentação é tão forte que a alternativa é punir o seu próprio corpo como o fez, por exemplo, o monge Bento de Núrcia que, para não sucumbir à tentação feminina, se rebojava no meio das urtigas. (PILOSU, 1995, p. 57)

A mulher considerada digna seria aquela que se inspirasse na figura de Maria mãe de Jesus, retratada como virgem, imaculada e assexuada. Praticamente todos os afrescos medievais evidenciam características castas e celibatárias à figura de Maria, uma forma simbólica de entender que entre todas as formas de expressão da sexualidade, aquelas voltadas ao desprezo do corpo e de suas pulsões libidinais seriam as mais apreciadas aos olhos de Deus. Daí uma tentativa de assexuar a mulher por meio da figura virginal da mãe de Jesus.



Figura 19 – **Madonna col Bambino**. Fonte: Pinacoteca de Brera. Milão.

As pinturas que retratam Maria (figura 19) trazem feições da imaculada concepção, ou seja, da mulher virgem e inviolada, símbolo da pureza espiritual demonstrada em sua tenra face maternal que contempla a figura do menino Jesus envolto quase sempre em panos e adornos. O dogma da virgindade de Maria remete à pureza da concepção sem sexo pelo poder do Espírito Santo de Deus. Um Deus que

vem ao mundo por vias extraordinárias e alheias aos prazeres da carne, que mesmo em seu nascimento não rompe o hímen, mantendo assim a virgindade intocada da mãe.

Diferentes modalidades discursivas foram criadas como plataforma moral no contingenciamento dos desejos. Seja na literatura, música, escultura ou pintura a questão do amor casto e dos perigos que o corpo encerra foram evidenciados. No fim do século XI, trovadores cantavam o amor verdadeiro entre homem e mulher como um evento ideal e utópico, marcado por tragédias e pela impossibilidade da consumação pelos amantes. Um bom exemplo é o discurso poético do amor idealizado nas cantigas de amor dos poetas trovadorescos. Apesar dos desejos ardentes não consumavam os desejos carnavais.

No lugar do amor carnal foi criado o amor cortês, muito mais contemplativo e ponderado, símbolo da relação verdadeira que deveria permear as relações amorosas. Mesmo que na prática nobres e camponeses não vivessem tal idealização, a Igreja tratou de estabelecer como padrão de comportamento a ser idealizado e seguido por cada cristão batizado.

Sobre o amor cortês escreve Mary Del Priore:

Nessa época, a aventura do amor cortês erigiu como tema a exaltação carnal e espiritual nas relações amorosas entre homens e mulheres. Exaltação mais idealizada do que prática, mais descrita do que vivenciada. Emprestada de sociedades vizinhas, notadamente a árabe, tal aventura fervilha de imagens sobre a submissão dos amantes à sua dama, valorizando, ao mesmo tempo, qualidades viris, como a coragem, a lealdade e a generosidade, encarnadas no cavaleiro. Associada aos ideais da cavalaria, a erótica trovadoresca prometia aos que servissem na corte a alegria de serem distinguidos com um amor nobre e desinteressado. Era o amor cortês e dele deriva a palavra cortesia. (DEL PRIORE, 2011, p. 70)

Este tipo de amor cortês marcado pela mistura de tragédia e dramaticidade muito mais idealizado do que prático povoou as cortes europeias durante séculos. O discurso do amor impossível alude a uma felicidade futura que não pode ser realizada na vida presente. Este tema literário descrito e cantado por trovadores e poetas exalta a alegria contemplativa e o erotismo melancólico, marca da poesia amorosa medieval.

Junto à poesia trovadoresca a Igreja elabora a legislação do matrimônio, alçada à condição de sacramento em 1439 no Concílio de Florença. Desde o século VIII a Igreja lutava contra a poligamia, prática usual dos reis francos como uma forma de exibir

riqueza por meio das alianças políticas. O rei da França Clotoário, por exemplo, teve seis esposas. A reforma gregoriana no século XI define que casados devem respeitar a monogamia e os clérigos se manterem celibatários. Na prática tanto casados como clérigos nunca foram totalmente fiéis às exigências da Igreja. Concubinas e amantes continuaram a existir, no entanto, a poligamia desapareceu aos olhos sociais.

Outra plataforma utilizada pela Igreja a fim de estabelecer a moral de costumes foi a pintura. Em uma sociedade formada por analfabetos a arte tornou-se um importante e bem sucedido elemento educacional. Os vitrais, paredes e tetos das catedrais além do elemento artístico serviam a pastoral eclesiástica como catequese aos fiéis. Por meio de pinturas eram retratadas a história da salvação, as parábolas de Cristo, bem como sua paixão, morte e ressurreição. Mas também retratavam o final dos tempos ou parusia, no qual os homens seriam julgados por seus pecados, sendo os salvos elevados aos céus e os condenados descidos ao inferno.



Figura 20 – **O último julgamento.** Leandro Bassano – Fonte: National Museum of Western Art, Tokyo.

Um fato interessante quando se observa tais pinturas, principalmente do pintor Leandro Bassano em sua obra *O último julgamento*, (figura 20) de 1595, é a forma como os corpos são retratados no julgamento final. Geralmente os crentes salvos são assuntos aos céus vestidos de túnicas ou camisolas enquanto os condenados ao inferno estão despidos e assim desprovidos de toda dignidade e honradez. Esta representação passa aos fiéis a mensagem de que aqueles que decidem seguir Cristo deve manter

contingência aos prazeres do corpo. O céu é habitado por santos e santas vestidos e assexuados enquanto no inferno repousa os pecadores que se entregam aos desejos.

Apesar de tais regimes de economia sexual serem difundidos pela Igreja, é sabido que na vida cotidiana tanto a nobreza como a plebe não os seguiam de forma integral. A liberdade das práticas sexuais herdada do paganismo continuava a exercer forte presença apesar de toda repressão. Até entre o clero existiam exemplos de padres, bispos e monges com vida dupla sem maiores consequências aos seus ofícios sacerdotais.

A vida rural longe dos centros urbanos dificultava o controle da Igreja sobre a vida das populações. O isolacionismo de comunidades inteiras favorecia uma vida sexual com certa liberdade, onde práticas consideradas imorais como a masturbação, adultério e homossexualidade ocorriam com pouca resistência ou punição.

Ainda que a Europa cristã tenha influenciado significativamente o controle sobre a cultura erótica alguns manuais sexuais continuavam a circular, tais manuais traziam textos pornográficos descrevendo práticas e posições sexuais que a Igreja definia como obras demoníacas. A crise do feudalismo levou ao crescimento das cidades por meio do êxodo rural, esta nova cultura urbana na Europa Ocidental auxiliou a uma maior abertura no século XIII.

É deste período que surgem textos cômicos populares com conotações pornográficas que circulavam na sociedade, os chamados *Fabliau*. De autoria muitas vezes desconhecida os *fabliau* mostravam modalidades sexuais extravagantes, descrevendo posições sexuais acrobáticas e descrições de situações sexuais de caráter cômico:

Em uma das histórias, um cavaleiro covarde está envergonhado por ter beijado a virilha de uma mulher, e em outra, o ânus da mulher enceta uma conversa com a vagina para descobrir por que motivo esta última não respondera ao convite de um cavaleiro (a explicação para o silêncio: a vagina estava cheia de pano). (STEARNS, 2010, p.89)

Como se percebe, mesmo com as investidas da Igreja, estas plataformas para expressão da sexualidade circulavam de forma acentuada entre as pessoas. Esse tipo de texto cômico deu origem posteriormente a um material literário mais sério, como o caso dos *Contos da Cantuária*, de Chaucer.

1.1.4 Idade Moderna e Contemporânea: as novas plataformas de discursivização do corpo.

O Renascimento que compreende o período entre os séculos XIV à XVI pode ser definido como o grande momento de valorização do ser humano e suas expressões, comparado à visão medieval, na qual, o símbolo maior é do homem “sob suspeita”, marcado pelo pecado original e visto como um ser miserável que deve estar submetida à misericórdia de Deus personificado na Igreja. No Renascimento este mesmo homem é redescoberto em sua dimensão virtuosa, agora já não mais o ser pecador, mas um ser racional, dono de seu destino e que deve ocupar o centro das relações sociais.

Uma forma de demonstrar a mudança conceitual que ocorre sobre a imagem do ser humano é expressa pela arte. Obras medievais que representam o corpo humano salientam características sofríveis, quase sempre corpos esqueléticos em plena decadência. Feições de uma Europa marcada pela Peste Negra que vitimara grande parte da população. Doença atribuída juntamente à lepra, ao pecado da carne, pertencente a uma humanidade perdida e entregue aos desejos que sofria a purificação divina mediante a dor.

As próprias pinturas que representavam Cristo neste período são marcadas pela simbologia do sofrimento. O Cristo martirizado na cruz traz em seu corpo o pecado da humanidade. As chagas abertas e o seu olhar desolado remetem ao discurso de uma humanidade que deve ser regenerada.

A obra “*Mestre da Cruz*” (figura 21) que data do final do século XII sintetiza o imaginário do homem medieval. Um Cristo triste, magro e abandonado pela humanidade. Tal pintura é a metáfora do homem miserável que necessita da graça de Deus.

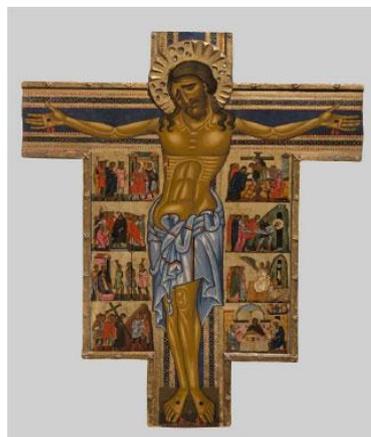


Figura 21 – **Mestre da Cruz**. Autor desconhecido. Fonte: Galleria degli Uffizi. Florença, Itália.

Muito diferente da pintura de Rafael (figura 22), que apresenta um Cristo virtuoso e glorificado que no ato da ascensão aos céus aponta com o dedo a vitória sobre a morte. Esta imagem de Cristo é icônica na medida em que corporifica o imaginário renascentista do surgimento de um novo homem ressuscitado na figura do Cristo resplandecido. Um Deus que reconhece os limites do homem e que valoriza sua racionalidade e capacidade de inovação. A própria Reforma Protestante evidenciará em sua nova ética cristã as características de um Cristo mais homem e compreensivo aos desejos e anseios da humanidade.

A economia do sexo por meio das políticas de cerceamento impostos pela pastoral católica agora era questionada pelos reformadores como sendo incapaz de alcançar o ser humano a uma maior perfeição. O celibato juntamente com os regimes disciplinares de castidade que regulavam o prazer não conferia nível espiritual mais elevado do que aquele obtido pela vida de casado:

O próprio Martinho Lutero o pioneiro líder da Reforma e ex monge, casou-se (com uma ex freira), enquanto os protestantes geralmente condenavam a tradicional ênfase católica na importância do celibato clerical e nas ordens monásticas. (STEARNS, 2010, p.138)

De fato as plataformas discursivas utilizadas no Renascimento para a expressão do corpo e suas subjetividades destacarão as virtudes do ser humano. Chega de misticismos e dependência em relação a uma fé cega, é necessário resgatar o homem e suas expressões mediante novas Instituições, que nasceram neste período, seja a nova ciência, o Estado Moderno, a Medicina e a Pedagogia. Todos exercerão importantes papéis na redefinição e apresentação do corpo e da sexualidade.



Figura 22 – **Ressurreição de Cristo**. Rafael – 1499 – 1502. Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

O antropocentrismo é a grande marca do renascimento humanista. Autores clássicos da cultura grega e romana são revisitados e a leitura de seus escritos tem como principal meta produzir uma nova era de maior independência em relação ao poder da Igreja, ou seja, é o período da valorização do ser humano.

Não é por acaso que o início das ciências particulares se dá neste período. A Filosofia e a Teologia cedem espaço, e do corpo teórico de suas atribuições surgem novas áreas de conhecimento. A ciência moderna surge com campos científicos específicos, cada um com seu objeto e método próprio de abordagem, tendo seu cientista específico e não mais um teórico generalista. Cada ciência ao alargar e aprofundar o estudo sobre seu objeto próprio produz uma imensidade infinita de novos conhecimentos, agora utilizando o método experimental ou empírico. O tempo da ciência especulativa e teórica se esvanece e dá lugar à ciência da demonstração.

Esta nova abordagem leva o ser humano a estabelecer uma nova relação com o corpo e a natureza, ambos passam por um processo de dessacralização. Antes pela leitura teológica a natureza, bem como o corpo humano, não poderiam ser estudados, dissecados, pois como obra de Deus qualquer ato de invasão a estes objetos seria um ato de profanação à criação divina. Agora a natureza e corpo humano são visto como realidades naturais, submetidas a forças físicas e biológicas que podem ser estudadas, cortadas e exploradas pelo pesquisador como objeto de pesquisa.

Segundo Assis (2013), cientistas como Copérnico e Galileu desvendam o funcionamento da natureza. Nesta observação da natureza, houve grande interesse pelo conhecimento do corpo e seu funcionamento para sua fiel representação, fato conhecido pelas famosas dissecações de Leonardo da Vinci, que demonstravam músculos e órgãos internos em seus desenhos (figura 23).

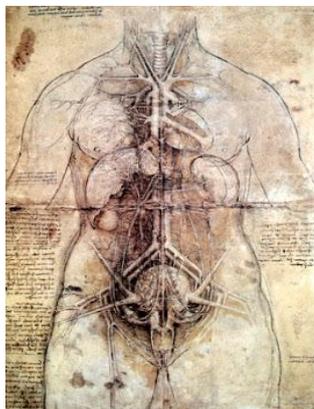


Figura 23 – **Esquema dos Órgãos Internos.** Leonardo da Vinci. Fonte: Museu Leonardo da Vinci – Florença.

A invenção (ou reinvenção)¹⁴ da prensa de Gutenberg foi um elemento tecnológico revolucionário enquanto mídia de veiculação de informação que também foi utilizado na veiculação das expressões do corpo. A tarefa laboriosa dos copistas em transcrever textos e traduzir na ponta da pena livros inteiros ocasionava morosidade e restrição na circulação do conhecimento. Quando Lutero promove a impressão da Bíblia do latim para a sua língua vernácula, o alemão, se estabelece uma necessidade latente de alfabetizar a população para a leitura da Palavra já que a teologia protestante retira a fonte da salvação da Instituição, como era na Igreja Católica, e a coloca na responsabilidade pessoal de cada cristão batizado, ou seja, o caminho da salvação cabe a cada um.

Posteriormente, principalmente no século XVII, a prensa será utilizada para veiculação tanto de textos clássicos da literatura como também para panfletos de cunho sexual. Seja para fins médicos de contracepção e cuidados de higiene, mas também para contos eróticos e o deleite sexual de casais ou solitários.

Michel Foucault (1926-1984) afirma em sua obra, *História da Sexualidade*, que circula entre muitos pensadores a ideia de que o século XVII e XVIII foi marcado pelo mutismo e restrição sobre a sexualidade, contra tal posição o autor afirma que a partir do final do Renascimento houve uma verdadeira saturação discursiva em torno do sexo e suas expressões. Não nega que tais dispositivos Institucionais tenham utilizado de estratégias para policiar e silenciar a sexualidade, mas o que houve de fato foi uma intensificação do falar sobre sexo em todos os ambientes sociais, da criança à vida adulta.

Um exemplo se dá na Contrarreforma, especificamente a nova pastoral do Concílio de Trento, na qual a orientação geral foi a evolução do sacramento da confissão que agora trata das questões sexuais dos crentes em seus pormenores. Além da obrigatoriedade anual da Confissão, o confessor deve interrogar o fiel enumerando por detalhes o ato sexual em sua própria execução:

[...] tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações

¹⁴ Alguns autores sustentam que o alemão Johannes Gutenberg (1400-1468) não inventou, mas sim “reinventou a prensa no século XV. A técnica de imprimir com caracteres móveis é na verdade asiática e muito mais antiga. Tudo começou com a criação do papel, obra de chineses no ano 105 da era cristã. O novo material abriu caminho para uma produção, ainda artesanal, de maior número de livros, que se tornaram práticos para manusear e muito mais baratos.

da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso de ve entrar, agora, e em detalhes, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve ser mencionado sem prudência [...] (FOUCAULT, 2017, p.21)

Falar de tudo, sem ressalvas ou meias palavras, evidenciar ao confessor detalhes íntimos para que nada fuja aos olhos da Igreja e assim seja dada ao pecador a penitência apropriada ao seu desvio. De fato o mutismo já não faz parte da nova pastoral da Contrarreforma, o que se deseja é observar e controlar o corpo do penitenciado em suas minúcias para nada sobrar que faça perder o espírito.

Além da plataforma do Direito Canônico e da pastoral cristã, outro mecanismo é desenvolvido a partir do século XVIII para ordenar e classificar os corpos e a vida sexual da população: o Estado. Agora não por uma questão moral, mas sim pelo viés econômico e social no interesse público.

O processo de urbanização com o êxodo rural, iniciado com o advento da burguesia por meio dos burgos do século XIII, trouxe novos desafios sociais até então inexistentes. A crise do feudalismo e o crescimento do comércio com o Oriente juntamente com o desenvolvimento de tecnologias marítimas resulta em crescimento demográfico e numa necessidade cada vez maior de produção de alimentos. Novas demandas exigiram o aprimoramento da educação e maior preocupação com o controle da natalidade:

Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com os sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém com uma “população”, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de habitat. (FOUCAULT, 2017, p. 28)

Segundo Foucault, no núcleo de todas as transformações sociais e econômicas está a preocupação com o sexo e as manifestações do corpo. E isso se dá por meio de políticas públicas voltadas às taxas de natalidade, à idade do casamento, aos nascimentos legítimos e ilegítimos, à precocidade e à frequência das relações sexuais e aos métodos contraceptivos.

Os ditames econômicos da Industrialização às vésperas da Primeira Revolução Industrial exige maior demanda de mão-de-obra. Cabe aos Estados Nacionais

assumirem o papel de utilizar-se dos conhecimentos educacionais e médicos, e da incumbência de aumentar e melhorar as taxas de natalidade entre a população.

Muito além das interdições sobre o corpo e a sexualidade, o século XVIII estabelece uma maior presença do Estado que irá ordenar, classificar e ressignificar o sexo e as expressões do corpo. Não se fala menos de sexo, ao contrário, fala-se dele de outra maneira, com outros agentes discursivos, com intencionalidades específicas a fim de produzir outros efeitos de sentido. Agora a preocupação é o que falar, onde falar e como falar sobre a sexualidade. Refinar os gestos, atenuar os dizeres, civilizar os instintos, não simplesmente silenciá-lo, mas reconduzir e dominá-lo. Tudo por uma sexualidade saudável e fértil, não mais desregrada, mas refinada pela educação, ordenada e controlada pelo discurso clínico, no qual o educador, o médico e a lei civil detêm a prerrogativa.

O controle civil sobre o corpo e o sexo também estava presente na educação infantil. Os colégios do século XVIII organizavam seus currículos de forma a ensinar os estudantes o que dizer, como se comportar, que tipo de discurso era autorizado e que forma de discricção era exigida entre eles e com os adultos. O aparente mutismo revela o seu contrário, o sexo sempre esteve presente, desde a sala de aula até o pátio. O corpo da criança é submetido a um conjunto de saberes ordenados pelo poder institucional para fazê-lo pensar, sentir e desejar segundo as disposições que a sociedade do liberalismo econômico e industrial exige e necessita. O controle sobre a sexualidade evidencia o controle sobre o discurso do sujeito e para isso codificou os conteúdos ensinados e qualificou os locutores.

Já no final do século XVIII e início do XIX a medicina ocupará papel de destaque no controle do corpo. Caberá ao saber clínico o acesso irrestrito ao corpo e às expressões da sexualidade. O discurso médico exercerá um elemento intervencionista importante na ordenação e controle da sexualidade. Os exercícios penitenciais pregados pela pastoral cristã serão, aos poucos, substituídos pelas orientações e prescrições médicas. Seja em nome da saúde física, controle da natalidade, das pulsões e desejos considerados patologias, ou ainda no enquadramento e estudos de sujeitos e personalidades com sexualidades desviantes, como homossexuais e ninfomaníacas consideradas histéricas. Foi produzido um conjunto de plataformas discursivas que conferiram à medicina sondar os recantos mais íntimos da sexualidade desde a criança até o idoso:

Entre as várias áreas desenvolvidas nas ciências particulares no estudo e análise do corpo, talvez a medicina ocupe o espaço de maior intimidade e proximidade. Em nome da saúde do paciente o médico tem acesso irrestrito ao corpo. No consultório ou hospital o corpo do paciente se torna objeto de observação, sendo despido, posicionado de várias maneiras na maca ou nos aparelhos de exame, sendo perfurado, aberto, medido e classificado em suas proporções. O ato médico está acima do pudor moral ou religioso, transcende as esferas do proibido ou restrito, desde que esteja dentro de uma ordem discursiva clínica, com um gesto de análise de olhar científico. (SANTOS, 2014, p.32)

Vale dizer que este regime de saberes serviu aos objetivos do puritanismo, mesmo tentando silenciar os considerados libertinos, intensificou e saturou os espaços familiares da temática sexual. O acesso do saber médico ao cotidiano das pessoas se deu pela orientação dos “médicos higienistas” preocupados com os padrões de limpeza do corpo, das necessidades e formas de higienizar os órgãos genitais, as novas técnicas da contracepção, o tratamento e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, principalmente a sífilis:

Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da “extravagância”, depois do onamismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo o conjunto das perversões sexuais [...] (FOUCAULT, 2017, p. 34)

O controle que todos os mecanismos médicos exercerão sobre a vida sexual estará presente na vigilância constante da saúde e bem estar geral da população. A medicina adentrou com todo aparato discursivo e clínico nos prazeres do casal, da criança e do adolescente, inventou uma patologia orgânica que esquadrinha e classifica as demandas, emancipando aquelas consideradas normais e excluindo e convertendo em objeto de dissecação clínica aquelas consideradas anormais.

Dois dispositivos de controle de natalidade, produzidos no século XIX como resultado do empoderamento do discurso médico sobre o corpo e a sexualidade foram: o aprimoramento da camisa de vênus, camisinha e o diafragma, mesmo não estando presente de maneira uniforme em todos os lugares. Ao longo do tempo, esses dispositivos separaram sexo de procriação e contribuíram para enfatizar o sexo apenas como um ato de prazer. Os médicos reivindicaram aos poucos a sua importância nas questões sexuais, seja como protagonistas da moralidade social ou como responsáveis

pela saúde sexual. Discurso médico como mídia de circulação das demandas do corpo e da sexualidade.

Outro evento presente no século XIX será o florescimento e veiculação de uma significativa indústria da pornografia. Mesmo de forma discreta este tipo de material começou a se popularizar usando novas técnicas de combinações de impressão e imagem. Tais textos e revistas circulavam entre amigos e ocupavam os espaços masculinos dos bares e praças, também passaram a ocupar os ambientes domésticos, como fonte de prazer solitário dos solteiros e adolescentes virgens que os utilizavam como manual de aprendizado.

Mary Del Priore afirma que neste período no Brasil foram publicados manuais que serviam como guias de orientação sexual para meninos e meninas. Como um saber enciclopédico as orientações para a educação sexual se divide entre livros e cartilha para meninos, que discutia mais abertamente temas como poluição noturna, masturbação ou doenças venéreas. Já as meninas poderiam ter acesso às obras estando para casar ou depois dos dezoito anos. Para elas os textos não tinham figuras dos órgãos genitais e se reduziam a falar da vida sexual no casamento, os riscos da gravidez pré-nupcial e cuidados de higiene.

Com o advento da fotografia na segunda metade do século XIX ocorre uma verdadeira revolução na captação e veiculação do corpo e da sexualidade. Inaugura se uma mídia que ressignifica as expressões do corpo e criando lhe uma nova linguagem, associada à captação da imagem pelo viés objetivo da lente e não mais pela subjetividade e inspiração do artista ou daquele que o representa de forma pictórica.

A invenção da fotografia inicia o processo de digitalização do corpo, estabelece o marco divisório entre o analógico e o digital. Neste momento ocorrerá a proliferação da imagem captada no acontecimento, no qual o sujeito retratado trará consigo o entorno ou cenário de sua representação.

A reconstrução do corpo e da sexualidade pela lente da câmera é um elemento formador de novas enunciações, no qual subjetividades nômades são produzidas e criarão um modo de ser no século XX que revolucionará o mercado visual, seja pela própria fotografia ou com o surgimento do cinema. Novas técnicas tornarão a produção em série da pornografia e da própria imagem mais barata o que favorecerá a popularização e circulação desses materiais por todo o planeta.

Desta forma pode se dizer que as plataformas em que o corpo e a sexualidade são expressos foram utilizadas em todos os períodos da história humana. Desde as

pinturas rupestres na pré-história passando pelas grandes civilizações e adentrando o universo das novas linguagens e tecnologias. Em cada período se destaca tipos específicos de suportes de acordo com o desenvolvimento cultural e social de cada período.

CAPÍTULO II

1 A mutação fotográfica e cinematográfica: tecnologias visuais e as novas formas de discursivização do corpo.

É notório que as diferentes plataformas produzidas na representação e discursivização do corpo do início do Renascimento até o século XIX foram concentradas na morfologia e anatomia. Quando Leonardo da Vinci produz seus cadernos anatômicos, busca capturar e reconstruir pelo traço artístico um registro fiel do corpo e de sua fisiologia. Os resultados de seus estudos serviram como base de investigações para a medicina moderna e foram utilizados em sua farta produção artística que recompunha o corpo na escultura ou na pintura com grande realismo e expressividade.

No entanto, a partir de 1826, com a divulgação da primeira fotografia permanente do mundo feita por Nicéphore Niépce (1765-1833), ocorre uma verdadeira metamorfose técnica (que ainda está ocorrendo) que mudaria para sempre a forma como o corpo é captado e representado. A fotografia permitiu uma nova inteiração entre a realidade e a composição de sua imagem apreendida e recombina da pela lente da máquina.

A apreensão dos corpos até o século XIX exigia uma quantidade enorme de maquinarias e equipamentos, sem dizer de um tempo considerável para que os modelos pudessem posar para serem pintados. A fotografia simplificou o uso da máquina e naturalizou a pose e as expressões do modelo. Captou o entorno do objeto, enquadrando diferentes acontecimentos em um mesmo plano, trazendo uma complexidade de elementos até então impossíveis de serem apreendidos pela linguagem artística. Antes, prevalecia a intencionalidade perceptiva daquele que se punha a recompor pelo traço estético o objeto, o que faz escapar acontecimentos simultaneamente presentes no ato da realidade representada.

Isto em nada afirma que a fotografia capte o acontecimento em sua essência e que não aja intencionalidade naquele que a produz, apenas se constata que a fotografia pela natureza material e física que a compõe assegura maior apreensão da realidade no ato de fotografar.

Sobre a incapacidade da fotografia em recolher a essencialidade da realidade que capta, autoras como Lucy Figueiredo em sua obra *Imagens Polifônicas: Corpo e fotografia* (2007), demonstram que há a perda da integridade do corpo representado e recomposto pela máquina.

Afirma neste sentido:

[...] numa foto, o corpo não aparece constituído como um todo, pois, na representação, se vislumbra, de um lado, a perda da integridade e, de outro, irrompe na trama do texto fotográfico a densidade de uma atmosfera em que as fagulhas do ominoso tropeçam em suas próprias assombrações. Pouco importa neste âmbito de atropelos da significação, se as fotos são resultados de processos mecânicos ou eletrônicos: o que vale são os roces e os atritos e, sobretudo, o diálogo que eles podem estabelecer e, paralelamente a isso, as tramas intertextuais por meio das quais suscitam enunciados ou provocam desvios que apontam para os horizontes da poesia. (FIGUEIREDO, 2007, p.11)

Por mais que o processo da fotografia capte partículas imperceptíveis ao traço estético, ela será sempre um exercício de decomposição e recomposição do corpo, realizado tanto por fatores técnicos da máquina quanto da intencionalidade do fotógrafo. O corpo fotografado livra-se do enrijecimento do processo burocrático das técnicas anteriores, no entanto, ainda é um corpo de multiplicidades, perpetrado por tramas intertextuais tanto do autor como daquele que observa o resultado e o discursiviza subjetivamente.

O que não pode ser contestada é a evidência de que a evolução da tecnologia de captação visual, muda radicalmente a relação do ser humano com a imagem, vista agora a partir de elementos físicos e químicos por lentes e rolos de filmes fotossensíveis. Tais tecnologias capturam o recorte de uma cena, reúnem fragmentos de movimentos da realidade e recompõe o cenário por uma nova combinação textual, muito mais livre e independente. O corpo capturado em um instante é um frame de devir, que apesar da pobreza da ausência da sequência, goza do privilégio da captura de um acontecimento.

A fotografia nasce no século do positivismo, disto se infere que sua utilização estará ligada ao conhecimento científico e à utilização para os diferentes campos pragmáticos desenvolvidos principalmente pela física e a medicina. A utilização da fotografia para outros fins como a arte veio posteriormente. Seu uso estará alicerçado na documentação de doenças que auxiliará nos métodos de tratamento.

Uma das primeiras utilizações da radiografia médica foi a documentação das anomalias físicas graves (figura 24), principalmente as doenças da pele, da face e da boca. Os registros das malformações eram publicados em manuais médicos e serviam como material de estudo das faculdades de medicina. Antes o acesso a estas anomalias só era possível por meio de cadáveres estudados nos laboratórios de anatomia. Vale ressaltar que tais corpos eram apresentados como anomalias no espaço público como aberrações e muitos se tornavam atrações de circos itinerantes.



Figura 24 – **Fotografia de Ella Harper que nasceu com joelhos voltados para trás.** Século XIX. Fonte: <https://www.gadoo.com.br/entretenimento/10-pessoas-que-ganharam-a-vida-com-suas-anomalias-fisicas/>

O aprimoramento da tecnologia médica na obtenção de imagem deu origem aos raios-X em 1895 e a uma infinidade de outras maquinarias para a sondagem interna do corpo. Com a obtenção da radiografia é revelado o interior dos corpos, possibilitando a visualização dos processos anatômicos dos ossos e a fisiologia do corpo. Este aprimoramento torna os procedimentos menos invasivos em cirurgias, assim como as aperfeiçoa, já que revela o ponto exato da lesão a ser tratada.

Como afirma Yves Michaud:

O corpo feito em parte transparente pela radiografia vai tornando-se o corpo visitável pela microexploração médica (sondas miniaturizadas) ou o corpo de ora em diante visível sem invasão, graças ao scanner, a obtenção de imagens por ressonância magnética, à tomografia pela emissão de pósitrons. A viagem ao interior do corpo se torna possível e pode-se “ver” o funcionamento dos órgãos [...] (MICHAUD, 2018, p. 545)

O aperfeiçoamento das técnicas de imagem ressignifica a relação do conhecimento com o corpo. Agora surgem novas formas de observar de perto e por dentro o que se passa. Até o cérebro é estudado e analisado em seus processos, sendo observado no ato do pensamento. São criadas imagens localizadas em áreas específicas

que mapeiam as diferentes sinapses neurais que traduzem, a grosso modo, os significados de tais manifestações.

Posteriormente a arte visual em suas diferentes modalidades irá aos poucos ocupar os espaços a que tem direito no universo das novas mídias da imagem. Não para fins propriamente técnicos e científicos, mas como indústria de entretenimento e lazer, na evidencição das banalidades cotidianas na política, família ou vida social. A arte criará um amálgama de todas as tecnologias visuais e re-apresentará o corpo por uma metalinguagem dinâmica, que salta aos olhos daquele que o aprecia.

Em 1895, na França, os irmãos Louis e Auguste Lumière inventaram o cinema, após anos de aperfeiçoamento tecnológico com equipamentos que aprimoravam a persistência retiniana. Esta ao criar a ilusão de movimento, a partir de uma sequência de cronofotografias, possibilita a produção de uma máquina capaz de reproduzir imagens fixas de forma harmoniosa, seguindo um roteiro de fotos previamente tiradas. Em 1890, Edison projeta diversos filmes de seu estúdio, aos quais encontra-se “*Black Maria*”, considerado o primeiro filme da história do cinema. É a partir do aperfeiçoamento do Cinetoscópio, que o Cinematógrafo é criado pelos irmãos Lumière.

A partir da invenção da fotografia e do cinema grande parte da manifestação do corpo será explorada e ampliada: a pose e a encenação, o plano aproximado que evidencia o olhar e a expressão corporal e facial, o cenário, assim como a maquiagem, o figurino e os artifícios visuais. Tudo será capturado a fim de transmitir ao expectador uma experiência viva e pujante da intencionalidade do condutor do processo, por exemplo, do diretor de um filme. O corpo é ressignificado em outro enquadramento discursivo, diferentemente dos signos representados pelas palavras no texto escrito. Sem do assim pode se dizer que o texto tomaria vida ao ser plastificado na fotografia e cinematografia.

Segundo Michaud:

Este primeiro percurso sob o signo das técnicas perceptivas nada fala dos temas, mas revela a importância fundamental dos dispositivos: aparelhos fotográficos, cinematográficos, dispositivos de vídeo (câmeras e monitores acoplados), dispositivos de exploração interna. Esses aparelhos permitem que se vejam novos aspectos do corpo. São poderosos: difundem imagens até aqui raras (imagens médicas, pornográficas, criminosas, esportivas). (MICHAUD, 2018, p.546)

A materialização visual do cotidiano seja por suas mazelas ou acontecimentos salutaros cria novas extensões de expressão do corpo. É como se a fotografia ou vídeo se tornassem próteses ou órgãos dos corpos, ao veicular pela indústria cinematográfica e por reportares fotográficos, padrões de comportamento, moda, tendências, formas de pensar e sentir. Aos poucos a máquina de filmagem restrita ao cineasta e a máquina fotográfica reservada ao repórter passam para as mãos dos turistas, aficionados pela sétima arte e a fotografia e finalmente chega às mãos da maioria das pessoas. Surge aos poucos uma necessidade inerente de ver e ser visto pela lente da máquina, ter seus desejos e realizações perpetuados na imagem.

Outro elemento ligado à invenção da fotografia e do cinema é a documentação das guerras. A barbárie e perversidade dos confrontos no campo de batalha, bem como, o drama vivido por soldados nas trincheiras são retratados com tons de realismo extremo. O efeito das bombas químicas lançadas no campo inimigo é registrado em fotos e vídeos, soldados mortos em feições de agonia ou dilacerados pelos efeitos dos projéteis de bombas ou munição de fuzis.

São as mesmas imagens que revelam o horror dos campos de concentração espalhados por toda a Alemanha. Imagens de corpos fotografados e filmados, revelados posteriormente, apresentam imagens clínicas de cientistas nazistas utilizando-se de judeus como cobaias em seus experimentos. A fatura de material produzido por mídias de imagem traça o caminho percorrido pelo mal, um roteiro macabro de degeneração e desumanização nos corpos de crianças, idosos, homens e mulheres, vítimas de uma ideologia totalitária marcada pela eugenia.

O resultado deste processo de violações e submissão pela violência foi registrado pelos aliados (figura 25) na medida em que libertavam progressivamente os campos de concentração. Escancaram ao mundo o horror do holocausto que vitimou mais de seis milhões de judeus e trouxe em pauta questionamentos, tais como, a serviço de quem a ciência e a tecnologia são utilizadas? Pois foi necessário muito conhecimento técnico e científico para dizimar milhões de pessoas.

A reportagem fotográfica e cinematográfica trazem aos olhos do grande público os fatos do cotidiano da guerra e desvelam por imagens os perigos do fundamentalismo ideológico, como também expressam a decadência humana frente ao mal. O uso do foto-jornalismo acompanhado da matéria jornalística recompunha a narrativa de uma história e contextualizava o roteiro de acontecimentos que levava a um desfecho tão trágico.



Figura: 25. **Soldados americanos observam corpos no campo de concentração de Buchenwald (17 de abril de 1945).** Fonte: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/buchenwald-photographs>

Vale ressaltar que os elementos discursivos utilizados pelos sistemas totalitaristas, principalmente o nazista, na fabricação da imagem do líder como sinônimo de herói, foi largamente construída com o auxílio das mídias visuais. A fotografia e o vídeo foram muito utilizados no registro de coreografias fascistas, nazistas, mussoliana, ou ainda, stalinista. No caso de Hitler, todo um trabalho ensaístico foi produzido juntamente com seu fotógrafo Heinrich Hoffman (1885-1957) que registrou e ensaiou em estúdio gestos, expressões faciais e corporais que seriam utilizados nas aparições públicas de Adolf Hitler. Nesse ardoroso trabalho ensaístico foi construído o corpo de um ditador ressignificado no corpo simbólico do patriota e herói.

Não é atoa que todos os closes captados de Hitler sempre o retratam no ângulo de baixo para cima (figura 26). Mostrando-o como um gigante, um patriota pronto a retirar a Alemanha da vergonha do Tratado de Versalhes e reviver o orgulho alemão perdido após a Primeira Grande Guerra. O Reich germinou e cresceu sob a égide do discurso da imagem. Suas roupas, sua fortaleza inabalável, suas ideias ácidas e decididas, tudo isso, mostrado e fortalecido pelas fotografias (molduradas em paredes de residências, praças e ruas) e pela produção cinematográfica, criou um mito, uma arma de Guerra chamada nazismo.

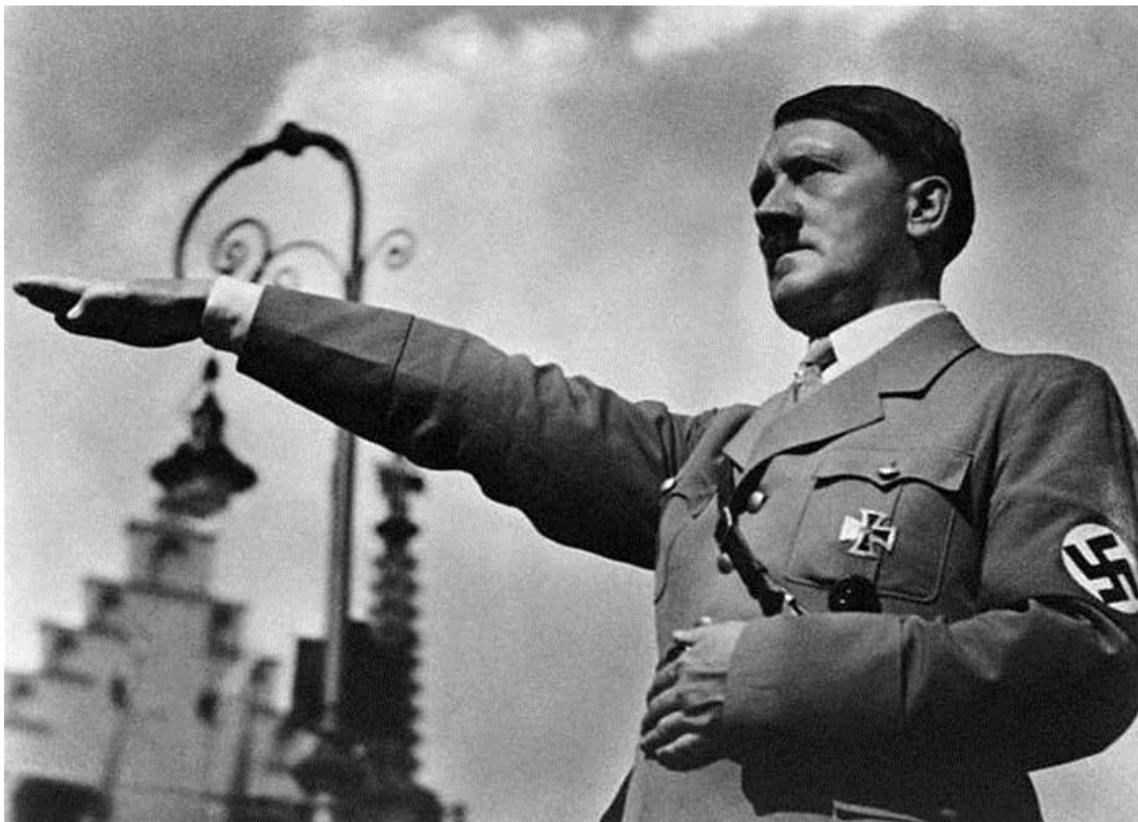


Figura 26. **Hitler e a saudação nazista.** 1940. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44225647>

Joseph Goebbels (1897-1945) entusiasta nazista, apoiador e estimulador incondicional da política anti-semita foi ministro da Propaganda do terceiro Reich. Como mentor na formação da imagem salvacionista de Hitler, utilizou técnicas de oratória, desenvolveu planos e cortes em vídeos e fotografias que valorizassem aspectos virtuosos do líder nazista a fim de criar empatia e confiança no público. Seu empenho como ministro rendeu frutos ao cunhar, ressignificar e universalizar o mantra ideológico de que o futuro próspero da Alemanha só seria possível pela liderança de Adolf Hitler.

Destaca-se também que a Alemanha Nazista foi o primeiro país a utilizar o cinema na propaganda ideológica. O enorme poder de persuasão dos filmes levaram os nazistas a produzir muito material de propaganda, seja demonstrando a glória de seus exércitos no front de batalha, criando mitos sobre heróis entre seus soldados, como também retratando a vida cotidiana de seus cidadãos que em nada deveriam se preocupar com a guerra, ou ainda, para demonstrar o porquê do ódio e desprezo aos judeus, aguçando assim a opinião pública a favor do antissemitismo.

1.1 A Fotografia a partir da percepção filosófica de Walter Benjamin.

A fotografia, assim como tantos outros meios de reprodução, aparece como uma grande novidade aos olhos da humanidade, entretanto a pesquisa ou o estudo dirigido à produção e a reprodução no nível icônico, resulta na compreensão de que fotografar imagens, em meados do século XIX, era mais uma forma de evolução da exposição da imagem, a partir de uma nova tecnologia. A fotografia é, portanto resultado de uma série de invenções, que correm paralelas ou em conjunto, remetendo sempre a outras técnicas, guardando a necessidade perene de aproximar as coisas do homem ou das massas. A exposição de imagens tem sua história e a fotografia é um momento dessa história, pois antes outras formas existiam. É o que se pode notar nas reflexões de Walter Benjamin em sua obra *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, em que o conceito de reprodutibilidade o leva a análise da fotografia e do cinema como objetos da História, enquanto técnicas de reprodução para as massas:

À xilogravura, na Idade Média, seguem-se a estampa em chapa de cobre e a água-forte, assim como a litografia, no final do século XIX. Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse procedimento muito mais preciso, que distingui a transcrição do desenho numa pedra de sua incisão sobre um bloco de madeira ou uma prancha de cobre, permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criações novas. Dessa forma, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana, graças à litografia, elas começaram a situar-se no mesmo nível da imprensa. Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. (BENJAMIN, 1987, p. 166- 167)

A necessidade de aproximar a realidade, o mundo ou as coisas do olhar humano é um fato inquestionável e comprova-se isso por meio da própria história da humanidade. Cada período histórico, ou época apresenta suas tecnologias de produção e aproximação em conformidade com os materiais disponíveis, os meios de produção, a religião, enfim a cultura de cada povo. Entretanto essa aproximação está submetida a valores e padrões culturais que determinam as condições das exposições. Dentre as categorias mais visíveis e determinantes da exposição estão o sagrado e o profano, a unicidade e a reprodutibilidade, o eterno e o perecível. Em todos os tempos a exposição sempre foi controlada pela moral vigente. É por isso que a exposição da imagem ou do

próprio objeto, segundo Benjamin, oscila entre dois principais polos, o valor de culto e o valor de exposição:

Os dois polos são o valor de culto da obra e seu valor de exposição. A produção artística começou com imagens a serviço da magia. O que importa, nessas imagens, é que elas existam, e não que sejam vistas. (...) O valor de culto, como tal, quase obriga a manter secretas as obras de arte, certas estátuas divinas somente são acessíveis ao sumo sacerdote. Na cela, certas madonas permanecem cobertas quase o ano inteiro, certas esculturas em catedrais da Idade Média são invisíveis, do solo, para o observador. À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas. (BENJAMIN, 1987, p. 173)

As questões relativas à exponibilidade em princípio se referem à própria materialidade da obra, da imagem, ou seja, da matéria mesma em que foi plasmada. Uma fotografia tem um potencial muito maior de exposição do que uma tela, essa um grau mais elevado que uma estátua; o aspecto material, físico é importante para a circulação e a visibilidade. Mas além da materialidade, as tecnologias de mobilidade e de reproduzibilidade são determinantes para a exposição da imagem. Não seria necessário dizer, mas vale lembrar que as tecnologias de comunicação alargaram as fronteiras do que se pode ver. Nesse sentido, a fotografia impressa já é coisa do passado, pois agora ela é digital e sua capacidade de exposição é incalculável. Benjamin já alertava que o aumento da exponibilidade se deve, antes de tudo, à capacidade de reprodução técnica:

Em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. (BENJAMIN, 1987, p.166)

A reprodução, em Benjamin, é uma atividade inerente à natureza humana, e a história de sua evolução confirma que sempre o homem buscou novas formas de realizá-la. As transformações nas práticas utilizadas vão ocorrendo continuamente, chegando-se às reproduções técnicas com os dispositivos fotográficos, as máquinas de fotografia. As possibilidades da reprodução, por meio da fotografia, põem fim à unicidade da imagem, tudo pode ser reproduzido, até mesmo as obras de arte únicas. O

aqui e o agora, o caráter único das coisas é superado no ato de sua reprodução perdendo aquilo que o autor denomina “aura”:

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja. Observa em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, até que o instante ou a hora participem de sua manifestação, significa respirar a aura dessa montanha, desse galho. Mas fazer as coisas se aproximarem de nós, ou antes, das massas é uma tendência do homem contemporâneo quanto à superação do caráter único das coisas, em cada situação, através de sua reprodução. (BENJAMIN, 1987, p. 101)

A fotografia analógica, com filmes que necessitam das revelações químicas e de papel especial para as cópias já esta sendo superada, consolidando mais uma etapa da história da reprodução da imagem. A fotografia digital hoje satisfaz parte das necessidades e desejos, quer como retrato, documento e publicidade. Trata-se de uma nova era dessa modalidade de reprodução. Em todos os momentos da história desse tipo de linguagem, observa-se algo fundamental, próprio da condição humana: o desejo de registrar e ver o mundo cotidiano mais perto de si, e sobre isso Benjamin já dava seu prognóstico:

Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto tão perto quanto possível na imagem, ou melhor, na sua reprodução. E cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como nos é oferecida pelos jornais ilustrados e pelas atualidades cinematográficas e a imagem. Nesta, a unicidade e a durabilidade se associam tão intimamente como, na reprodução, a transitoriedade e a reprodutibilidade. Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura; é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar o ‘semelhante’ no mundo é tão aguda que, graças à reprodução, ela consegue captá-lo até no fenômeno único (BENJAMIN, 1987, p. 101)

A fotografia enquanto técnica de reprodução se adequa aos padrões morais e sociais de cada época, mas também, em relação aos princípios fundantes, que se configuram nos valores de culto e exposição, podem ocorrer muitas mudanças. A exposição da imagem, no decorrer de sua história sofreu grandes transformações. Aquilo que não poderia ser mostrado ou visto antes, hoje já se pode mostrar e ver sem nenhum constrangimento. Dentre as muitas variáveis que modificaram as formas e os conteúdos das imagens que podem ser expostas, ou não, a democratização do uso das

tecnologias é um dos fatores a ser considerado. Pois é um elemento importante na massificação da reprodutibilidade, diretamente ligado ao valor de exposição. A fotografia digital facilita a exposição das imagens porque o celular com câmera está presente no cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo, servindo a inúmeras demandas.

A exposição é incontrolável, na maioria das vezes, pois, usando uma expressão de Benjamin, ocorre como uma “terapêutica do inconsciente”. E nesse sentido, o corpo humano, da infância a velhice é um conteúdo que passa a todo o momento, em todos os lugares, de todas as formas pela objetiva digital e imediatamente chega às mídias. A imagem do corpo, reproduzida digitalmente perde seu valor de unicidade, perde sua aura, navega em todas as direções em um universo tecnológico sem fronteiras. Todos os tipos de corpos: bonitos ou feios; saudáveis ou doentes; infantis, jovens ou envelhecidos; alegres ou tristes; ricos ou pobres; vestidos ou despidos; sem distinção de etnias ou religiões navegam digitalizados pelas vias das redes midiáticas. A fotografia digital é mais que um fenômeno tecnológico da pós-modernidade, é uma revolução que ocorreu no cotidiano contemporâneo em todos os níveis sociais.

Os corpos dos adolescentes e dos jovens são os mais expostos, pois são eles que utilizam com maior frequência e intensidade as tecnologias digitais para a comunicação rápida e o lazer. O exibicionismo é uma das principais características desse grupo de usuários seja qual for a orientação sexual do usuário. A exposição do corpo desse grupo social e da criança tem gerado muitos questionamentos, sobretudo no que diz respeito às fotos digitais de desnudamentos. A preocupação afeta toda a sociedade, desde o campo jurídico, passando pelos discursos religiosos, pelo posicionamento familiar e da educação. Enfim, a problemática chega às escolas, onde se encontram todos os dias as crianças, os adolescentes e jovens com seus celulares. Quando uma foto de uma parte ou do corpo inteiro desnudo é postada e circula em alguma rede, dentro do ambiente escolar, torna-se um acontecimento polêmico, que exige providência dos educadores, dos pais e até das autoridades.

Um discurso recorrente sobre os impulsos que levam o adolescente e o jovem a se exporem aponta, entre outros, o narcisismo, o egocentrismo, a baixa estima, a necessidade de seduzir. O expor-se, portanto seria o resultado de vários tipos de fatores que levaria a uma ação impulsiva. Talvez se fosse perguntado àquele que se expôs por que o fez, ele mesmo talvez não soubesse responder. Mas se pode constatar que a fotografia, nas redes sociais, são ilustrações de um diário compartilhado que tem como

objetivo compor uma narrativa de vida íntima, muitas vezes sem nenhum critério. O certo é que a selfie, o autorretrato do mundo digital, sem limites entre o público e o privado para chamar a atenção apela para a sexualidade. Como esse tipo de exposição tem gerado problemas sérios, a SaferNet disponibiliza um canal online para que pais e adolescentes entrem em contato com psicólogos com o objetivo de esclarecer dúvidas sobre o assunto.

O exacerbado impulso do mostra-se, revelar-se cotidianamente por meio das fotos digitais é resultado da democratização da aquisição e do uso das novas tecnologias, esse fator é inquestionável, entretanto existem outros de caráter cultural, social e psicológico.

1.2 Pornografia e exibição da intimidade no advento das tecnologias visuais.

Com o surgimento da impressão no século XVI uma quantidade significativa de material de cunho sexual foi produzido e circulava, apesar das proibições da Igreja, no meio popular. No entanto, grande parte desse material se constituía por um lado de literatura erótica e de outro da escrita pornográfica. Algumas publicações traziam ilustrações com desenhos dos órgãos genitais, ou de casais em prática sexual. Algumas ilustrações eram bem ricas em detalhes na retratação dos corpos representados nus.

Segundo Dominique Maingueneau (2010), é necessário diferenciar a literatura erótica da pornográfica. O erotismo é uma forma de representar a sexualidade dentro de determinados limites. Respeita, quase sempre, os valores reivindicados pela sociedade ao impor certa polidez às expressões para que possa ter livre circulação. Já a pornografia não mascara suas tendências sexuais agressivas. O pornográfico tende a desvelar o corpo de forma desavergonhada, seja no texto escrito, na gravura, fotografia ou vídeo. Não há moral restritiva, pois o pornográfico circula na ordem da pulsão primitiva do id.¹⁵

A arte bem como o nascente mercado da pornografia verá na fotografia e no cinema um salutar filão comercial, ao explorar o voyeurismo e o exibicionismo pela lente da máquina. Como visto no capítulo I, as representações eróticas e pornográficas acompanharam a história da humanidade desde tempos remotos, neste sentido, não é

¹⁵ O termo id remonta à psicanálise freudiana. O id é a região mais primitiva do aparelho psíquico que compreende as pulsões mais instintuais. Por ser pulsão amoral e primitiva, objetiva a obtenção de prazer a qualquer custo, daí sua necessidade de se expressar à consciência pelos desejos de caráter sexual.

mistério a necessidade humana de plastificar em arte a pulsão sexual, o desejo e a fantasia.

Apesar de muitos egiptólogos acreditarem que a primeira “revista pornográfica” remonte à época de Ramsés II com o Papiro de Turin, as primeiras revistas de nus femininos fotografadas apareceram na França no final do século XIX. No início retratavam artistas do teatro e dos bordéis. Suas fotografias ilustravam capas ou o interior das revistas. Estas imagens apesar de serem classificadas e consideradas atualmente muito mais arte erótica do que pornografia provocou grande escândalo na sociedade europeia na época de sua produção,

acusadas de oferecer uma forma de pornografia individual e despida de sentimentos, a revista “para homens” tinha funções: descoberta ou ativação da sexualidade para aqueles inibidos ou inexperientes. Reativação, para os entediados. E substituição, graças ao *voyerismo* e masturbação, para aqueles que se encontrassem abandonados ou desejosos de satisfazer desejos, sendo fiéis às companheiras. (RASPANTI, 2014)

Como afirma Raspanti o material pornográfico tentava desmistificar pelo nu a ideia do proibido, censurado e pecaminoso. Cumpria uma “função social” ao oferecer consolo aos homens abandonados ou solitários e servia como manual educativo aos virgens e inibidos. Além disso, satisfazia as necessidades voyeuristas de homens casados que ao se masturbar supostamente permaneciam fiéis às suas companheiras.

Ainda que tais alusões sirvam, em grande parte, para legitimar a produção e comercialização do material pornográfico, uma parte significativa do público masculino infanto-juvenil sempre utilizou o nu feminino em fotografias como a primeira experiência e contato com o sexo. Não se pode descartar a importância informacional e educativa (por mais que seja classificada como perversão por muitos) que a literatura e arte pornográfica desempenharam (e desempenham) na vida sexual de homens e mulheres.

Um dos pioneiros na produção de material para revistas masculinas foi o fotógrafo americano E.J. Bellocq (1873-1949), que produziu grande parte de seu acervo fotográfico ao registrar prostitutas de Storyville, o legalizado distrito da luz vermelha de Nova Orleans. O trabalho de Bellocq se destaca ao retirar as modelos de estúdios e cenários decorados e fotografá-las “in natura”, (figura 27) em ambientes domésticos,

como em cadeiras, janelas ou poltronas, totalmente à vontade, repousando ou dormindo, tendo um cenário informal, dando às mulheres a impressão de estarem se divertindo ao posar.



Figura 27 - Prostituta de Storyville, feita em 1912. E.J. Bellocq.
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/546131892282995820/>

A metalinguagem realizada no trabalho de E.J. Bellocq produz o efeito de popularização do sexo, ao captar o corpo da mulher no ambiente trivial e cotidiano da vida comum. O sentido inaugurado com tal alusão recria o corpo erótico feminino, como um corpo possível de ser alcançado, não mais o corpo inatingível das modelos fotográficas envoltas em mistério em meio a um cenário épico de colunas de mármore e tapeçarias riquíssimas. Ao contrário, o corpo desejado, é o corpo reclinado, encostado na mourisca, em repouso orgástico na cadeira ou na cama, é o corpo nu ali, ao alcance do desejante (figura 28).



Figura 28 – Prostitutas de Nova Orleans – 1914. E.J. Bellocq. Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/546131892282995820/>

A partir dos trabalhos de E. J. Belloq o sucesso de nus em revistas foi total. Por volta de 1920 surgiram os quadrinhos pornográficos com grande mercado nos Estados Unidos. Tais “quadrinhos sujos”, como eram chamados, trabalhavam com caricaturas cômicas do cotidiano, muitas vezes com figuras públicas como artistas e políticos, tudo com um tom apimentado de cunho sexual:

Originalmente, essas HQs foram produzidas de forma artesanal, impressas precariamente e lançadas em formatinho de bolso por artistas anônimos, com total despreendimento. As *Tijuana-Bibles* influenciaram os futuros autores do quadrinho underground americano, como Robert Crumb, por exemplo. (NARANJO, 2005)

Os quadrinhos pornográficos traziam personagens bem conhecidos das crianças, mas com um enredo dedicado ao público adulto. Figuras como Mickey Mouse, Betty Boop ou Popeye (figura 29) fizeram parte da extensa produção destes materiais que tiveram tradução e grande circulação no Brasil.



Figura 29 – **Série Quadrinhos Sujos**. Fonte: <http://www.universohq.com/noticias/quadrinhos-sujos-apresenta-os-classicos-da-sacanagem/>

A evolução ocorrida a partir das fotos, passando aos quadrinhos e destes para o cinema não demorou. Os primeiros trabalhos de cunho pornográfico utilizando projeção foram pequenos filmes que exibiam curtas seqüências de mulheres tirando as roupas ou cenas em que elas simulavam posar para um artista. Estes trabalhos foram apelidados de “O mordomo viu”, inclusive nome este de um dos primeiros filmes pornográficos rodados na Grã-Bretanha.

Segundo Mary Del Priore:

Assim que, em 1895, Robert Paul e Louis e Auguste Lumière realizaram as primeiras projeções públicas sobre uma grande tela, fizeram-se filmes pornográficos. Já em 1900, eles foram rodados, introduzindo uma ruptura nas representações sobre a sexualidade. Pela

primeira vez, reproduziam-se atos sexuais não simulados, realizados por profissionais de maneira estereotipada e sem relação afetiva ou pessoal. Também pela primeira vez, colocava-se em imagem e movimento, um jogo de corpos desnudos e oferecidos à observação de terceiros. Os diretores pioneiros foram Eugene Pirou e Albert Kirchner. (PRIORE, 2011, p. 236)

O cinema cria juntamente com a revista de adulto um verdadeiro mercado da pornografia e um processo único de ressignificação do corpo e da sexualidade. Mesmo que hajam movimentos moralistas contra tal produção, se observa uma tendência crescente a estabelecer uma libertação do *prazer*. O corpo, até então controlado por discursos, ora arbitrando a economia dos desejos pelo viés do pecado, ora por medidas do poder e disciplinamento estatal e médico, seja para o controle da natalidade, ou, por questões de higiene e prevenção de doença, se vê na entrada do século XX, em meio a um processo de emancipação do prazer e da satisfação dos desejos.

Os movimentos feministas no início do século XX lutaram fortemente pelo empoderamento feminino. O discurso de integração e valorização social da mulher foi muito além da “queima de sutiãs”¹⁶ realizado em 1968, o ato simbólico em Atlantic City. Evidenciou-se a luta pela libertação do corpo da mulher dos estereótipos de beleza próprios do universo do mercado e da publicidade estética e ditatorial da moda. Mesmo que na prática tal esforço tenha sido em vão no que diz respeito à redução do corpo da mulher enquanto mercadoria.

Movimentos sociais e políticos pelos direitos das mulheres invocaram entre outras coisas o seu direito ao prazer, de gozarem da erótica de seus corpos sem se preocupar com a gravidez ou a opinião pública. Neste sentido, a descoberta da pílula anticoncepcional em 1960, trouxe grande libertação do prazer feminino, ao fornecer a elas o direito e liberdade de transar pelo prazer e o gozo da relação sem medo da gravidez e as responsabilidades que esta enseja.

Até as mulheres passaram a ter acesso ao voyeurismo da produção pornográfica. A partir de 1970 a abundância dos novos meios técnicos de produção de imagens aprimorou a difusão e possibilitou a popularização da pornografia, até então limitada pela legislação, mas também pela dificuldade de reprodução e problemas de logística

¹⁶ As manifestantes colocaram no chão do espaço, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas, espartilhos, cintas e outros “instrumentos de tortura” (v. Duffet, Judith. WLM vs. Miss America. Voice of the Women’s Liberation Movement. October 1968, pg 4.). Alguém sugeriu que tocassem fogo, mas não aconteceu porque não houve permissão do lugar (que não era público) para isso. Também ninguém tirou seu sutiã.

por necessitar de muitos intermediários. As revistas e mídias VHS passaram a estar disponíveis em bancas de jornal, livrarias, tabacarias, seja na rua, aeroportos e rodoviárias. Poderiam ser adquiridas por qualquer adulto que de forma desavergonhada, que se enfrontava em meio a prateleiras de pura pornografia, mergulhando no universo do sexo.

Aos poucos a indústria do entretenimento assumiu o viés encantatório que o discurso mercadológico exerce sobre as pessoas. A fotografia e o cinema publicitário não cessam de mostrar partes do corpo, seja no cabelo lavado com o shampoo que promete o volume e textura tão desejados. No creme hidratante que ao ser utilizado na pele (branca quase sempre) remete a maciez e elasticidade da pele infantil. Ou ainda, partes do corpo cada vez mais íntimas que são reveladas, devidamente depiladas, higienizadas com sabonetes íntimos, tratadas e embelezadas. O discurso publicitário da mulher desejável rima com a ideia da mulher livre e autônoma, que deve ser fotogênica para os outros e para si mesma, em todas as circunstâncias do dia a dia, no trabalho, no lazer ou no conforto do lar.

Sobre a alusão da liberdade emancipação feminina por meio da mídia visual, afirma Denise Sant'Anna:

Mulheres vestindo jeans, com cabelos em desalinho, ou exibindo pernas e braços nus; mulheres de biquíni, saltando e correndo com os cabelos ao vento, sugerindo uma total indiferença à presença do olhar alheio: na revista *Cinelândia*, os relatos de atrizes transpirando uma liberdade física outrora considerada signo de imoralidade viram moeda corrente. Nos contos e imagens de moda das revistas *Querida* e *Capricho*, os conselhos de beleza apostam na necessidade de ser bela da cabeça aos pés, em todas as horas do dia e em todas as idades. (SANT'ANNA, 2005, p.66)

O que se nota com o aparecimento das mídias visuais é o surgimento vagaroso, mas ascendente do desejo voyeurista e exibicionista do ver e ser visto, a vontade perene da exposição, e de forma refratária de possuir a imagem pessoal associada a um ideal fotogênico fruto de uma demanda de consumo produzida pela publicidade: seja o sexo performático, idealizado a partir das performances faraônicas dos atores e atrizes pornôis; o corpo sarado e hipertrofiado dos modelos magérrimos da propaganda de produtos de emagrecimento e boa forma; a pele angelical e contornos dos traços do rosto perfeitos prometidos por cosméticos ofertados na propaganda.

Com a fotografia e o vídeo o corpo pode ser exposto com menos pudores do que no passado. Na verdade o corpo e a sexualidade se tornam um produto a ser consumido. Todas as expressões do corpo podem ser pasteurizadas e convertidas em mercadoria. Da extrema alegria a mais profunda das dores, existirá sempre um produto associado. O corpo se torna uma plataforma pelo qual diferentes produtos giram; corpo grávido de desejos que podem vir à luz pelo discurso instrumentalizado de que tudo que se deseja é possível de ser alcançado.

Ao corpo são criadas próteses e as mídias fotográficas e televisas são os meios que fazem chegar ao grande público o alcance destas maquinarias protéticas. As expressões do corpo, bem como sua sexualidade, tornam-se algo manipulável e ressignificado conforme o estímulo e querer do sujeito.

Afirma Sant'Anna a este respeito:

Por vezes, homens e mulheres se veem isolados como se estivessem em pleno deserto com seus corpos em plena forma. Para eles a publicidade não cessou de prometer um poder inédito de transfiguração: pode se passar o inverno bronzeado, chegar aos cinquenta anos com rosto de quarenta e adquirir a aparência ideal para cada circunstância. Maravilhosa liberdade que, evidentemente, faz algum sentido quando existem meios de consumir as centenas de tratamentos e produtos à venda. (SANT'ANNA, 2005, p. 69)

A multiplicação de imagens sobre corpos jovens, saudáveis e sempre belos contrasta com a realidade do cotidiano, embora a ideia da eterna juventude, do corpo e da sexualidade viril lance homens e mulheres a uma eterna maratona. A utilização mercadológica das plataformas visuais ressignifica a relação do ser humano com sua autoimagem. Cria a planetarização de um discurso que deve atingir a todos da mesma maneira e fazer circular os mesmos efeitos de sentidos. Houve a necessidade de criar um corpo enquanto território privilegiado de experimentações sensíveis, corpo para ver e ser visto, desejar e ser desejado. Corpo de intensidades que pertence a uma ordem discursiva onde o visual, aquilo que é observado na imagem, automaticamente é introvertido, ressignificado, criando assim novas formas de querer, sonhar e desejar.

1.3 Do analógico ao digital: as novas ressignificações do corpo no advento das tecnologias virtuais.

O nascimento da internet em 1969, nos Estados Unidos, determinou um marco na forma como o ser humano passou a ressignificar a informação, o conhecimento e as representações subjetivas do corpo. Como sabido, em sua origem a internet era chamada de Arpanet e tinha como principal objetivo interligar laboratórios de pesquisa do governo americano com caráter estritamente militar. Basta lembrar que sua origem coincide com o auge da Guerra Fria, momento de grande tensão entre as duas potências mundiais, detentoras de alto poder bélico e da tecnologia atômica. Portanto, a Arpanet nasce como uma ferramenta estratégica de veiculação rápida de informação, ligada à soberania das nações hegemônicas.

Em 1982 o uso da Arpanet se torna eminentemente acadêmico, passando a se expandir para outros países como Holanda, Dinamarca e Suécia. A partir de então começa a ser denominada de internet. Em 1987, nos Estados Unidos, a internet foi liberada para fins comerciais e sua tecnologia de acesso rápido se alastra de forma surpreendente quando em 1992 várias empresas provedoras de acesso à internet passam a desenvolver tecnologias para possibilitar o alcance e uso para qualquer usuário conectado a rede. Ainda em 1992, o laboratório Europeu de Física de Partículas (Cern) inventou a World Wide Web (www) que tornou possível o acesso ao mundo digital tanto para instituições de pesquisa, como para o mundo empresarial, o setor de entretenimento e também para pessoas comuns que no conforto de seus lares poderiam se interligar a um universo de possibilidades comunicativas.

Desde então, a difusão da rede digital foi enorme e atingiu em poucos anos um contingente cada vez maior de usuários por todo mundo. Se comparada à fotografia e ao cinema, como representação do corpo a internet permite uma comunicação direta e instantânea com alcance planetário e interativo nunca antes vista em outras tecnologias. Óbvio que o telefone também gerou uma singular aproximação dos usuários pela interatividade auditiva. No entanto, a internet alterou infinitamente as possibilidades interativas ao criar interfaces comunicativas aprimorando a apresentação de si, transcendendo o aspecto meramente auditivo ou escrito para outras formas de comunicação e discursivização de si.

Pierre Levy (2003) ao comentar as interfaces da internet demonstra que as possibilidades de interação do usuário com a rede cria novas formas de produção antes impossíveis. Em um mesmo instante o internauta salta de um link a outro, sobrepõe hiperlinks, aciona ao mesmo tempo tarefas diversas, como um texto, uma música e a imagem. Cria novos acontecimentos em um click, estabelece uma complexa relação de ocorrências simultaneamente por meio de modalidades de ícones espelhadas na tela do computador. As novas tecnologias proporcionam a multitarefa de forma assombrosa, possibilita a hiperatividade, aproxima tarefas dispares em uma mesma máquina, estabelece a universalização das funções. *“O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da Web.* (LÉVY, 2003, p.149)

O fato é que esta plataforma inaugurou uma nova fronteira para as telecomunicações, reinventou e produziu demandas comerciais antes inimagináveis e criou uma forma singular de interação do ser humano com a sua cultura e a cultura planetária. Como bem explica Pierre Lévy:

A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecido das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contra-propagandas, a confusão dos espíritos. (LÉVY, 2003, p.13)

Ocorre a aceleração e difusão da informação e por consequência das produções simbólicas e existenciais. O que isso ocasiona no sujeito enquanto expressão de seu corpo? A resignificação da representação do corpo, agora libertada das amarras analógicas do tempo e espaço e dispersa no universo digital, uma rede constituída de várias entradas e saídas e com uma forma de existência própria, com uma linguagem específica e com efeitos de sentido que escapam ao controle do sujeito que produz o discurso. Na internet toda informação participa de uma rede infinita de intersecções de usuários que não somente emitem juízos de valores sobre tais produções, como eles mesmos criam e veiculam suas próprias produções.

O corpo da fotografia e vídeo é o corpo posado ou ensaiado, é corpo inserido no ambiente controlado no texto e contexto do enredo, no acontecimento que deseja registrar. Produz efeitos de sentido previamente pensados pelo fotógrafo ou cineasta. O corpo nas mídias visuais das tecnologias analógicas está enquadrado nos limites de um para muitos, ou seja, daquele que o produz segundo sua intencionalidade, para uma população específica que o deseja ou espera.

As novas tecnologias digitais com o seu dilúvio informacional que jamais cessa parece ultrapassar a fronteira identitária existente na fotografia e no vídeo, pois agora o usuário munido de um pequeno computador ou smartphone torna-se um centro produtor de informação, podendo discursivizar seu corpo e suas expressões segundo sua intencionalidade. Torna-se obsoleta a necessidade de intermediários, juntamente com a parafernália de câmeras, tripés, luzes, e dos centros de captação, edição e transmissão da imagem, agora, o usuário tendo a conexão com a internet, pode elaborar o enredo que deseja e apresentar seu corpo segundo suas necessidades.

Como afirma David Le Breton em seu artigo *Adeus ao Corpo*:

O ciberespaço é hoje um modo de existência integral, com linguagens, culturas, utopias. Mundo real e imaginário, de sentidos e valores que só existem a partir do cruzamento de milhões de computadores que colocam provisoriamente em contato indivíduos afastados no tempo e no espaço e que, às vezes, nada sabem uns dos outros. Mundo onde as fronteiras se confundem e onde o corpo se apaga, onde o Outro existe na interface da comunicação, mas sem corpo, sem rosto, sem outro toque além daquele do teclado do computador, sem outro olhar além da tela. (BRETON, 2003, p.127)

O ciberespaço constrói um modo de existência com linguagens, códigos, símbolos e discursos próprios, expressa o surgimento de um novo “modo de ser”, diferente de todas as plataformas produzidas ao longo da história para representação do corpo e da sexualidade. A internet cria novos conjuntos de valores para dar movimento e dinamicidade aos sistemas de produção virtual. É por meio desse modo de existência peculiar que as relações simbólicas com o corpo representado nas plataformas anteriores à internet são superadas, pois agora ocorre uma descorporificação e emerge a construção da noção de um sujeito discursivo dentro do ciberespaço, dotado de uma existência que transcende a realidade física com seus limites. O corpo e a sexualidade no ciberespaço são prolongados discursivamente ao infinito.

E um dos meios mais acessados nessa discursivização é a imagem. Dentre todos os textos lançados na rede, a imagem proporcionalmente é a que ocupa maior volume, sendo objeto de desejo tanto de exibicionistas como voyeurs. A cibercultura, como define Lévy, redefiniu a comunicação pela imagem, é ela que está presente desde os primórdios da publicidade no início do século XIX, no rádio e na TV, onde ilustrava panfletos de produtos do lar destinados a donas de casa, o cigarro símbolo da força e virilidade masculina, até os personagens de desenhos animados ao divulgar brinquedos para crianças e adolescentes.

Com a internet o atrativo da imagem alcança outra proporção, pois essa imagem não somente pode ser visualizada pelo internauta, mas ele próprio pode produzir seu produto ou sugerir novas formas de apresentação de determinado produto. Usuário-produtor, inventor ou elaborador de conceitos, já não o sujeito passivo e assujeitado de antes, mas agora, alguém que participa da roda-viva do mercado, onde supostamente goza de certa autonomia ao validar e ressignificar produtos e imagens.

Segundo Pierre Lévy, a imagem perde o aspecto meramente contemplativo do consumidor, ela na Web, se torna um elemento a ser manipulado, fragmentado, colado e reelaborado. Em suas palavras:

Quanto à imagem, perde sua exterioridade de espetáculo para abrir-se à imersão. A representação é substituída pela virtualização interativa de um modelo, a simulação sucede a semelhança. O desenho, a foto ou o filme ganham profundidade, acolhem o explorador ativo de um modelo digital, ou até uma coletividade de trabalho ou de jogo envolvida com a construção cooperativa de um universo de dados. (LÉVY, 2003, p.150)

Este tipo de representação remonta a ideia de Foucault, no qual, um discurso evoca várias vozes, quando uma imagem é inserida na rede, ela trás consigo todo um conjunto de enunciações que transcendem a própria imagem. A imagem evoca ruídos de gestos de leitura, análises e interpretações que a representa como um caleidoscópio discursivo, incrustrada de subjetividades, ou seja, a imagem fica “grávida” de intencionalidades, sejam elas ideológicas, políticas, psicológicas, patológicas e porque não dizer, narcísicas.

Uma vez lançada no mundo virtual a imagem foge ao controle do programador ou internauta, pois esta adentra uma realidade existencial única, singular e detentora de

suas próprias leis de funcionamento. Comunga da fluidez do universo digital que lida com fragmentos de informação onde suas marcas deixam rastros em um universo que possui suas próprias formas numéricas de comunicação. Na web a imagem deixa rastros onde programas de rastreamento (ou espiões), seguirão seus códigos e padrões iconográficos, devolvendo ao internauta uma enxurrada de simulacros interligados à busca veiculada por este na rede. Por isso praticamente todos os dados fornecidos por qualquer usuário na internet transformam-se em informações preciosas de grande interesse das companhias que lidam com o valor da informação. Seu corpo não é “propriamente” seu, pois estará inserido em um universo de monitoramentos e subjetivações.

Importante frisar que as novas tecnologias digitais promovem apenas uma separação na representação de si do corpo e da sexualidade por meio da liquidez fragmentária que a imagem sofre na rede. Por utilizar técnicas polimórficas pertencentes ao ciberespaço que converte matéria em dados, códigos, índices e símbolos a fragmentação fenomênica ressignifica o corpo, produzindo um avatar do eu real. Como um jogar de dados em um tabuleiro, a leitura e interpretação de uma imagem postada na internet percorrerá caminhos que fogem ao controle do programador ou exibicionista.

Se comparada às produções anteriores como outras ferramentas no caso a arte, a literatura e a vida cotidiana inseridas no mundo religioso e político, claramente se percebe que houve apenas o aprimoramento da técnica, o afinamento dos dispositivos de captação da imagem, que recolocou o corpo e suas produções em outra ordem discursiva, mas que embora tenha certo impacto social não prejudicou as outras formas de plastificação do ser humano e suas demandas existenciais.

Merleau-Ponty evidencia a ideia de que a máquina funciona, enquanto o ser humano vive. O sentido dado ao mau uso da máquina não tem origem na própria máquina, mas naquele que a manuseia. Afirma Merleau-Ponty:

E é apresentado como uma natureza. [...] Na realidade, a máquina não encontra as leis naturais e faz apenas uma imitação do fenômeno autêntico. [...] Mesmo se faz uma projeção aparente, a máquina não comete “bons” erros. [...] A máquina é uma montagem prevista para um número finito de casos. A sua margem de imprevisão é muito medida. [...] A função da máquina tem um sentido, mas esse sentido é transcendente, está no espírito do construtor. [...] Não existe sentido operante dentro da máquina, mas apenas no ser vivo. (MERLEAU-PONTY, 2003, 56)

O pseudoproblema do impacto aventado por algumas abordagens não resiste às evidências, principalmente àquelas que demonstram que muito além da máquina com a suposta autoconsciência existem sistemas políticos, econômicos e elementos culturais e ideológicos que condicionam e orientam os rumos de uma determinada tecnologia. É como comparar, de forma grosseira, o martelo enquanto ferramenta produzida para fixar pregos ao ato de utilizá-lo para afundar o crânio de alguém. O mau uso de uma tecnologia ou ferramenta não está centrada em si mesma, mas naquele que a manuseia e possui o controle sobre ela, por isso, é absurdo buscar o fantasma na máquina, um viés demoníaco em uma ferramenta gerida pelo poder e desejo humano.

Sobre a intencionalidade que as empresas, Estados e sujeitos conferem a internet, Pierre Lévy é enfático ao demonstrar que por trás da máquina há muito mais do que circuitos, softwares e hardwares:

O desenvolvimento das cibertecnologias é encorajado por Estados que perseguem a potência, em geral, e a supremacia militar em particular. É também uma das grandes questões da competição econômica mundial entre as firmas gigantes da eletrônica e do software, entre os grandes conjuntos geopolíticos. Mas também responde aos propósitos de desenvolvedores e usuários que procuram aumentar a autonomia dos indivíduos e multiplicar suas faculdades cognitivas. (LÉVY, 2003, p.24)

Como se nota no argumento de Lévy existem intencionalidades latentes ao desenvolvimento da cibertecnologia. Por isso, torna-se descabido desqualificar tais aprimoramentos tecnológicos como se fossem fomentadores de desagregação social ou patrocinassem o isolamento dos sujeitos. De fato não há como conceber a vida atual sem a presença maciça da web, porém tais aperfeiçoamentos apesar de converterem a pele em uma tela que se abre às conexões múltiplas no ciberespaço, nunca eliminarão as relações somáticas tão caras e importantes na confecção do tecido social. O ser humano, como afirma Aristóteles, é um ser social e mesmo que esta sociabilização digital soe estranha ao se observar transeuntes aficionados às telas dos smartphones e tablets enquanto caminham pelas ruas, passeiam pelo shopping ou se divertem na mesa do bar junto aos amigos, constituem uma nova forma de ser e se relacionar, conectados ao mesmo tempo àquele (a) que compartilha a companhia na mesa de bar como aquele (a)

separado (a) à centenas de quilômetros, mas que se faz presente à cada digitação, áudio ou vídeo produzidos por diferentes aplicativos do dispositivo.

O que é o virtual senão uma realidade preta de emergência e de expressão? Assim, como afirma Aristóteles em seu *Novum Organum*, a semente em si, enquanto potência, já é árvore, por possuir toda capacidade intensiva para atualizar essa vontade de ser. Portanto, assim também é esta estranha, mas fascinante forma de existir na rede, mesmo não existindo fisicamente no tempo real, o outro na rede é um sujeito de intensidades, pois a internet se torna o veículo pelo qual partículas enlouquecidas de afeto circulam em uma velocidade inimaginável, criando um grande tráfego de informações que inundam o espaço e os silenciamentos, envolvendo o ser e o enquadrando a novas formas de existir e variados efeitos de sentido.

1.4 Biopoder, biotecnologia e as políticas do corpo.

Michel Foucault em sua obra *Vontade de Saber* (2014) descreve as formas utilizadas pelos mecanismos de poder no exercício de normalização de saberes. Demonstra que as instituições que formam o corpo administrativo de um Estado sempre criaram cadeias normativas de disciplinamentos para orientar valores e determinar as diferentes políticas a serem aplicadas no estabelecimento do tipo de conhecimento dito como verdadeiro, correto e que comungue com aquilo que sociedade acredita ser a própria verdade. Questiona Foucault: o que é a verdade? A verdade é aquilo que um grupo detentor dos meios de produção estabelece como sendo o correto. Não existe uma verdade ôntica, como na filosofia platônica, uma verdade ideal que transcenda as percepções fenomênicas e alcance a coisa em si. Neste sentido, a verdade é um constructo intelectual criado por um grupo que representa uma parcela importante da sociedade e que é imposto coercitivamente pela educação ou cultura de um povo.

Ora, o biopoder é, segundo Foucault, um dos conceitos mobilizados pelas diferentes Instituições na implementação de saberes. A veiculação dos regimes de saberes está presente nas microrelações de poder que partem desde o ambiente familiar, em uma microfísica que veicula valores, normas, costumes, passando posteriormente para o espaço escolar que com seus regimes de disciplinamento formam e ordenam os corpos dos alunos segundo a intencionalidade dos saberes.

Este processo de normalização utiliza-se da linguagem ao estabelecer um tipo de discurso que em si já carrega o saber que participa da ordem discursiva. É este discurso que desenvolve a identidade social de um sujeito. Interioriza simbolicamente os papéis sociais que cada grupo deve desempenhar, divide gêneros, ordena o que é lícito ou crime, molda até a biologia e o pensamento em um processo de biopoder, já que converte os sujeitos naquilo que Foucault conceituou de “corpos dóceis”.

Basta observar a indústria da moda que ao lançar pela publicidade uma cadeia de comportamentos, estilos e tendências têm quase que automaticamente a incondicional adesão da sociedade. Seus saberes e discursos são absorvidos inquestionavelmente. Isto parte do estilo de roupa, às proporções dos corpos ideais (no caso do ocidente, corpos magros e hipertrofiados), ao tipo de linguagem utilizada ou a um comportamento considerado moderno e atraente. A força do biopoder cria tendências, estabelece discursos e molda os corpos ao saturá-los de saberes e conseqüentemente de desejos.



Figura 30. **As mulheres Kayan ou Padaung.**

Fonte: <https://www.360meridianos.com/especial/mulheres-girafa-da-tailandia>

As mulheres Kayan ou mulheres girafas da aldeia Padaung na Tailândia encarnam a força do biopoder (figura 30). Os adornos em forma de argolas que carregam no pescoço desde os cinco anos de idade moldam seus corpos criando a ilusão de ótica de um longo pescoço, similar aos das girafas. O que ocorre na verdade é a

atrofia das costelas. O motivo do uso das argolas não é totalmente conhecido. Existem relatos que remontam desde a proteção contra ataques de tigres, outros falam que seria para deixá-las mais belas, ou ainda, seu princípio remonta à punição de adúlteras. O importante é a noção de que a força da tradição ou do biopoder torna a prática um fato secular que acompanha estes agrupamentos há séculos.

O biopoder ou biopolítica se faz presente nos regimes de ordenamento social, por exemplo, no controle de natalidade, quando uma sociedade necessita regular a taxa de nascimentos segundo a escassez de alimentos ou aumentar o índice de nascituros pelo baixo índice de mão-de-obra dentro do país. Quando regulariza juridicamente o aborto, segundo critérios de violência contra a mulher, risco de morte à mãe ou de má formação do feto. Ou ainda, nas políticas de eugenia, que mobiliza o conhecimento genético para tipificar o perfil da criança desejada, seguindo os critérios da vontade dos pais, seja na cor dos olhos ou do cabelo e até a cor da pele.

A biopolítica determina quais sujeitos tem o direito de existir e participar do meio social e quais devem ser excluídos por serem considerados anormais, indesejados, pervertidos ou doentes, como por exemplo, os homossexuais. A sociedade heteronormativa normalizou a heterossexualidade como padrão social e olha com dificuldade aqueles que fogem deste padrão ao classificar e marginalizar pessoas com orientação sexual diversa.

É ainda possível notar a influência do biopoder no espaço reservado aos idosos em uma sociedade que cultua a eterna juventude. Os regimes de saberes mobilizados em torno da manutenção da beleza e da virilidade juvenil separa e marginaliza todos aqueles que não gozam de tais atributos. Os saberes que apregoam o corpo saudável e desejável move uma lucrativa indústria de cosméticos e de cirurgias plásticas, uma corrida descomunal ao corpo ideal nas academias onde de fato a manutenção da saúde é o pano de fundo de um interesse muito maior, o corpo a ser exibido e invejado. Não é atoa que os transtornos mentais associados à insatisfação com o próprio corpo vêm crescendo significativamente, males como a anorexia e bulimia nervosa e a depressão. Envelhecer para um número cada vez maior de pessoas é sinônimo de decadência e desespero.

Hoje a biopolítica mobiliza novas demandas políticas e econômicas, pois a biotecnologia vem modificando e revolucionando a produção e reprodução da vida. Novas descobertas na área da genética e nanotecnologia abrem possibilidades de interação do ser humano com o conhecimento e o mundo antes impossíveis de serem

concebidas. Tal tecnologia insere abordagens médicas que resgata a vida e o bem estar de pacientes antes condenados à morte ou a uma subvida, ou potencializa funções físicas e mentais rompendo com os limites físicos e os efeitos do tempo sobre o corpo, basta lembrar a revolução causada com a invenção do Viagra em 1996 que trouxe um novo ar de autoestima à vida sexual de homens no mundo inteiro.

Portanto, a biopolítica possibilita pelos avanços científicos a revolução da biotecnologia e com ela o corpo e suas produções são reconfiguradas, redimensionadas e representadas, abrindo novos horizontes e superações aos limites do próprio corpo. A nova ciência positivista do século XIX produziu grande conhecimento e reinsereu o ser humano em um mundo muito mais técnico e menos enigmático.

Pelo menos desde a Renascença, o corpo humano vem sendo “dissecado” e revelado. A começar em parte pelos estudos de anatomia feitos por Michelangelo para imprimir às suas obras uma perfeita imitação da natureza. Vale dizer que o autor estudou não somente modelos vivos, mas também dissecou cadáveres, para conseguir estudar os músculos, tendões, vasos sanguíneos. Por fim, o crânio é aberto e com os estudos do cérebro as tecnologias passam a imitar o seu funcionamento. A inteligência artificial e a cibercultura são simulacros crassos do funcionamento das redes neurais, porém, mesmo sendo apenas simulações grosseiras imprimem a invenção de uma infinidade de maquinarias que auxiliam e facilitam grandemente a vida diária de bilhões de pessoas.

O mito do homem máquina, o ser humano artificial saí aos pouco da ficção e toma forma na medida que as tecnologias se aprimoram. No entanto, se a invenção de um humanoide consciente ainda é um desafio que beira a fantasia, já existem máquinas e próteses inseridas em corpos causando verdadeiros milagres.

Adauto Novaes (2003) afirma que mesmo a ciência sendo motivo de desencantamento em muitos aspectos comerciais, realiza feitos fantásticos que desafiam a imaginação, afirma:

[...] essa ciência dá corpo à imaginação: os cegos poderão ver, a memória humana poderá ser gravada em circuito eletrônico, o homem pode ser criado pela manipulação científica, doenças podem ser anunciadas por antecipação, combinações podem ampliar os anos de vida etc. Cientistas do Instituto Nacional de Prótese neurológica dos Estados Unidos desenvolveram um olho de vidro com uma minúscula câmera embutida. Implantado no paciente, o olho capta imagens que

são traduzidas por chips, microcircuitos eletrônicos implantados no córtex cerebral, onde se controla a visão. (NOVAES, 2003, p. 13)

A constatação de Novaes já se faz presente em amputados que se servem de próteses inteligentes que ao serem implantadas nos membros mutilados tem seus microcircuitos conectados aos nervos e receptores neurais. Por meio de softwares que decifram os comandos de input induzidos pelo cérebro a prótese responde automaticamente por meio de movimentos suaves, seja do abrir e fechar de uma mão ou na indução de pequenos passos à pernas artificiais. Chips implantados no cérebro ou em diferentes partes do corpo, como o coração, ordenam os batimentos cardíacos, regulam a circulação sanguínea, permite funcionalidade fisiológica artificial que a muito fora perdida por um acidente ou patologia. Neste sentido o conceito homem máquina não soa descabido, uma vez que tais tecnologias inauguram um corpo saturado de próteses, sejam de correção ou de aperfeiçoamento de funções.

Isto sem falar da indústria das cirurgias plásticas que reinventam os corpos. Ao introduzir próteses, extirpar tecidos, remodelar membros, corrigir disfunções e má formação de órgãos. A indústria da beleza, torna explícita a força e presença do gerenciamento que o biopoder exerce no mundo do consumo, por meio do discurso do corpo como vitrine ou produto a ser mostrado, admirado e consumido. Outro ponto a ser analisado é o avanço da biotecnologia esportiva, por meio de suplementos alimentares e indutores de emagrecimento, ou de ganho de massa muscular que associados a novas modalidades de treinos em academias e estúdios de pilates e funcionais levam os corpos a um grau de hipertrofia cada vez mais avançado, possibilitando ao cidadão comum alcançar o corpo invejado por todos e que num passado próximo só seria possível a atletas, artistas de filmes e novelas.

É evidente que o surgimento da internet está inserido na ordem discursiva do biopoder e da biopolítica. A expressão do corpo e da sexualidade por meio das redes sociais assume nos dias atuais um tipo de demanda e comportamento específico entre os usuários da web. A cibercultura está presente no cotidiano de bilhões de pessoas em todo mundo, e mesmo a inclusão digital sendo uma realidade distante da vida de uma cifra significativa de pessoas, um número crescente de sujeitos estão conectados 24 horas ao ambiente virtual. E o fato do uso destas tecnologias digitais ser cada vez mais precoce na vida dos usuários têm provocado formas peculiares de subjetivação na formação da personalidade que resulta em padrões de comportamento bem específicos.

É justamente este o objetivo do próximo capítulo nesse trabalho. Explorar o universo das redes sociais e seus usuários, bem como, as mudanças sociais e comportamentais e sexuais assistidas com o uso sistematizado da internet. Vale dizer que uma análise demorada sobre crianças e adolescentes com acesso a web se torna necessário a fim de entender as mudanças ocorridas não somente na formação da personalidade, mas também as consequências no ambiente escolar no que diz respeito ao ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO III

1 Algumas transformações socioculturais e tecnológicas produzidas pela internet e seus efeitos de sentido na discursivização do corpo e da sexualidade.

Questiona-se agora, o que é o corpo na rede? Quais efeitos de sentido são produzidos pelo corpo na internet? Será que as tecnologias virtuais condicionam outra forma de existência?

As tecnologias digitais transformaram significativamente a representação do corpo. No mundo real o corpo está limitado às três dimensões do espaço-tempo (altura, largura e profundidade), já no ciberespaço estas barreiras físicas são superadas por intersecções rizomáticas que conferem uma multiplicidade de movimentos ao corpo digitalizado. Esta nova forma de existência oferece infinitas possibilidades de deslocamento e interação ao internauta, um devir constante orientado segundo a vontade do usuário no universo online.

As vias de informações existentes no ciberespaço são como uma rodovia movimentada. Tais informações se sobrepõem, são realimentadas a todo instante por milhões de usuários que produzem e postam conteúdos diversos. Por isso, o espaço ocupado pelo corpo na rede comunga com esta peculiar forma de existência informacional, tornando se ele próprio informação em uma cadeia nômade de acessos e apreciações.

A pesquisadora Eva Illouz (2011) ao discutir o significado do corpo na internet afirma que no momento em que o sujeito adentra o ciberespaço há certa anulação do corpo:

A internet é apresentada como uma tecnologia descorporificadora, e que desmaterializa o corpo de maneira positiva [...] essa ideia, por sua vez, é compatível com um “discurso central utópico em torno da tecnologia da computação”, centrado no “potencial oferecido pelos computadores para que os seres humanos escapem do corpo” [...] Na cultura do computador, a corporalização é comumente representada como uma barreira lamentável à interação com os prazeres computacionais. Na escrita cibernética é comum fazer-se referência ao corpo como “a carne”, a carne morta que cerca a mente ativa que constitui o eu autêntico (ILLOUZ, 2011, p. 108). 66

A realidade virtual lembra o paradoxo de Descartes (1596-1650) que ao opor corpo e mente estabelece a clássica divisão entre *res cogitans*, ou seja, a razão ativa e a *res extensa*, sendo o mundo externo e passivo. A razão para Descartes possui um limite a ser superado, o corpo, pois há muito mais na mente humana do que o corpo pode suportar. Esta *res extensa* ou invólucro aprisiona o poder da mente, se houvesse uma forma de superar o corpo e dar vazão às infinitas possibilidades da razão certamente o ser humano poderia ir além de si mesmo. Daí a máxima cartesiana, Penso, logo existo! Que em outras palavras demonstra a submissão do corpo à capacidade cognitiva: ter consciência de si e poder nomear a própria existência e dar significado ao mundo, não há sentido de ser fora da consciência do cogito.

O sonho de Descartes parece se realizar com o advento da internet, pois esta desloca a mente do corpo ao possibilitar, nas palavras de Illouz, uma descorporificação da mente traduzida a um corpo discursivo, cheio de intensidades informacionais produzidas segundo o desejo do usuário. O corpo na rede torna-se um avatar, e este carrega a identidade (ou identidades) do “sujeito digital”, livre tanto dos limites do corpo físico: cansaço, doença, mutilação etc, como das barreiras do espaço-tempo, já que transita em um universo de conexões interligadas em todo mundo.

A ideia de um avatar descorporificado no ciberespaço permite maior amplitude dos sentimentos e desejos ao circular com grande liberdade em espaços fluidos que se movimentam constantemente pelo manuseio e interesse de infinitos sujeitos. O sujeito digital incorpóreo é constantemente construído e destruído pelas mentes e discursos que o cercam e valoram: um espectro de consciências que toma forma fora do corpo e circula deixando marcas digitais sem necessitar das barreiras físicas.

Autores como David Le Breton (2003) comungam de tal ideia ao afirmar que “o corpo não é mais uma fronteira identitária, mas vestígio deixado no espaço”. O corpo passa a ocupar um lugar secundário como uma memória ou traço na relação com o sujeito:

Conectados ao ciberespaço, os corpos se dissolvem. “Suspenso no universo do computador”, diz Heim, “o cibernauta abandona a prisão do corpo e entra num mundo de sensações digitais.” O viajante da infoesfera não se sente mais preso a um corpo físico, ele conduz sucessivas explorações sobre identidades geralmente diferentes, em um mundo imaterial (BRETON, 2003, p, 124)

As limitações impostas pela idade, sexo, doença ou deficiência são superadas na web, ali o sujeito digital circula com seu corpo informacional, levado pela sua competência de adentrar e sair dos múltiplos cenários existentes na rede. O corpo físico se comparado ao seu avatar torna-se um vestígio limitado, um suporte sem muita importância na rede.

Talvez aqui se compreenda porque milhões de pessoas preferem viver relacionamentos e romances virtuais em detrimento de envolvimento reais. Os limites do corpo são superados pela mente, que, ao adentrar o universo digital, personifica avatares específicos que superam limitações físicas ou psicológicas. Se alguém é desprovido de beleza física, constrói um avatar com atributos irresistíveis. Se um usuário tem dificuldades para falar e se declarar pessoalmente a uma mulher pode adentrar em uma sala de bate papo, e protegido pelo anonimato, converter-se em um sedutor atraente, e por meio do discurso atrair pretendentes. Neste sentido, o sujeito virtual torna-se uma prótese que amplia os efeitos de sentido do sujeito real.

A evolução tecnológica oferece ao internauta aplicativos e sites com variedades de serviços que aproximam lugares e proporcionam experiências sensitivas mesmo com usuários a milhares de quilômetros de distância. O idioma já não é uma fronteira, uma vez que tradutores online convertem textos para qualquer língua. Estas interfaces proporcionam interações e vivências cada vez mais intensas.

Segundo Santos (2014):

Sem sair de casa, conectado à rede, é possível lançar-se nos rios da Amazônia e desfrutar a riqueza de suas águas com seus peixes e botos cor de rosa, se infiltrar na floresta e conhecer animais exóticos e pássaros coloridos e, por meio de aplicativos, ouvir seus cantos fantásticos. Despir a mulher ideal num jogo erótico de um site de relacionamento; dialogar durante horas com ciberamigos espalhados por várias regiões do mundo, tudo simultaneamente, sem as regras do tempo e espaço. Não se conhece nada desses amigos além do pseudônimo e as reações textuais que expressam, ao participar de um jogo de RPG. (SANTOS, 2014, p. 67)

O ciberespaço construiu um modo de existência, por meio de códigos, linguagens, símbolos, culturas e discursos próprios; um conjunto de valores particulares para dar movimento e dinamicidade aos sistemas de produção virtual. É por meio desse modo de existência que as relações se descorporificam e emergem sujeitos com funções específicas no ciberespaço, existências fluidas e prolongadas somente enquanto

acessadas pelo usuário. Nesse sentido, favorece toda potência do pensamento e promove a libertação da mente dos limites corporais.

Continua Breton nesse sentido:

É possível viver em uma cidade virtual, com apartamento, profissão, lazer, vizinhos, amigos, ir a uma sala de espetáculos, informa-se sobre o caminho com outros internautas que vão para lá etc. É possível assistir a partos transmitidos ao vivo, e a própria vida não escapa mais à Net. Um site canadense permite acompanhar um funeral por meio de uma câmera conectada à rede. [...] tendo dispensado o corpo, todas as metamorfoses são permitidas (BRETON, 2011, p. 128).

Santos afirma que as superfícies criadas pelo ciberespaço circulam em “planos de imanência”¹⁷ com potência suficiente para produzir zonas de enunciação. A natureza das zonas de enunciação depende do espaço que ocupa na rede, ou seja, é produzida em campos onde determinada função ou necessidade surgem como “Acontecimento.”¹⁸ O mundo virtual é um campo de enunciação onde circulam imanências que criam variados efeitos de sentido, de forma a responder as necessidades variadas do internauta que se desloca do corpo, mergulha nas linhas de fuga dos planos de imanência digitais e circula sobre variadas “existências nômades”.

Este fenômeno ou forma de ser anula o corpo quando lançado na web e o transforma em corpo digital, ao oferecer ao internauta a liberdade e prerrogativa de acessar a demanda que desejar enquanto as plataformas do mundo virtual o situa em variadas posições por meio de links e hiperlinks.

Como afirma Breton (2003):

O tempo da conexão abre-se a um mundo descorporificado, sem interioridade, pura superfície. O corpo não se impõe nem mesmo como injunção de identidade, pois a esse respeito todos os jogos são possíveis. Pessoas deficientes ou gravemente doentes têm a oportunidade de mover-se à vontade, sem temer obstáculos físicos, ou comunicar-se sem temer serem estigmatizadas. O peso do corpo é eliminado, não importa a idade, a saúde, a conformação física; os

¹⁷ Relativo à filosofia deleuziana, o conceito plano de imanência está ligando à ideia de intensidade, ou zonas de poder com matéria sem significado ou sentido, é um campo de pura potência “para”. Campo de imanência é um simples fato da própria existência como uma possibilidade ou potencialidade.

¹⁸ O acontecimento sustenta-se em dois níveis no pensamento de Deleuze: condição sob a qual o pensamento pensa (encontro com um fora que força a pensar, corte do caos por um plano de imanência), objetividades especiais do pensamento (o plano é povoado apenas por acontecimentos ou devires, cada conceito é a construção de um acontecimento sobre o plano).

internautas encontram-se em um plano de igualdade justamente pelo fato de o corpo ser colocado entre parênteses. (BRETON, 2003, p. 131).

O corpo digital assume a função de suporte para a livre expressão do sujeito discursivo, “corpo” entre parênteses como afirma Breton. Mente envolta em próteses cibernéticas online a serviço da superação de obstáculos físicos e orgânicos. A liberdade proporcionada à mente pensante, enquanto consciência desejante no ciberespaço, cruza as fronteiras do tempo e do espaço e assume um tipo de existência digital que deixa suas marcas nos múltiplos espaços por onde circula. A condição de existência desse sujeito na rede é de transitoriedade e fluidez, uma vez que assume diferentes funções e aciona variados efeitos de sentido.

Foucault oferece elementos conceituais importantes ao entendimento da relação corpo-internet. Em sua obra *As Palavras e as Coisas* (2002), enuncia “a morte do homem e o nascimento do sujeito”. Rompe a partir deste conceito com a noção do sujeito ôntico, como entidade transcendental portadora de essência em si mesmo. O res cogitans, ou sujeito da razão em Descartes, cede lugar ao sujeito produzido por elementos e relações de poder e saber altamente subjetivos e externos. Surge um sujeito descentralizado, rebelde às características essencialistas e ancorado em condições de transitoriedades discursivas.

Claudemir Alves Fernandes (2012) descreve essa noção de sujeito enquanto função de discursos,

o sujeito passa a ser considerado como uma função, ou como uma posição a ser ocupada nos discursos. A morte do homem, enquanto individualidade no mundo, e o nascimento do sujeito pelos saberes que o circundam possibilitam a Foucault, em momento posterior à arqueologia, refletir sobre a relação constitutiva entre sujeito e poder, o que o leva, inclusive, a escavar as formas sociopolíticas voltadas para o biopoder. (FERNANDES, p. 59, 2012).

Foucault reconstrói a noção de sujeito que migra do ontológico para a noção de sujeito como função discursiva. Sujeito como resultado das relações de biopoder, onde os processos de normalização interagem na formação dos elementos sócio-biológicos que constituirão o sujeito e definirão sua função e o posicionamento que ocupará no ato discursivo.

Para Foucault as intensidades presentes na função sujeito não se reduzem em si mesmas, mas é “necessário um corpo que funcione como suporte para as manifestações do sujeito, ou, para o exercício da função-sujeito”. O corpo se converte num invólucro onde o sujeito transita e se desloca em sua função de emissor de discurso. Corpo enquanto espaço e matéria necessária para o funcionamento da função-sujeito.

Um exemplo oferecido por Foucault é a figura do Corpo do Rei. O Rei quando vivo ocupa uma posição-sujeito, com um corpo, um nome e uma linha sucessória, no entanto, quando morre, a função-sujeito, enquanto intensidades discursivas continuarão a existir, agora como corpo de intensidades. Ou seja, as relações de poder-saber que dão forma à função-sujeito persistirão produzindo o Corpo do Rei enquanto memória, tornando-se suporte para sua existência:

O Rei, para assegurar sua soberania, deve ser um sujeito com corpo [...] este corpo do rei, que mantém juntas todas essas relações de soberania, não pode desaparecer como o indivíduo X ou Y que acaba de morrer. É necessária, portanto, certa permanência do corpo do rei; é necessário que o corpo do rei não seja simplesmente sua singularidade somática, tem de ser, além disso, a solidez de seu reino, da sua coroa. [...] a relação de soberania põe em ligação, aplica algo como um poder político no corpo, mas nunca faz a individualidade aparecer. (FOUCAULT, p. 57, 2006).

O que mantém o corpo do rei é a função-sujeito como exterioridade cultural, social e política que faz circular regimes discursivos de saberes garantindo a permanência de seu corpo mesmo após a morte. A função-sujeito é produto ou resultado de um aglomerado discursivo de múltiplos efeitos de sentido.

Segundo Foucault os elementos que produzem a função-sujeito se aplica a toda realidade. Todas as relações humanas estão saturadas de microfísicas de poder presentes desde o ambiente da família até às grandes instituições sociais. Estes elementos exteriores veiculados pelos discursos e linguagens estão no núcleo da produção de subjetividades. A noção de sujeito é o resultado ou efeito de todo este processo de subjetivação.

Na obra *Vigiar e Punir* (2004) Foucault ilustra as formas como os mecanismos de poder exercem suas funções de disciplinamento sobre os corpos dos sujeitos. Na obra o filósofo demonstra que os regimes de castigos impostos aos corpos dos condenados visam atingir o sujeito, em sua moral ou valores, uma condição que

subjaz e transcende o corpo do condenado, ou seja, o castigo atinge o sujeito e não somente a singularidade somática:

O corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder tem alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica [...] o corpo é investido por relações de poder e dominação. (FOUCAULT, p. 25, 2004).

O corpo apresenta-se investido por um sujeito de ação que movimenta forças produtivas segundo uma orientação discursiva e ideológica, tal conceito é importante a esta pesquisa, pois, a submissão do corpo aos elementos de subjetivação é o que se pode encontrar no corpo da internet. O sujeito digital se expressa por meio de um corpo de intensidades discursivas, de produção de subjetividades.

Segundo Santos (2014):

A constatação de Descartes e Foucault (respeitando as diferenças conceituais de cada um, lembrando que para Descartes o sujeito cognitivo é uma realidade dada de forma inata, enquanto para Foucault é construída pelo discurso e por isso, é um sujeito de transição) dos limites impostos pelo corpo à mente parecem ser diluídas e minimizadas com o advento da sociedade informacional e com as tecnologias digitais. Existem entusiastas das chamadas novas tecnologias que veem o corpo como um vestígio indigno fadado a desaparecer em breve. (SANTOS, 2014, p. 63)

O uso das novas tecnologias computacionais rompe, em grande parte, as fronteiras do corpo em relação à mente. As tecnologias híbridas que incorporam softwares aos corpos humanos para fins médicos ou de segurança já tornam tal realidade possível. A presença da internet na vida diária das sociedades industrializadas, e de forma crescente nas nações em desenvolvimento, penetrando variadas atividades cotidianas, do mundo dos negócios ao lazer e entretenimento, demonstra como o sujeito-função está sendo produzido em suas funções de biopoder. A presença da máquina na vida das pessoas faz delas um importante instrumento na ampliação e potencialização das ações mentais.

O conceito de sujeito-função, pela ótica foucaultiana, nas redes digitais seria um caso hipotético, no entanto, Santos analisa dizendo:

É um sujeito produzido pelo discurso informacional com função de transitoriedade deslocada do corpo e que circula cumprindo múltiplas posições em uma rede permeada por interconexões virtuais. O sujeito digital existe em um campo de enunciação, dotado de variados gestos de interpretação que o posiciona de forma variada, ora o colocando em determinada zona de produção, ora o conduzindo a outras regiões discursivas. Por isso, não existe um sujeito nas maquinarias computacionais, mas um conjunto de sujeitos que ocupam zonas de interpretação cumprem determinados conjuntos de funções e produzem uma série de efeitos de sentido. O sujeito na rede sempre se encontra em espaços de interconexão, abrindo e fechando portas de informação, acessando e desligando funções discursivas, segundo sua necessidade e emergência. (SANTOS, 2014, p.63)

Segundo Santos, a rede é um espaço de subjetividade, onde ocorre o deslocamento do sujeito em relação ao seu corpo que é anulado momentaneamente enquanto veículo ou invólucro da função-sujeito, dando vazão à livre circulação do sujeito em espaços rizomáticos. A rede digital é uma tecnologia de poder sobre o corpo; um instrumento com ação discursiva forte o suficiente para deslocar e inserir o sujeito em enunciações paradigmáticas. Enunciações, que se movem por redes de informação de origem diversa e externas sujeito, que produzem efeitos de sentido e patrocinam a elaboração de determinadas subjetividades, ou sujeitos, com funções determinadas para campos de enunciação específicos.

Um exemplo da função-sujeito nas redes digitais pode ser encontrado em drones operados por soldados a centenas de quilômetros. Nas guerras pós-modernas é possível realizar missões e ataques ao inimigo sem retirar um só soldado de seu território. A digitalização das tecnologias militares permitem que máquinas comandadas por executores em seus países de origem, por meio de satélites, atinjam alvos considerados hostis apenas pelo apertar de botões e leves movimentos em joystick. A projeção e alcance da mente incorporada à funcionalidade da máquina potencializa a ação humana de forma surpreendente. Pode se considerar que à medida que a tecnologia avança, o poder da mente vai superando obstáculos físicos e não-físicos em um movimento crescente.

A virtualização do corpo não está restrita apenas a centeia militar, hoje por meio de aplicativos instalados em aparelhos celulares muitos usuários podem monitorar,

em tempo real, suas residências e empresas com o uso de câmeras conectadas a um servidor. Já existem serviços que permitem a donos de cachorros e gatos acompanharem o dia a dia de seus pets, estejam seus donos no trabalho ou em qualquer viagem, inclusive com a opção de brincar ao acessar remotamente máquinas em forma de bolas, ou ainda, alimentá-los por meio de comedores que liberam água ou comida através de comandos do internauta.

Em relação as diferentes formas que a virtualização do corpo pode proporcionar ao usuário, elas vão além do comando remoto de objetos, e passa pela manipulação da autoimagem ou avatar nas redes sociais. No perfil do facebook ou Instagram, as redes sociais mais utilizadas em todo mundo, são criadas texturas conforme a vontade que o internauta deseja imprimir em seu perfil. Sua imagem passa por um intrincado tratamento, a começar por recortes que evidenciam características que o usuário deseja evidenciar: programas de filtros salientam características da pele, dos olhos, cabelos, mecanismos que aos poucos dão forma a uma existência tão única, um corpo com várias peles. Os textos introduzidos na descrição de si evidenciam juntamente com a imagem ou vídeo do usuário múltiplos efeitos de sentido, segundo o desejo do internauta.

Sobre tal fenômeno vale lembrar o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) na obra *Mil Platôs* que nomeia um capítulo emblemático intitulado, *Como Criar para Si um Corpo Sem Órgãos* ou um corpo recheado de multiplicidades; um corpo convertido em rizoma, saturado de intensidades para fazer circular demandas existenciais.

Deleuze entende a realidade constituída por *Campos de Imanência* formados por intensidades (pulsões de caráter afetivo, existencial etc), que dão forma aos acontecimentos e produzem os diferentes *corpos* que compreendem este Campo. Um corpo é o resultado ou soma das diferentes pulsões que o envolvem, no entanto, estes Campos de Imanência não são estáticos. Eles estão submetidos a um devir constante, uma vez que as relações intensivas que permeiam a realidade são nômades e dão forma a outros Campos de Imanência. Um acontecimento como uma guerra ou terremoto pode inaugurar novos Campos de Imanência e com eles novos processos de subjetivação. Um Campo se torna uma usina produtora de novos corpos e existências.

Para Deleuze os corpos, produtos destes ambientes saturados de afetos estão sempre recheados de intensidades e intencionalidades. Um Corpo Sem Órgãos – CsO, é uma subjetivação saturada de intensidades, introduzidas por um ou vários Campos de Imanência. O corpo biológico é superado por um CsO, uma vez que, enquanto o

primeiro é um composto limitado, o segundo funciona e faz funcionar uma cadeia de signos que circulam em espaços infinitamente superiores ao sujeito. Um exemplo é o corpo de Van Gogh (1853-1890) que faz circular em suas obras todas as intensidades de sua dor, alegrias e angústias. São nas obras de arte que circulam os diferentes CsOs de seu autor. Isto serve ao corpo do professor que se reveste de intensidades e afetos sem os quais nunca ensinaria, ou ainda aos amantes onde no Campo de Intensidades de seus afetos criam CsOs recheados de paixão.

Nas palavras de Deleuze:

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. [...] O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num spatium, ele mesmo intensivo, não extenso. (DELEUZE, 2004, p.13)

Neste sentido afirma Santos (2014), o CsO opera como uma condição de intensidades que faz circular uma demanda. É como um ator, que ao encarnar a personagem, precisa se desfazer de si, de sua personalidade e se refazer na personagem, reconstruir outra identidade a partir de intensidades estranhas à sua condição real. Somente criando para si um CsO, um corpo novo, ressignificado, a personagem construída fará circular o texto. O CsO de Deleuze é um meio por onde circula subjetivações, que converte e traz à existência novos corpos e dá forma à outros sujeitos provisórios. É possível construir para si um CsO para fazer circular um tipo de existência determinada que atenda aos interesses e aos desejos do sujeito.

Questiona Santos:

Ora, está estranha existência do corpo virtual, projetado nas redes sociais, configurado em subjetivações sobre subjetivações que inauguram e destroem avatares ou perfis, não seria também um CsO? Basicamente sim! Pois é o corpo intenso que acessa demandas e inaugura acontecimentos, aciona objetos, faz circular afetos e sentimentos, cria demandas discursivas. Cada usuário ao criar um perfil em redes sociais, cria para si um CsO. Cada perfil faz circular uma demanda, a começar pelo objetivo deste, seja para discursivizar a vida e os afazeres diários, o trabalho, a política, a arte ou até mesmo para fazer circular suas fantasias mais íntimas. Seja qual for o objetivo, sempre há uma intensidade a tomar forma e ser posta em circulação na rede. Um mesmo usuário pode construir para si vários CsO no mundo virtual, um mosaico de corpos prontos a colocar em movimento diferentes tipos de agenciamentos que produzem e

amplificam subjetividades, dão forma a discursos. (SANTOS, 2018, p.62)

O corpo na internet se transforma em hiper corpo com texturas que se sobrepõem como folhas ou camadas a fim de acionar necessidades e fazer circular intensidades. CsO que circulam em plataformas rizomáticas.

Pierre Lévy afirma que o hiper corpo pode ser visto primeiramente nos transplantes,

os implantes e as próteses confundem a fronteira entre o que é mineral e o que está vivo: óculos, lentes de contato, dentes falsos, silicone, marcapassos, próteses acústicas, implantes auditivos, filtros externos funcionando como rins sadios. [...] Cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hiper corpo híbrido e mundializado. (LÉVY, 2011, pgs, 30-31)

Nos dias atuais isto se faz presente no cotidiano de milhões de pessoas em afazeres simples, como ir ao banco e ter a biometria cadastrada para o acesso à conta. Já é possível fazer saques e transferências sem digitar um número sequer. No processo eleitoral brasileiro, desde 2008, a biometria faz parte da identificação de milhões de eleitores. Existem sistemas que identificam usuários pela íris, dando-lhe acesso a sistemas e locais restritos. Corpo com existências que transcendem o corpo físico, marcas numéricas decifradas em programas que codificam e ressignificam dando origem a um hiper corpo.

Afirma Santos (2018), o mundo virtual também se torna hiper corpo na medida em que cria um aldeamento dos corpos virtuais, comungando experiências similares, acionando acontecimentos, criando uma verdadeira globalização de realidades compartilhadas em sites de relacionamento de todos os tipos. Prótese discursiva de tradutores automáticos que faz a barreira da língua se anular, jogos on-line que criam verdadeiras tribos com indivíduos de nacionalidades diferentes, compartilhamento de arquivos que geram um intenso tráfego de informações, gerenciamento de conhecimento em redes específicas de cultura e arte. Ou seja, dá origem ao hiper córtex que expande, segundo Lévy, seus axônios pelas redes digitais do planeta, *“o hiper corpo da humanidade estende seus tecidos quiméricos entre as epidermes, entre as espécies, para além das fronteiras e dos oceanos, de uma margem a outra do rio da vida.”* (LÉVY, 2011, p. 31)

Antes das Novas Tecnologias digitais o hipercorpo era mera metáfora ou apenas possibilidade ideal, no entanto, com o desenvolvimento da técnica o hipercorpo se tornou uma realidade palpável. O ciberespaço deu origem ao corpo ou sujeito virtual, ampliou seu alcance e criou a hiperconectividade: corpos conectados em Campos de Imanência, compartilhados, manipulados e ressignificados.

1.1 Democratização de saberes e virtualização de desejos.

Vive-se uma era de democratização dos saberes em meio às tecnologias da internet? Há quem diga que sim, como Pierre Lévy ao afirmar que a virtualização do saber e da informação produz a desterritorialização do conhecimento, até então restrita aos centros de pesquisa, universidades e bibliotecas. As infinitas possibilidades de obtenção de informação por meio das tecnologias digitais horizontalizam o conhecimento, oferecendo acesso irrestrito a qualquer usuário no mundo que esteja conectado ao seu tablet, iphone, smartphone ou computador. O resultado, segundo o próprio Lévy em sua obra *O que é o Virtual* (2011), é a contribuição para o aperfeiçoamento das diferentes culturas, bem como, para o processo de hominização:

[...] uma hipótese não catastrófica: entre as evoluções culturais em andamento nesta virada do terceiro milênio – e apesar de seus inegáveis aspectos sombrios e terríveis -, exprime-se uma busca da hominização. (LÉVY, 2011, p.11)

Os centros de produção e gerenciamento do conhecimento e da informação até meados dos anos 90 detinham o monopólio e controle de tudo que era produzido em suas dependências. Como exemplo, uma emissora de televisão que monta toda sua programação em uma grade rígida e fechada, com seus estúdios previamente preparados a fim de produzir e distribuir todo material televisivo. O telespectador em nada interfere na produção ou flexibilização dos horários de exibição e grade de programação.

Tais plataformas poderiam ser consideradas em sua maioria elitistas, pois somente alguns, considerados figuras públicas importantes detinham a prerrogativa de aparecer e se ver na TV, revistas, jornais e rádios. As tradicionais plataformas midiáticas criaram assim ícones do cinema e das novelas que foram perpetuados na memória dos telespectadores passivos.

A virtualização favorece uma inversão nos polos de produção, uma vez que, todo usuário conectado à internet, pode se tornar um centro de produção de informação e conhecimento. O surgimento de serviços como a Netflix oferece liberdade ao telespectador ao dar a este autonomia sobre o gênero de programação que deseja assistir, seja na escolha pessoal do filme, série, documentário ou animação: um cardápio de opções lhe é oferecido não somente ao abrir infinitas possibilidades de escolhas, mas também ao proporcionar ao usuário condições de assistir seu programa na hora que desejar, pausando e retomando sua atração no momento que bem entender.

Outro bom exemplo pode se observar nas redes sociais e aplicativos que convertem qualquer celular em uma emissora de TV, com câmeras e microfones em alta resolução capazes de filmar ao vivo e transmitir em tempo real para todo planeta. As “lives” que se tornaram febre nas redes sociais ilustram bem esta tendência, ao possibilitar a transmissão ao vivo da experiência vivenciada pelo usuário, sejam futilidades do cotidiano como nudes, baladas, estilo de vida e exibição de animais de estimação, até episódios trágicos envolvendo violência e terrorismo. O aprimoramento das tecnologias virtuais oferece a pessoas anônimas condições de tornar público seus afazeres diários e privados, fatos que num passado recente estava restrito ao mundo dos famosos pelas lentes de paparazzi e da grande mídia.

Neste sentido, afirma Lévy, que a virtualização da informação proporciona ao usuário uma ampliação do real sem precedentes. Na velocidade de um clique suas experiências privadas, bem como de suas produções mentais, tornam-se públicas, não estando presas ao aqui e agora, mas chegando em tempo real à lugarejos mundo afora, adentrando culturas diversas, línguas e hábitos variados, criando uma teia de ressignificações discursivas.

Nos relacionamentos virtuais é importante para os internautas a emergência da exibição de sua imagem ao outro. A imagem postada sofre os efeitos do olhar do outro, pois nunca se tem o reflexo de si mesmo quando se publica uma fotografia, mas sempre a partir do outro, que filtra a imagem ressignificando-a por meio dos likes e comentários. A imagem na web é um acontecimento retirado do contexto; um fato recortado e costurado em um perfil ou fanpage em que os usuários recebem apenas fragmentos e discursivam-nos a partir de suas realidades, ocorrendo assim, uma polifonia linguística sobre a imagem.

O narcisismo é evidente na web quando há um esforço de construção de um “eu” ideal nas redes sociais. O eu discursivo dá movimento e visibilidade a alguém que

mesmo vivendo graves problemas na vida real cria por meio da construção de perfis e avatares digitais (fotografias e textos auto descritivos) uma vida perfeita e ideal, embora artificial. O fenômeno se transforma em acontecimento que rompe a rotina da invisibilidade de pessoas, tornando-as sujeitos exibicionistas e voyeuristas, com direito de ver e serem vistas.

A rede social Badoo (figura 31) é uma plataformas que possibilita a milhares de pessoas sair do anonimato. Fundada em 2006 pelo empreendedor russo Andrey Andreev, propõe em sua apresentação aproximar pessoas de todo mundo e possibilitar a cada uma delas expandir seus círculos de amizade e até de relacionamentos amorosos. Na prática, o Badoo tornou-se uma plataforma narcísica utilizada por usuários de todas as idades, inclusive menores, para uma infinidade de fins. Ali são encontradas pessoas que em seus quartos, dançam, cantam, contam histórias, desabafam, buscam ajuda, choram suas mágoas e até compartilham com internautas festas e confraternizações junto a amigos, tudo em tempo real por meio de lives.



Figura 31. **Página inicial Badoo.** Fonte: <https://us1.badoo.com/encounters>

Todavia uma grande parte de usuários procuram prazer e sexo neste tipo rede social. A opção “Ao Vivo” conecta automaticamente o usuário a uma sala de bate papo onde frequentadores ávidos por sexo entram com o interesse de ver ou exibir sensualidade, erotismo e pornografia. Em meio a um frenesi “orgiástico virtual”, internautas pedem incessantemente, principalmente, a mulheres, para ver partes de seus corpos ou para que se toquem, fiquem em pé ou até se masturbem em frente a webcam.

A projeção da imagem de si na web é importante, pois o eu discursivo acessa realizações e desejos que a realidade concreta limita ou nega. O fato é que, em alguns aspectos, as redes sociais tornam se um instrumento de fuga da vida real. Muitos usuários substituem o convívio familiar, afrouxam as relações sociais, diluem relacionamentos amorosos, como casamentos e namoros, para viverem aventuras e

envolvimentos românticos virtuais. Há casos de pessoas substituindo o sexo real pelo virtual, que oferece um maior grau de satisfação e realização.

Como afirma Santos:

É óbvio que na maioria dos casos se constata um deslocamento na percepção que esses indivíduos possuem sobre si mesmos e seus corpos. Em muitos casos a vida amorosa, sexual e social de alguns indivíduos é marcada pela rejeição, seja por padrões de comportamento e vícios de personalidade ou deformidades físicas e limites orgânicos que os impedem de usufruir uma vida sexual prazerosa. Há também casos de degeneração das relações amorosas, o que pode levar a casos de “traição virtual” e toda espécie de comportamento que converte as maquinarias computacionais em plataformas da expressão das pulsões sexuais e dos afetos. (SANTOS, 2014, p.80)

A desterritorialização, assim configurada, rompe com o conceito do atual, segundo Lévy, quando um evento em um espaço público experienciado por um transeunte ao ser transmitido em tempo real é visualizado, curtido, comentado e compartilhado por centenas de pessoas ao mesmo tempo. *“Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.”* (Lévy, 2011, p. 15)

O espaço virtual produz infinitas possibilidades, pois é realimentado constantemente pelos usuários, criando uma rede de acontecimentos novos a cada instante, sem um centro específico de produção. É rizoma, feito de várias entradas e saídas, no qual, cada usuário ressignifica e atualiza a seu modo e conforme seus desejos uma nova demanda ou acontecimento.

Pierre Lévy, nesse sentido salienta o conceito do atual:

A atualização é criação, invenção de uma forma de partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades. Acontece algo então mais que a dotação de realidade a um possível que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação de ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual (.LÉVY, 2011, p. 17)

A mudança patrocinada pela internet e a virtualização gerou uma gigantesca alteração na velocidade e circulação da informação. Possibilitou o surgimento de novos

espaços, mudando a percepção do tempo, aproximando pessoas, fantasias virtuais, experiências existenciais e globalizando acontecimentos. Tais fenômenos contribuem significativamente para que novos movimentos sociais e comportamentais sejam criados. Por exemplo, a hiperexposição de adolescentes e jovens nas redes sociais, como whatsapp, facebook, instagram e twitter. Há também os movimentos políticos, que utilizam a internet para denunciar crimes e abusos causados por governos e instituições, como foi o caso da “Primavera Árabe”¹⁹ em 2010 ou as manifestações políticas contra a corrupção no Brasil, que têm como ferramenta de mobilização as redes sociais. Por outro lado as mesmas ferramentas também são utilizadas por organizações criminosas, como grupos extremistas islâmicos a fim de reivindicar atos terroristas ou ameaçar outros países.

Lévy afirma que a má aplicação das tecnologias virtuais não as fazem boas ou más, simplesmente demonstram que a máquina não tem vontade própria, mas é dominada por um programador humano, inserido em um contexto ideológico, político, econômico, religioso e social específico que determina os rumos da utilização da máquina. Por isso as tecnologias da internet não causam impactos por si mesmas, como se tivessem uma consciência que as capacitasse a possuir critérios de relevância, mas são apenas ferramentas que servem aos interesses de seus programadores.

Castells (1999) considera que a versatilidade provocada pela rapidez no ciclo de realimentação das tecnologias digitais, introduz novas demandas, com novos domínios sendo que a difusão da tecnologia amplia o poder daquele que a detém, uma vez que o usuário ao se apropriar de tal tecnologia a redefine segundo suas necessidades. *“Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo”*. (Castells, 1999, p.51)

No entanto, Castells alerta que existem grandes segmentos no mundo, juntamente com populações que ainda não estão conectadas às novas tecnologias. Que padecem do analfabetismo digital o que representa uma grande desigualdade social. A exclusão nega o direito à informação e ao conhecimento, perpetuando em muitas regiões do planeta o controle de sociedades inteiras por instituições governamentais e religiosas que manipula e cerceia a informação.

O acesso à informação não, necessariamente, está ligada à obtenção de conhecimento, mas somente ao domínio de códigos variados que circulam na rede e que

¹⁹ Primavera Árabe, como é conhecida mundialmente, foi uma onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África a partir de 18 de dezembro de 2010.

chegam de forma avassaladora aos usuários. O que é a informação e onde ela se diferencia do conhecimento? Informação pode ser definida como dados desconexos, compostos por signos e códigos variados que muitas vezes se processam de forma caótica como um fluxo de acontecimentos que chegam ao usuário de forma rápida e volumosa. Basta pensar a quantidade de informação que um usuário do facebook, por exemplo, recebe diariamente e quanto destas informações ele consegue absorver de forma útil para a sua vida. Quase nada! Grande parte das informações é descartada na mesma velocidade com que chegam à página das redes sociais.

O conhecimento é concebido como um processo de simbolização que o sujeito efetua intelectualmente por meio da reflexão dos dados caóticos da informação, um processo de ressignificação da realidade. O conhecimento é o resultado ou produto da manipulação e organização da informação. O ordenamento de dados e eventos cria uma hierarquia nos níveis de conhecimento na medida em que separa informações essenciais à vida do usuário daquelas que para nada servem, podendo ser descartadas e esquecidas.

Entre a quantidade de informações chegadas pelo usuário, apenas uma pequena parte converte-se em conhecimento útil à vida e à realização pessoal. Grande parte se torna produto de descarte que em nada contribui para os afazeres e desafios diários.

1.2 O mundo virtual como técnica de si.

As tecnologias da internet podem ser consideradas um movimento de democratização da informação, ao romper uma tendência classista que vigorou durante muito tempo e manteve o monopólio da informação restrita a algumas instituições sociais, como, o Estado, a escola e a justiça, o mercado, a medicina, a religião e até a família. O regime disciplinar dos discursos executado pelas instituições de poder foi analisado por Michel Foucault em *“A Ordem do Discurso”* (1999), texto em que apresenta os mecanismos de controle exercidos pelas instituições na aplicação de castigos e disciplinas, a fim de manter a ordem discursiva determinando conteúdos, sujeitos e espaços discursivos: quem, o que e onde se pode falar.

Foucault (1999) é enfático ao afirmar:

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer

circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. (FOUCAULT, 1999, p. 9)

O medo de falar tudo em qualquer lugar repousa no risco das sanções: a perda do respeito, a relativização das relações, a subversão, a fragmentação do poder daquele que exerce o discurso. Por isso, não se pode falar tudo em qualquer lugar, a fim de manter a lei, a ordem e os bons costumes, e os descumpridores de tais regras são silenciados por proibições da família, castigos da escola, penas da justiça, patologizações da medicina, admoestações e doutrinamentos pela religião. Muitos foram silenciados pelos tabus sociais, tendo seus discursos cerceados por regimes de saber autoritários.

O advento da internet e das redes sociais ampliou as possibilidades para que grupos considerados até então marginais, conquistassem um maior espaço de discurso. As redes sociais tornam-se ferramentas que se converteram naquilo que Foucault denominou de “técnicas de si”²⁰, quando os sujeitos discursivizam muitas de suas produções: o corpo, os desejos, as fantasias, os sonhos, os afetos e sua sexualidade, construindo assim um “eu” imaginário, com virtudes e potenciais elaborados a partir de seus textos. Tudo é reconstruído virtualmente, tomando outra proporção, reconfigurada, com efeitos de sentido autocriados pelo usuário, que agora tem total liberdade de se autodescrever no texto, seja escrito, pintado ou fotografado na página do facebook, instagram, snapchat, WhatsApp, etc.

Antes da internet existia a figura dos colunistas e editores que intermediavam e possibilitavam ou não a veiculação da imagem e das expressões dos corpos e da sexualidade do outro. Hoje esta intermediação é anulada pela interatividade que a internet possibilita. É uma revolução das técnicas de si maior que a revolução tecnológica, pois as demandas individuais e as necessidades imediatas podem ser acessadas em um clique. Neste sentido, as pessoas pouco se preocupam com a hegemonia ideológica, o que importa é satisfazer as necessidades e desejos. Há um esfacelamento da ideologia em razão das demandas imediatas do sujeito.

Nas redes não circulam apenas os textos da elite, dos doutores e detentores do direito de dizer, mas também circula o texto dos excluídos que buscam melhores condições de vida, o texto do depressivo que busca respostas à sua dor pela autoajuda, o discurso do narcisista que recheia páginas com suas fotos dos locais em que frequenta,

²⁰ Cuidado de Si / Técnicas de Si. O tema do cuidado de si aparece no vocabulário de Foucault no início dos anos 80. A expressão “cuidado de si” indica o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo (Revel, J., 2005, 33).

de seus atributos físicos, virtudes de beleza e da comida que ingere. As técnicas de si desenvolvidas pelos diferentes sujeitos circulando na rede, discursivizando seus corpos e subjetividades encontram sentido em outros usuários, que se identificam com tais descrições e produzem novas reelaborações por meio de comunidades, grupos e páginas virtuais, onde criam espaços de discussão, debates e de produções variadas.

Assim afirma Muchail citando o “Cuidado de si” em Foucault:

Cuidar-se não é privilégio, nem dever de alguns para o governo de outros, é imperativo para todos; [...]. Cuidar-se não se endereça a uma fase específica da vida, é tarefa para todo o tempo, e se há alguma etapa que melhor se destina é a maturidade, principalmente a velhice [...]. Cuidar-se não se circunscreve ao vínculo dual e amoroso entre mestre e discípulo, expande-se aos círculos de amizades [...], de parentesco, de profissão, quer em forma individualizadas (cartas, aconselhamentos, confidências), quer institucionalizadas e coletivas (escolas, comunidades, etc.) (MUCHAIL, 2011, p. 76).

Em tempos de internet o privado se torna público, pois as comunidades virtuais criam verdadeiros aldeamentos de comunicação. Provocam por um lado, o afrouxamento em relação às bases valorativas sedimentadas nas instituições tradicionais²¹, e por outro, criam projeções de fantasias virtuais lançadas no ciberespaço que desenvolvem diferentes efeitos de sentido nos usuários que manipulam as informações, acessando diferentes hiperlinks, saltando de página em página, abrindo e fechando janelas, cada usuário como um pintor, oferecendo sua própria pincelada na criação de um “eu” num quadro provisório. São estes os elementos que vão dando forma ao corpo digital.

A respeito das técnicas de si nas redes sociais, Bauman afirma:

Nós entramos nos chats e temos “camaradas” que conversam conosco. Os camaradas, como bem sabe todo viciado em chat, vêm e vão, entram e saem do circuito – mas sempre há na linha alguns deles se coçando para inundar o silêncio com “mensagens”. No relacionamento “camarada/camarada”, não são as mensagens em si, mas seu ir e vir, sua circulação, que constitui a mensagem – não importa o conteúdo. Nós pertencemos ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa (BAUMAN, 2004, p. 52).

²¹ Para isso, basta entender o conceito de Modernidade Líquida desenvolvida por Zygmunt Bauman (1925-2017), no qual afirma que as relações da sociedade pós-moderna são marcadas pela efemeridade e liquidez das relações humanas. Tais características provocam o afrouxamento dos vínculos e o afastamento dos sujeitos das experiências duradouras, sob risco de se tornarem melancólicas em demasia.

Ao observar uma página do facebook, uma das redes mais acessadas no mundo, tem-se a impressão de mergulhar num mundo de construções de subjetividade onde o hipertexto multiplica a produção de sentido, dando a uma única publicação inúmeras possibilidades de reconstrução discursiva ao ser manipulada pelos internautas. O campo de comentários torna-se um fórum de debates, plataforma de ressignificação. Diferentes usuários fazem circular mensagens que reforçam ou repudiam a fantasia e as expectativas daquele que publicou. O importante, como afirma Bauman, é fazer circular as mensagens, como se o facebook, assim como qualquer rede social, se convertesse em uma “casa de cristal”, como se suas paredes e teto transparentes abrissem aos voyeurs a oportunidade de observar sem serem vistos ou de intervirem sem se comprometerem em demasia. Apenas curtir, comentar ou até compartilhar a publicação exibida em outros espaços para outros observadores.

O aparente paradoxo entre a preservação da intimidade o direito de ter resguardado os segredos, afazeres diários e experiências pessoais se vê em colapso nas redes sociais. A virtualização da vida por meio de um perfil no facebook ou instagram converte em “coisa pública” aquilo que até então pertencia à esfera do privada. O “eu” produzido na rede é um avatar construído artificialmente, para dar conta das demandas específicas do usuário. Um “eu pasteurizado”, produto que se serve de aforismos, fotos posadas e otimizadas por filtros, vídeos editados, situações muitas vezes simuladas, passando a impressão aos demais usuários, de uma vida perfeita, feliz e cheia de realizações. Nada porém garante que o exposto corresponda a real situação do sujeito que se expõe.

As redes sociais possibilitam a construção de um alter ego²² projetando se como uma prótese de si, isto é, tudo o que não se pode ser ou ter na vida real, seja por limites físicos, financeiros, psicológicos ou deficiências educacionais. A tecnologia, convertida à “técnica e cuidado de si”, é um instrumento de projeção do “eu”, num espaço de fantasias virtuais, onde se goza do prestígio e admiração de usuários, convencidos do

²² Alter ego é uma locução substantiva com origem no latim "*alter*" (outro) e "*ego*" (eu) cujo significado literal é "**o outro eu**". Na Literatura, o alter ego significa a identidade oculta de uma personagem, que pode ser também uma estratégia usada pelo autor do livro para se revelar indiretamente aos leitores. Na literatura brasileira, a personagem Emília, do Sítio do Picapau Amarelo, é considerada por alguns críticos como o alter ego do escritor Monteiro Lobato. Na Psicologia, o alter ego é uma segunda personalidade de alguém, um outro eu inconsciente que se revela através de múltiplas identidades. Está associado à patologia "Transtorno Dissociativo de Identidade". (<https://www.significados.com.br/alter-ego/>)

que vêm submetidos às fantasias do outro. A exposição contínua dos perfis potencializa os usuários que ousam cada vez mais; reforçando em cada postagem seus posicionamentos políticos ou veias de humor, facetas de sensualidade, atributos de vigor físico e de vida saudável numa tentativa, às vezes, desesperada de atrair “likes” e um número cada vez maior de seguidores.

A internet pode patrocinar uma inversão nos efeitos de sentido, pois enquanto as revoluções políticas e ideológicas diminuem ou eliminam a figura do indivíduo em prol do coletivo, as tecnologias digitais privilegia o individual. Possibilita ao usuário a expansão de si e de suas experiências cotidianas. Na ordem discursiva a construção do sujeito virtual está submetida ao aqui e ao agora. No frenesi desse mundo a emergência da expressão, muitas vezes, inconsciente torna-se o mais importante, é o momento em que os discursos ideológicos e políticos passam por um processo de rarefação, pois não existe propriamente o controle exercido pelas ideologias e suas instituições, mas somente o sujeito internauta com o seu alter ego. É o sujeito na demanda de si e por si.

Os sujeitos leitores que sabem sistematizar estas demandas produzem ferramentas comunicacionais eficientes na veiculação de suas ideias e posicionamentos pessoais. A tecnologia se torna o instrumento de si para expressar o “eu” constrói apesar da avalanche de informações.

Dessa forma alguns usuários se convertem em verdadeiros gurus virtuais, os chamados youtubers; pessoas formadoras de opinião sobre diversos assuntos. Suas postagens têm a imediata adesão de milhares de internautas que se identificam com seus posicionamentos. A adesão se dá pelo compartilhamento de ideias políticas e ideológicas, como no âmbito do mero passa-tempo e da diversão; assuntos triviais, irreverentes e de lazer. Os chamados “seguidores”, sempre estão ávidos pela novidade ou publicação daqueles aos quais seguem. Seus discursos são orientados e moldados pelas ideias dos youtubers. Esses corpos virtuais são construídos a partir das confluências discursivas e ocupando diferentes formas nas plataformas digitais.

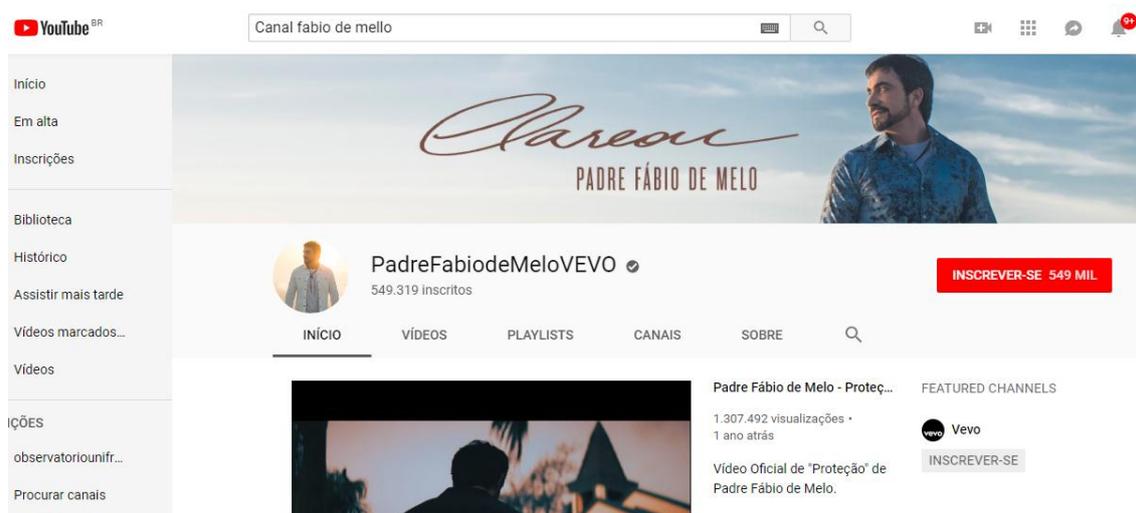


Figura 32. **Página Pe. Fabio de Melo.** Fonte: <https://www.youtube.com/user/PadreFabiodeMeloVEVO>

A página do Pe. Fabio de Melo (figura 32) é um bom exemplo ilustrativo do fenômeno dos youtubers. Por meio do canto, das pregações e também pela boa aparência física e carisma pessoal, a página alcança quase 550 mil inscritos. O canal criado por Fabio de Melo torna-se um catalisador de demandas afetivas e espirituais. Pessoas em busca de consolo, apoio emocional ou na ânsia de curas diversas intensificam-se em suas postagens procurando alívio, esperança e sentido para continuar. Padres e pastores utilizam-se das redes sociais para um contato mais direto com os fiéis, vêm arrebanhando um grupo cada vez maior de seguidores das Igrejas tradicionais. Estas sofreram nas últimas décadas um esvaziamento significativo de participação efetiva nos seus templos; em parte o virtual vem ressignificando as tradições religiosas em relação ao tempo e ao espaço.

Hoje existem canais de youtubers direcionados à religião, educação sexual, política, culinária, atividade física, humor, séries e documentários, orientação matrimonial, prevenção à depressão e ao suicídio, etc. Um mesmo usuário segue vários canais de youtubers, vagueia entre links, assistindo vídeos, palestras, consumindo em pequenos “drops” de informação as ideias e posicionamentos de alguns usuários, que no conforto do lar, no interior de seus quartos, utilizando apenas um pequeno aparelho digital, smartphones e iphones, com iluminação embutida, tornam-se centros de transmissão de informação e produtores de ideias e comportamentos.

A peculiaridade desta modalidade de produção parece ser a necessidade constante da novidade, pois o silenciamento de um youtuber pode condená-lo ao ostracismo virtual. O seguidor usuário não tem o compromisso da “fidelidade”, uma vez que a oferta digital com novos canais de acesso aparecem em sua tela na mesma

velocidade que desaparecem. Por isso, o sucesso da maioria dos youtubers assemelha-se aos “flash” de uma câmera, é fluido e efêmero assim como o desejo e a necessidade dos usuários, ávidos pela próxima novidade.

Os riscos que o fenômeno dos youtubers podem trazer estão ligados à veiculação de posicionamentos extremados, permeados de preconceito, parcialidade, ignorância e superficialidade nas análises, que podem incitar (in)diretamente seus seguidores à violência e à intolerância social. Casos que evidenciam tal alerta já foram registrados, como a perseguição de pessoas difamadas na rede a partir de um comentário infeliz de um youtuber, o que resultou em prejuízos morais e materiais.

1.3 Fantasias virtuais e seus riscos.

Perfis são produzidos para suprir demandas pessoais, exteriorizar desejos, ampliar fantasias, potencializar ideias e fazer circular no ambiente público as experiências diárias pela telepresença e necessidades bem peculiares. Quando tais necessidades não são supridas, muitos usuários experimentam frustrações que geram ansiedade e em alguns casos o desespero. O desejo em querer experimentar constantemente o prazer da aceitação pública, por meio de likes em suas publicações, leva alguns internautas à superexposição, deixando-os vulneráveis a oportunistas que se alimentam como parasitas emocionais de suas carências e desejos reprimidos, seja pelo compartilhamento de nudes enviados à determinados usuários, ou na discursivização de fotos ousadas postadas deliberadamente em redes sociais.

Os perigos a que estas pessoas, ávidas por aceitação e admiração estão sujeitas, é a exposição de todo este material em plataformas que exploram comercialmente o sexo, como páginas pornô, sem dizer dos molestadores sexuais que escolhem suas vítimas em perfis de redes sociais ou sites de relacionamento.

A maior parte das vítimas da superexposição são os adolescentes, principalmente meninas, que ainda veem na internet um meio de expressão de seus sentimentos e ideias, bem como uma forma de iniciar e manter vínculos afetivos. Diferentemente dos meninos que buscam a aceitação por meio de seus atributos de virilidade, capacidade de competição em jogos online, de luta ou de guerra contra diversos adversários; as meninas têm maior tendência a utilizar as redes sociais como plataforma de compartilhamento de ideias e sentimentos, reflexões acompanhadas de pequenos textos

ou aforismos de literatos ou pensadores, com um conteúdo quase sempre envolvido por amor e sedução.

Segundo dados da ONG Safernet Brasil divulgados em 2017, em 2016 foram registrado 301 casos que envolvem o vazamento de nudes em território nacional. Deste total, cerca de 70% dos casos compreendem mulheres na faixa etária de 13 a 15 e de 18 a 25 anos.

A pesquisadora Cláudia Prioste (2016), descreve em seu livro, *O adolescente e a internet: laços e embaraços no Mundo Virtual*, um cenário que diferencia meninos e meninas no trato com as redes sociais. Afirma:

Entre as meninas (...) observei a preponderância da prática de escrever depoimentos nos perfis dos colegas. Elas disseram consultar páginas com depoimentos prontos, onde encontravam modelos para expressar seus sentimentos e ideias. Os depoimentos em geral, continham declarações de companheirismo, gratidão, e terminavam com “Eu te amo”. (PRIOSTE, 2016, p. 309)

Os dados colhidos por Prioste, entre as meninas, denota fantasias virtuais de caráter altamente subjetivo, que demonstra por parte de muitas delas, um teor mais afetivo, romântico e bucólico, buscando nos relacionamentos de amizade ou de amor a vivência de romances. Idealizam o discurso do homem, como um ser cortês, carinhoso e que as valoriza como mulher. Isto explica em parte o motivo pelo qual algumas meninas chegam ao excesso de exposição de suas intimidades, levando-as compartilhamento de fotos nuas ou seminuas; textos onde descrevem seus desejos e vídeos de striptease ou auto estimulação sexual. Convencidas, muitas vezes, pelo ideal de amor eterno prometido pelo parceiro, externam seus desejos e fantasias, utilizando as redes sociais como uma ferramenta que as aproximam do amado, oferecendo a ele provas de seu amor e confiança.

O comportamento afetivo e romântico não descarta a existência do caráter erótico voluntário na relação das meninas com as redes sociais; apenas demonstra uma tendência entre a maioria das usuárias a uma discursivização mais subjetiva. Um exemplo se dá com o surgimento do chamado “Funk Batidão”, que explora a vertente erótica na letra e na dança. Frequentemente muitas meninas nos bailes funks, nas ruas ou em suas casas produzirem e veicularem vídeos que apresentam performances ousadas e sensuais para seus seguidores e demais usuários.

Tornam se cada vez mais comum os conteúdos íntimos ultrapassarem o território das residências e do universo das fantasias de seus usuários e ocuparem com muita expressividade diferentes espaços como o ambiente escolar. Espaço marcado historicamente pelo silenciamento e tabus no que se refere à sexualidade e suas expressões. A hiperexposição evidencia-se em casos crescentes de fotos e vídeos de adolescentes que circulam em escolas. A dificuldade dos agentes educacionais no gerenciamento destas ocorrências, leva a decisões desastrosas e pouco eficazes, que vão desde a proibição do uso de celulares no ambiente escolar, à suspensão da frequência às aulas até de transferência para outra unidade educacional. Os planos pedagógicos não contemplam a problemática de forma segura, apenas sugerem censuras aos estudantes. As medidas que podem ser consideradas punitivas e cerceadoras pouco ou nenhum efeito produz sobre o problema, ao contrário, estimula ainda mais a clandestinidade das atividades de compartilhamento de intimidades.

Uma análise mais aprofundada deve questionar o uso precoce das redes sociais, atrelada a uma cultura comercial erotizada, veiculada nas diferentes mídias e porque ela incita a livre expressão sexual; e como essa hiperexposição colabora na construção de uma autoimagem sobre o corpo que não considera o erotismo e intimidade como algo privado e pessoal. Percebe-se que a hiperexposição nas redes sociais, de meninos e meninas, não se vincula à falta de informação, mas à percepção de que não há mal algum em expor intimidades uma vez que o objetivo alcançado supri demandas afetivas da própria idade. A hiperexposição talvez pudesse ser discutida a partir das questões relativas aos novos valores éticos e morais envolvendo professores, pais e alunos.

Pode dizer que a liberdade e a necessidade dos jovens em veicular o corpo e suas produções nas redes sociais se torna rotineiro mesmo porque em outras situações há também uma hiperexposição da vida. Por exemplo, a foto no Instagram do almoço em família, a postagem da quilometragem da corrida no final de semana, os lugares que frequenta, a viagem à praia no feriado, etc. Postagens que dão aos seguidores a possibilidade de um acompanhamento quase que simultâneo das atividades do usuário.

No caso da divulgação de nudes, a questão se torna delicada; nem sempre as experiências de compartilhamento resultam em final feliz. O fim de um relacionamento, a curiosidade em compartilhar com terceiros suas intimidades, leva alguns homens e mulheres a expor imagens que causam prejuízos morais irreparáveis. Alguns casos de suicídio tiveram origem nesse tipo de situação, principalmente envolvendo mulheres. O universo virtual constituído de múltiplas entradas e saídas

dificulta rastrear e bloquear o envio e compartilhamento destes materiais. Quase sempre, o conteúdo acaba no mosaico de vídeos pornô em sites e aplicativos que exploram a pedofilia e outras perversões sexuais.

É importante salientar que ainda existe uma moral tradicional sobre as relações sociais, no que confere à mulher, ao seu corpo e aos seus desejos, zonas de controle se comparada ao homem. Isto explica, em parte, a força discursiva depreciativa que a imagem de uma mulher nua provoca nas redes sociais se comparada a imagem do nu masculino. Portanto, se por um lado temos uma nova geração que surge com uma percepção liberal do corpo e suas expressões, por outro, existe ainda resquícios de uma sociedade de cunho patriarcal que possui a institucionalização do discurso e tem a sua disposição os mecanismos de poder e controle sobre as produções subjetivas, embora sejam em seu cerne machistas e sexistas.

1.4 O adolescente e a internet: discursivização e a relação das novas gerações com o mundo virtual.

Em trinta anos de implementação da internet, mudanças profundas ocorreram nas relações sociais à medida que a população teve um crescente acesso aos dispositivos tecnológicos. Mudanças nos hábitos e costumes são constatadas entre usuários de todas as idades, no entanto, o público infanto-juvenil merece uma atenção especial, uma vez que este grupo, nascido a partir da década de 90, incorpora o uso maciço do mundo virtual desde os primeiros anos de vida. Há que se concordar que as bases valorativas que compreendem a cultura passam por transformações significativas, e isto se processa na planetarização da informação, permitindo que pessoas espalhadas pelo planeta possam fornecer e receber conteúdos diversos, universalizando assim padrões de comportamentos, inaugurando modismos e estabelecendo linguagens. O processo ilustra aquilo que Pirre Lèvy classifica como cibercultura, ou sociedade em que a cultura é permeada em todos os seus níveis pelas tecnologias virtuais.

A inclusão digital ainda não atingiu milhões de pessoas que ainda estão à margem da democratização do uso do computador e conseqüentemente da internet. Barreiras antes intransponíveis devido ao alto custo de aparelhos como celulares e smartphones até a deficiente cobertura de sinal por operadoras de celular e satélites com tecnologias de informação e comunicação, passam a ser superadas pelo barateamento considerável de equipamentos. O consumo crescente de itens eletrônicos de todos os

tipos até o avanço tecnológico que permite o acesso à rede e a lugares cada vez mais distantes é hoje uma realidade.

Até por volta de 2005, grande parte dos acessos à internet no Brasil eram realizados em telecentros, escolas e lan houses. A presença da internet nas residências era cara e pesava no orçamento das famílias. Neste período, o público constituído na maioria por adolescentes, tinha uma frequência de acesso à web de 4 a 5 dias por semana em tempo estimado de 10 horas de uso. A pesquisadora Cláudia Prioste colheu dados do tipo de público que mais acessava a internet e constatou:

A frequência de acesso à internet pelas meninas era maior do que a dos meninos, pois 81% das meninas disseram acessar a internet todos os dias, contra 55% do público masculino. Essa informação contrariou uma percepção anterior de que os meninos eram mais conectados e dependentes da internet do que as meninas. Na realidade, os casos clínicos relativos às queixas de uso intensivo da internet eram preponderantemente de meninos, estudantes de escolas particulares, que estavam envolvidos com jogos on-line de maneira compulsiva, daí então a inferência de uso mais intensivo por parte dos meninos. (PRIOSTE, 2016, p.141)

A constatação de Prioste demonstra que o uso limitado da internet variava desde a classe social do adolescente, até o gênero e a cultura de uso do internauta. Os meninos utilizavam a internet para jogos em rede, enquanto as meninas faziam o uso para discursivização de experiências e o aumento das relações de amizade. A maior frequência entre meninas não significa necessariamente a antipatia dos meninos pela internet, mas na verdade pela utilização que estes faziam da máquina. Em lan houses, jogos podem ser baixados em computadores e salvos na memória de servidores e sem conexão com a internet, pode se jogar por horas a fio. Em média, o tempo gasto por meninos de classe média junto a estes jogos superavam, já em 2005 as dez horas semanais.

O que se percebe é uma notável intensificação do uso da internet no decorrer dos anos e agora a maioria dos jovens de todas as classes sociais podem ter acesso a um aparelho conectado ao ciberespaço. Planos pré e pós pagos possibilitam conectividade razoavelmente barata e patrocina a livre circulação deste público na web. Com o tempo o mercado percebeu que o segredo do ganho se faz pelo uso maciço dos serviços da internet. Por isso criou modelos de aparelhos mais populares, processadores de baixa memória de armazenamento que barateou significativamente o seu valor. Hoje há uma

linha exclusiva de laptops, smartphones, tablets e iphones desenvolvida para um tipo de público com baixo poder aquisitivo, resultando na horizontalização do acesso de um público crescente as tecnologias da informação.

A utilização para ouvir música, assistir TV, participar de jogos e salas de bate papo nas redes sociais de todos os tipos evoluiu e o usuário moderno tem maiores e diversas possibilidades que o acompanham desde a primeira infância, por meio de aplicativos voltados aos bebês, às crianças, aos adolescentes, aos adultos e idosos. No entanto, o uso dessas tecnologias é mais frequente entre os adolescentes por ter acesso de utilizá-las precocemente. Os adolescentes de hoje cresceram manuseando aparelhos conectados à internet; particularidade que promove maior naturalização de seu uso na vida diária.

A natural incorporação das linguagens informacionais e virtuais à personalidade social destes sujeitos advém do fato de que a internet é um ferramenta que faz parte dos afazeres diários de suas vidas. Gerações anteriores à internet que tiveram acesso a tecnologias analógicas ainda tendem a encontrar barreiras e dificuldades no uso destas novas linguagens e comportamentos, o que é compreensível pois foram levados a migrar para as tecnologias virtuais.

Na pesquisa desenvolvida por Prioste nos anos 2000, fica claro que a atividade na internet mais citada por adolescentes de modo geral, foi “conversar com amigos”. De fato, grande parte do que se constata no trabalho da pesquisadora se comprova nesta pesquisa de 2019. A conversação e troca de ideias ainda é entre os adolescentes a atividade mais observada, o que se comprova na análise dos conteúdos das redes sociais mais acessadas como facebook, instagan, twitter e whatsApp. A mudança ocorrida nesse período foi a incrementação de novas tecnologias com o desenvolvimento de serviços e aplicativos que aperfeiçoaram a conectividade, bem como, aprimoraram as interfaces do mundo digital, que possibilita ao usuário um contato mais intenso, pessoal e em tempo real.

Os aprimoramentos produziram novos usos e mudaram a relação ser humano-máquina ao possibilitar o compartilhamento de demandas existenciais cada vez mais íntimas entre os usuários. As interações e subjetivações dos internautas, em especial entre os adolescentes, é marcada por uma forte expressividade dos seus afetos e conflitos cotidianos, veiculadas na rede. Experiências diversas sejam elas positivas ou negativas são compartilhadas. A facilidade de acesso aliada ao conforto do lar

desenvolve um tipo de comportamento mais íntimo entre os sujeitos e o ciberespaço, interação cria tipos de relacionamentos até então limitados.

Um exemplo típico desse fato se dá com a criação de perfis em redes sociais com o objetivo de auxiliar e dar suporte a pessoas que sofrem com a depressão ou outros transtornos mentais (figura 33). Nestes canais, além da publicação de textos de apoio, fotos e vídeos há a possibilidade do usuário realizar links e lives ao vivo, criando tutoriais com temas específicos, o que leva a experiências cada vez mais próximas das necessidades dos seus seguidores. Estes grupos em redes sociais oferecem serviços de auxílio a todos os usuários e a tecnologia facilita a interação humana de pessoas separadas a milhares de quilômetros.



Figura 33. Perfil sobre Suicídio e Depressão. Fonte: https://www.instagram.com/suicidio_depressao/

Ainda sobre a temática de canais criados para apoio emocional e outros serviços, e aqui se entende todos os temas possíveis que são encontrados, destaca-se a percepção de que há um aumento significativo de usuários que transformam a web em verdadeiros “consultórios” ou “vitrines virtuais”. Plataformas que cumprem a função de instrumento para externalização de seus afetos. E aqui salta aos olhos um fenômeno de fragilização e fragmentação das relações humanas e sociais observadas na sociedade pós-moderna.

Zygmunt Bauman (1925-2017) em algumas de suas obras demonstra o frequente crescimento da fragilização e da superficialidade nas relações humanas ocorridas na pós-modernidade. As mudanças acontecidas na constituição dos afetos evidenciam o surgimento de sujeitos, principalmente adolescentes, com pouca capacidade de lidar com as frustrações diárias; com o crescente isolacionismo social, muitos vivem no mundo plastificado da internet; com o aumento da carência e da baixa autoestima. Levando-os a uma necessidade compulsiva de contato; de nunca se sentirem sós. A

dificuldade de lidar com a solidão impulsiona os a buscar companhia, entretanto não querem perder a liberdade, valor tão caro à sociedade contemporânea. Daí a necessidade de estar conectado a todo tempo com amigos virtuais ou páginas de redes sociais vendo e sendo vistos.

O resultado desse processo é a fluidez nas relações sociais, a existência de uma população frágil nos afetos, extremamente egoísta e individualista; narcísica na medida em que o bem estar pessoal está acima do coletivo, de onde advêm muitos transtornos comportamentais. Como a ansiedade generalizada, a compulsão e alguns tipos de depressão.

Dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde demonstram um aumento significativo no número de suicídio entre adolescentes e jovens no Brasil. O relatório de 2017²³ mostra que o suicídio é a segunda causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos no mundo. No Brasil corresponde à quarta causa de morte entre jovens na mesma idade. Aliado a estes dados está a evidência de casos de depressão entre jovens. Segundo a OMS a depressão é a doença mais incapacitante do mundo, sendo o transtorno mental considerado epidemia na população.

Existem perfis em redes sociais que utilizam se do anonimato para incentivar pessoas a desistirem da própria vida. Nesse caso a falta de acompanhamento familiar e profissional ao adolescente que sofra de algum transtorno pode potencializar o desejo do suicídio. É possível ocorrer alguma tragédia caso este encontre usuários mal intencionados ou que sofram do mesmo problema e que resulte num encorajamento direto ou indireto no ato suicida. Este fato demonstra a fragilidade das relações nestes ambientes.

Em 2016 na Rússia, surgiu um jogo suicida intitulado “Baleia Azul” que esteve associado comprovadamente a mais de 100 casos de suicídio no mundo. Propunha se aos jogadores, em grande parte adolescente, a cumprir 50 desafios começando com um nível baixo de ousadia e exposição ao perigo até o desafio final que seria tirar a própria vida. O jogo teve forte adesão de jovens que encararam os desafios como uma maneira de expressar suas dores e decepções, evoluindo em graus de autodestruição até a morte.

A questão sobre a relação adolescente, suicídio e redes sociais, é objeto de reflexão da autora Prioste:

²³ <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>

pensamento suicida pode surgir na fase da adolescência como expressão das angústias difíceis de serem simbolizadas. A vivência dos conflitos edípicos intensos e ambivalentes, o luto pelo corpo infantil, a caótica turbulência de sentimentos decorrentes de exigências internas e externas podem suscitar em um flerte com a morte. Nesse contexto, se ao invés do jovem encontrar adultos acolhedores com quem possa compartilhar suas angústias e que o ajude a encontrar saídas, ele interage com pessoas deprimidas, anônimas e sem compromisso com a vida. Os pensamentos de morte secretos, transitórios e efêmeros, podem se concretizar em atos impulsivos e espetaculares, transformando uma pacata vida anônima em uma mortífera celebridade. (PRIOSTE, 2016, p. 154)

A pesquisadora Jean Twenge (1971), professora de psicologia da Universidade Estadual de San Diego, nos Estados Unidos, publicou em 2017 um livro intitulado, *iGen: Why Today's Super-Connected Kids are Growing up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy - and Completely Unprepared for Adulthood* (*iGen: Por que as crianças superconectadas estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes - e completamente despreparadas para a vida adulta*). A obra é fruto de uma pesquisa feita com 11 milhões de adolescentes e jovens norte-americanos. Entre as diferentes constatações, a pesquisadora reflete sobre a “geração smartphone” que apesar de toda conectividade das redes sociais tem criado um tipo de personalidade baseada no isolamento digital, seja por uma sensação de segurança ou pelas dificuldades em estabelecer vínculos afetivos no mundo real. Por isso tem suas habilidades sociais comprometidas, devido a sensação de solidão associada a diminuição dos níveis de felicidade pessoal.

Outro dado apontado por Twenge demonstra que a maturidade psicológica desta geração, tem se desenvolvido tardiamente, resultando no despreparo emocional para lidar com conflitos do cotidiano; altos índices de ansiedade, depressão e solidão. Fatores que elevam os casos de suicídio entre adolescentes, triplicados nas últimas décadas, principalmente entre meninas de 12 a 14 anos. Segundo a pesquisadora o nível de maturidade tardia leva pessoas de 18 anos a agirem como se tivessem 15 em relação às gerações anteriores.

Pode se afirmar que uma das características decorrentes da imaturidade seja a hiperexposição dos internautas nas redes sociais. A necessidade compulsiva de serem vistos e aprovados levam nos a exporem as suas vidas íntimas publicamente no aldeamento digital. O desejo de aceitação e popularidade induz usuários adolescentes, cada vez mais, a exposição de seus corpos e sexo. Esses conteúdos cruamente

veiculados alimentam o desejo sexual de outros internautas que não somente consomem os conteúdos, mas compartilham nos com outros grupos multiplicando o exibicionismo em diferentes plataformas digitais.

A quantidade de adolescentes que se expõem nas redes sociais, por exemplo, no Badoo, é gigantesca. Muitos são menores, mas envolvidos no jogo de sedução, promovem modalidades de sexualidade virtual, seja pela dança sensual, masturbação ou ao revelar partes dos corpos. Os usuários voyeurs participantes das salas de bate papo, lives ao vivo, são homens de todas as idades, mas em grande parte pessoas mais velhas, muitos pais de família, casados e que pedem incessantemente para as adolescentes mostrarem seios, nádegas, vulva ou para se auto estimular na frente da webcam. Uma das principais pistas que evidenciam a hiperexposição do corpo adolescente pode ser encontrada pelo grande número de acessos nos sites de relacionamentos. A alta probabilidade de acessos pode ser indicativo de hiperexposição. O fato é curioso e denuncia as mazelas de uma sociedade machista, que cobra punição severa a pedófilos e estupradores, mas que não enxerga qualquer delito ou crime em estimular uma adolescente a despir se em uma página de internet. Parece que ainda impera a percepção de que o mundo digital inocenta qualquer atividade que seria punida no mundo real.

As salas de bate papo mais utilizadas, além dos sites de relacionamento, ainda são da web de notícias, como UOL; a página divide os acessos às salas de acordo com a idade, as intensões: amizade, namoro, interesses profissionais, sexo entre outras. A grande presença de adolescentes, principalmente nas salas divididas por idade, estimula a procura de internautas mais velhos, onde criam apelidos e perfis falsos se passando por adolescentes a fim de atrair a atenção de vítimas para sua satisfação sexual, sendo grande a prática da pedofilia em ambientes virtuais. Muitas crianças e adolescentes são sugestionadas e seduzidas por pedófilos que conseguem ter acesso ao seu facebook, instagram ou whatsapp, e por meios deles a fotos íntimas e a vídeos de suas vítimas.

A respeito do problema da pedofilia na internet analisa Prioste:

A exposição contínua dos adolescentes a esse tipo de imagem pode contribuir para a naturalização de relações sexuais entre adultos e crianças. As expressões de sorriso e de prazer no rosto infantil exibidas nas imagens ocultam a relação de domínio e de violência. Além disto, os meninos ao serem excitados por este tipo de imagem podem se tornar mais predispostos às experiências do gênero. Há o risco concreto de o adolescente passar por aliciamento, além da possibilidade de distúrbios da sexualidade [...]. Neste caso, o abuso é perpetrado por meio das imagens que podem causar traumas

psicológicos profundos, sem que o adolescente se dê conta. (PRIOSTE, 2016, p. 211)

O número de adolescentes que acessa os sites de pornografia é bem significativo, muitos utilizam-nos como um primeiro contato direto com o sexo, já que a educação sexual é deficitária nas famílias ou na escola. Talvez existam certos aspectos informativos ligados a esses tipos de contato no âmbito da curiosidade sobre a sexualidade. As demandas pessoais dos adolescentes que desejam conhecer e visualizar o corpo e o sexo pode ser aí realizado. No entanto, também existe a possibilidade da procura e do encontro do prazer por meio da experiência virtual, da estimulação sexual ou da masturbação. Um grande número de sites é disponibilizado a partir de uma simples busca no Google. Sem restrição ou aviso de advertência, o usuário pode acessar vídeos pornográficos com categorias diversas segundo sua vontade. Os adolescentes parecem não perceber qualquer tipo de problema em acessar tais sites e muitos passam a compartilhar vídeos de suas preferências em grupos de whatsapp.

Além dos elementos da hiperexposição, outro fenômeno social surge na relação dos adolescentes de todas as classes sociais com a internet, isto é, o nivelamento entre os diferentes locais de onde se fala. O que promove uma democratização da informação, proporcionando acesso a todos os segmentos da sociedade. Esse processo patrocina um tipo de equidade em relação aos sonhos e desejos. A posição social do sujeito e o lugar de onde se fala não impossibilita o acesso à rede. Todos podem criar seu perfil em uma conta de facebook ou instagram e circular livremente. Os sites e todas as ferramentas do mundo virtual atingem ricos e pobres igualmente.

Afirma Kehl a esse respeito:

Se os corpos não existem fora da linguagem, as práticas da linguagem determinam a aparência, a expressividade e até mesmo a saúde dos corpos. Observem o que se passou, de uns vinte anos para cá, com os corpos dos jovens pobres no Brasil. São corpos muito diferentes do que foram os corpos de seus pais e de seus avós, tão pobres como eles, tão desamparados como eles [...]. No entanto, de duas ou três décadas para cá, os corpos dos jovens pobres brasileiros não se distinguem, a não ser pela cor da pele, dos corpos dos jovens da elite. Não são mais corpos humilhados, cabisbaixos, submetidos. [...] os jovens pobres de hoje ostentam corpos altivos, belos, erotizados. (KEHL, 2003, p.245-246)

Mesmo em meio a uma sociedade em que o “ter” se sobrepõem ao “ser” aquele

(a) que consegue se colocar em uma rede social por meio da discursivização de si será tão popular entre quaisquer outros usuários da internet. Talvez este seja o principal marcador social que nivela os corpos de jovens pobres e ricos nas redes sociais, pois ao compartilhar dos mesmos padrões discursivos os efeitos de sentido se assemelham. As redes sociais se transformam em catalisadores que agregam padrões de comportamento democratizados; uma consciência coletiva sedimentada em novos conceitos, posse de outros domínios discursivos. Portanto, a internet possibilita a construção de um corpo em que a pobreza material se dilui pela elaboração de um sujeito virtual que compete e se relaciona em igualdade com todos os outros de qualquer classe social.

Os adolescentes em especial incorporam os elementos de erotização, pois estão diariamente expostos a uma multiplicidade de imagens, vídeos e todo um conjunto de produções publicitárias que reforçam estereótipos sexuais. Corpos desnudos, hipertrofiados, veiculados por dispositivos de fácil acesso comungam com o desejo da cultura de massa que alcançando a todos(as) e que implantam um ideal a ser conquistado: o corpo belo, sensual, sadio, desejável, saturado de erotismo. A exemplo dos corpos das atrizes e atores de filmes, novelas e seriados, qualquer usuário pode ver e ser visto, expor o seu corpo e intimidades no espaço comum dos transeuntes virtuais. Por isso, as redes sociais criam um circuito onde corpos de pobres e ricos vagueiam no mesmo campo de imanência, compartilhando os mesmos desejos, instaurando discursos em um aldeamento de afetos.

Sobre tal temática Santos descreve:

Não é de hoje que o culto ao corpo e às proporções perfeitas ocupa o centro dos investimentos estéticos, pois ter um corpo magro, hipertrofiado e bem definido é um bom cartão de ingresso aos espaços mais seletos. Nas redes sociais isto não seria diferente, a ousadia aliada ao desejo de aceitação pelo grupo leva muitos usuários a verdadeiros contorcionismos visuais na publicação de seus corpos. Postagens que margeiam desde a sensualidade discreta e comedida até o erotismo explícito e sugestivo, às vezes, ultrapassando as próprias normas de publicação impostas pelas redes sociais, provocando alvoroço em meio ao burburinho constante do mundo virtual. As postagens convertem os corpos em corpos de transição, ao serem avaliados, classificados e ressignificados pelos usuários. Aqui o corpo erotizado e estilizado do jovem pobre se equipara ao corpo do jovem rico, pois ambos adentram ao mesmo campo de imanência, desterritorializados e comungando a mesma ordem discursiva, ou seja, corpo como produto. (SANTOS, 2017, p.06)

O adolescente na periferia que cria um perfil no instagram recheado de efeitos de sentidos pertencentes ao discurso social normalizado terá suas publicações observadas, seguidas e compartilhadas por outros usuários que ocupam outros espaços sociais. A identificação dos atributos valorativos de seu avatar rompe as fronteiras sociais quando acessada por outros adolescentes pertencentes à classe média alta, isto patrocina certa horizontalização dos acessos e relações. O que existe de comum entre esses públicos é o objeto de desejo: roupas, músicas, locais de lazer etc. Pouco importa se os adolescentes pobres tenham acesso apenas a marcas falsificadas, de baixa qualidade ou pirateadas, uma vez que os produtos podem ser adquiridos facilmente independente do local onde residem. O acesso às mídias digitais facilita o apoderamento de tais oportunidades e produtos, criando assim um cenário de suposta igualdade social.

Frente ao exposto, pode-se concluir que os adolescentes, comumente chamados de “nativos digitais”²⁴, a geração nascida no início dos anos 90 cresceu em um ambiente cercado pelas novas tecnologias, incluindo a conectividade da internet. Dos afazeres diários, passando pelas relações sociais até o universo do trabalho, todas as funções migraram do analógico para o digital, possibilitando um processo de virtualização global, no qual todos estão ligados a todos. Por conta disto, tornou-se corriqueiro observar pessoas conectadas 24 horas ao mundo virtual, cercadas de aplicativos e sites com variados serviços que oscilam desde jogos, dispositivos de notícias, fofocas e páginas de relacionamento.

As tecnologias digitais produzem a telepresença, ou a desterritorialização do corpo do usuário, que pode, pela conexão, se fazer presente em qualquer espaço no planeta, seja por imagem, vídeo, áudio, etc. Peculiaridades como estas ressignificam conceitos como o de tempo e espaço; aproximam pessoas de diferentes lugares em um mesmo ambiente. Os fusos horários e as distâncias geográficas são simplesmente anuladas quando são acessados os chats, facebook, instagram, etc. A conectividade cria novos tipos de relações sociais, e em alguns casos afasta o usuário da vida real, das

²⁴ A designação nativos digitais diz respeito somente à geração nascida a partir dos anos 90, quando as tecnologias da internet já se faziam presentes em grande parte dos países. É importante notar que alguns pesquisadores discordam de tal definição por diferentes fatores. O primeiro diz respeito à crítica de Manuel Castells sobre a exclusão digital que atinge várias regiões no mundo e que marginaliza milhões de pessoas ao não possibilitar o acesso destas à aparelhos conectados à internet, promovendo assim, um analfabetismo digital. Outra pesquisadora que olha o conceito de nativos digitais como um mito é Cláudia Prioste, que em sua pesquisa notou que apesar das novas gerações terem acesso à equipamentos conectados à internet, a ausência da educação digital produz um tipo de analfabetismo comprometendo o bom uso destas tecnologias na produção de conhecimento, ficando o usuário apenas nas funções básicas para o uso privado da internet.

amizades, dos relacionamentos humanos próximos, conectando o com o universo de amizades fluidas e tênues, muitas vezes aparentemente mais seguras uma vez que o sujeito estará sempre protegido pelo seu perfil.

O acesso ao mundo virtual e às redes sociais ocorrem cada vez mais cedo, envolvendo crianças que manuseiam aplicativos e acessam uma quantidade imensa de serviços online, tanto para brincar ou se comunicar. Já faz parte da paisagem urbana crianças em supermercados, shoppings e praças, entretidas com seus smartphones enquanto seus pais realizam seus afazeres. O mundo virtual faz parte do universo infantil cada vez mais cedo e disputa espaço com a realidade concreta, como uma extensão do mundo real, produzindo seus próprios efeitos de sentido sobre o comportamento da criança.

O universo de jogos, vídeos e programas infantis criam verdadeiras grades de programação dentro de aplicativos que oferecem grande quantidade de atrativos às crianças. Existe inclusive a migração de programas televisivos que passam a ser oferecidos pelo Youtube, como vídeos e jogos dos desenhos preferidos pelas crianças. Tudo isso recheado com estímulos visuais e marketing de produtos associados a personagens dos desenhos infantis.

Perante o cenário descrito cabe uma pergunta fundamental: Como todas estas transformações sociais e do comportamento humano, patrocinadas pelo advento da internet, refletem na educação e no ambiente escolar? Há que se pensar que a escola é o ambiente onde todas estas demandas existenciais se encontram e circulam. Estariam os currículos e planos pedagógicos adaptados a trabalhar com tais demandas? Como a educação tem tratado a questão da sexualidade de forma geral e em particular com o fenômeno da migração do corpo e da sexualidade para o ambiente virtual? Como o uso precoce das maquinarias digitais interferem no processo de ensino e aprendizagem? A internet e suas interfaces são tratadas como aliadas no processo educacional ou são vistas como um empecilho ao ensino? Os educadores têm recebido em suas licenciaturas formação didática e pedagógica para inserir os usos da internet em seus planos de aula?

Todos esses questionamentos são necessários para uma discussão produtiva e aprofundada sobre as interrelações internet-corpo-sexualidade e educação. Acreditamos que a verdadeira educação emancipadora é possível com a absorção de todas as transformações sociais, culturais e tecnológicas que pertençam ao seu tempo. Faz-se educação olhando para frente e referenciando o passado, isto significa que o passado é o

alicerce memorial onde educadores e sociedade se sustentam para almejar o futuro grande e próspero a uma nação.

Os projetos educacionais têm assimilado as transformações e inovações da ciência e tecnologias? Eles têm se preocupado em formar alunos críticos, com olhar humano e sensível a si e a todas as demandas e dificuldades que a sociedade lhe impõe em seu cotidiano? A educação está formando alunos emancipados bem preparados para a vida, ou alheios às transformações e necessidades do mundo e do país?

No próximo capítulo o objetivo desse estudo será analisar como a internet e todas as suas maquinarias estão sendo absorvidas no ambiente educacional e como as expressões de subjetividade do sujeito digital têm sido tratadas pelos atores sociais e educacionais.

CAPÍTULO IV

1 Internet e Educação: as dificuldades da inclusão digital nos currículos escolares e a veiculação da intimidade de alunos no ambiente escolar.

Poucas áreas do conhecimento absorveram de forma tão deficitária o uso da internet e de suas tecnologias, no ensino e aprendizagem, como a Educação Escolar. Apesar da cibercultura fazer parte de todas as relações sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade pós-moderna, ditando tendências e estabelecendo linguagens, a área educacional ainda carece de práticas pedagógicas efetivas que incluam, de forma positiva, o uso da internet nos currículos escolares. A constatação é decorrente da resistência encontrada por parte de educadores e gestores educacionais, que lidam com os currículos pedagógicos que vêm à internet mais como um obstáculo a aprendizagem e não como ferramenta de auxílio na otimização do ensino.

A inclusão das diferentes interfaces do mundo virtual ao ato educacional é irrisória se comparada à otimização e à incorporação que outras áreas do saber, como a medicina realizaram nas últimas décadas. Desde o advento das novas tecnologias digitais a medicina deu grandes saltos qualitativos ao incorporar em sua prática clínica máquinas e equipamentos que potencializaram o fazer médico. A inclusão digital oferece ao profissional da saúde, manusear softwares que permitam visualizar as diferentes camadas que compõem o corpo, bem como a fisiologia do organismo, entre outras práticas clínicas. E mais ainda, permite ao cirurgião realizar procedimentos a milhares de quilômetros de distância do paciente.

Para melhor entender a resistência à incorporação da internet no ensino escolar é preciso questionar o modelo de educação que orienta os currículos pedagógicos. O método pedagógico empregado preza o conteudismo com tópicos divididos em disciplinas fechadas, o objetivo é passar ao aluno o maior número possível de matéria que ele deverá assimilar e apresentar resultados em sucessivas avaliações. O modelo tradicional de educação falha em vários aspectos, principalmente na falta de conexão e interdisciplinaridade. O mundo atual transformou-se num aldeamento digital, onde tudo está conectado a tudo, mas a constatação é de que os currículos escolares andam na contramão da história. A construção do conhecimento não é mais um processo isolado,

feito em compartimentos estanques onde o sujeito acessa conteúdos que não dialogam com outras áreas de conhecimento. Ao contrário, teorias sistêmicas demonstram que o processo de aprendizagem é complexo e se faz por meio de hiperestímulos, ou, é resultado da relação de vários atores externos ao sujeito.

As disciplinas fechadas dificultam o conhecimento integrado do mundo, pois focam em um único aspecto de estudo, treinando os alunos para que dominem muito sobre determinado conteúdo, mas em quase nada estimulam a capacidade crítica e reflexiva; a interligação dos problemas a redes maiores e complexas de situações e aos universos que fazem parte do mesmo plano de imanência. Um exemplo ilustrativo do isolacionismo das disciplinas pode ser demonstrado nas causas da corrupção. O crime da corrupção quando analisado por meio de uma disciplina foca nos bilhões de reais desviados por empresários e políticos nas licitações ou em contratos fraudulentos. A análise geralmente para por aí. Passa ao aluno a ideia ingênua de que a corrupção está ligada somente ao mundo político. Não amplia a dimensão do problema chegando às causas históricas da corrupção, que no caso do Brasil, remonta as suas origens. A reflexão sobre o assunto não leva em conta o chamado “jeitinho brasileiro”, presente no cotidiano em praticamente todas as relações sociais, e incorporando desvios de caráter como a desonestidade e o princípio de se dar bem em tudo, custe o que custar. Autores como Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Sergio Buarque de Holanda, entre outros, analisam histórica e antropológicamente as raízes do povo brasileiro e alargam a reflexão ao demonstrar que a corrupção está incorporada no “fazer social”, muito além da corrupção institucional, seja ela política ou empresarial. O exemplo se justifica pois apresenta uma interrelação de causas.

A educação bancária, ou seja, esta que converte o aluno em um banco de dados, passivo, sem qualquer tipo de participação no ato educativo já foi denunciada por Paulo Freire em sua obra *“Pedagogia do Oprimido”* (1987). Em geral a educação desconsidera a história do educando, suas experiências de vida e potencialidades, o converte em um invólucro que precisa ser preenchido por conhecimentos. Aqui se equipara conhecimento com a quantidade de informação que as diferentes disciplinas podem oferecer ao estudante. Seu nível de competência é mensurado na capacidade deste em reproduzir os conteúdos ministrados em sala de aula. É o modelo de educação de um para muitos, no qual o professor é o que sabe e o aluno nada sabe. O professor é o agente exclusivo do ato educativo, enquanto o aluno é aquele que apenas se adequa e se adapta.

Nas palavras de Paulo Freire:

Em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...] na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. (FREIRE, 1987, p.33)

A educação bancária não emancipa, ao contrário aliena o sujeito de sua realidade, promove o desenraizamento cultural ao impossibilitar uma visão ampla dos mecanismos políticos e econômicos que subjazem à realidade que o circunda. Produz uma consciência mágica que não o emancipa, ao contrário, afasta o aluno dos verdadeiros componentes que explicariam sua condição de marginalidade e exclusão. Não humaniza, ao invés disso, desenvolve no sujeito a percepção de incompetência, que Freire denominou de *ser menos*, que é o resultado cultural de uma história de negações e omissões sociais e educacionais. O ser menos é a noção de inferioridade que reduz o sujeito à ideia de que ele é indigno, menor que o “outro” e cria a falsa percepção de que é dele a culpa por sua miséria, por ser incapaz de superar sua própria condição de exclusão.

Aliada à concepção da educação bancária existe também a educação pragmática. As políticas governamentais que incorporaram tal programa remontam ao início da ditadura civil-militar em 1964. Os chamados acordos MEC-USAID, ou seja, acordos que resultaram na adesão a modelos educativos concentrados em um tipo de ensino que valoriza os aspectos práticos do conteúdo apresentado. O pragmatismo remonta às teorias de John Dewey (1859-1952) que concebe o ser humano como um animal, pensante, teórico e ativo. O intelecto humano só se plenifica na ação, o conhecimento só tem sentido de ser se aplicado à prática e não somente na teoria.

O modelo educacional implantado no Brasil, que deu origem às escolas técnicas ou profissionalizantes, tinha o objetivo de dividir os estudantes em níveis de educação. Poucos ocupariam os bancos universitários, seguindo a carreira acadêmica, como engenheiros, médicos, etc. Outros frequentariam a Escola Normal para se tornarem professores. Grande parte dos que não se encaixavam nas melhores qualificações teriam formação técnica voltada à profissionalização a fim de serem absorvidos como

operários na indústria. A educação pragmática é conteudista e patrocina a formação unifocal do estudante, desmerece a formação cultural e holística, voltada à maturidade intelectual que levaria a um cidadão participante e ativo no tecido social.

A educação pragmática é, ainda, valorizada em demasia nos currículos brasileiros atuais. Costuma se frequentemente ouvir de pais e alunos a pergunta: “Para que vou utilizar isso?”, demonstrando o ranço da educação pragmática, que visa um fim útil e imediato. A grande quantidade de escolas técnicas, faculdades e universidades a serviço dos ideais de formar muitos profissionais para o mercado e poucos para a pesquisa e a inovação tecnológica, evidencia o atraso educacional e científico no Brasil. A educação é voltada ao tecnicismo e à reprodução de conhecimento e pouco comprometida com a ciência e inovação. A escola tradicional de viés pragmático valoriza um tipo de educação voltada a formar mão-de-obra para o mercado de trabalho; olha com desconfiança abordagens e disciplinas que promovam a reflexão, que valorizem a formação cultural e ética do sujeito.

A educação pragmática forma um tipo de cidadão adaptado à sociedade, resultando da formação generalista, um sujeito que, segundo Adorno, ele enquanto é reduzido a zero, como um absoluto nada. Este tipo de educação não emancipa, ao contrário, formaliza o sujeito ao destruir nele a criatividade, o senso crítico, a capacidade de inovação, torna-o um ser conformado com sua própria condição. A verdadeira educação deve promover a emancipação do sujeito, tornando-o o principal agente do ato educativo, estimulando sua criticidade a fim de levá-lo a libertação das amarras ideológicas que o prende à condição de assujeitamento, ou seja, a educação deve visar a autonomia.

A análise dos conteúdos das diferentes licenciaturas revela que os cursos de formação de professores não disponibilizam disciplinas, em suas grades curriculares, que contemplem a inserção da utilização pedagógica da internet e de valor para o ensino e aprendizagem. As licenciaturas que inserem disciplinas voltadas a esta temática, dedicam uma carga horária mínima aos alunos, quase sempre um semestre teórico em quatro anos de formação. Em geral não há atividades práticas em laboratórios de informática a fim de treinar e simular planos pedagógicos e aulas com uso da internet.

Nos cursos de formação de professores encontra se ainda estudantes que consideram os usos das tecnologias como formas de lazer e entretenimento, e não uma ferramenta didática e educativa. A percepção de inutilidade da internet para fins didáticos se estende para toda a sociedade e se confirma quando alunos levados aos

laboratórios de informática convertem qualquer proposta de estudo e pesquisa em um ato egoísta e particular; usando o computador para acessar perfis de redes sociais, sites de pornografia e jogos, tudo isto em oposição à proposta pedagógica.

O mau uso da internet vista apenas como entretenimento está amplamente arraigada à sociedade e tem início nos lares, e infelizmente é fortalecido na escola, ambiente educativo que teria como prerrogativa orientar para o uso construtivo do mundo virtual. A falha na orientação pedagógica mantém milhões de estudantes no analfabetismo digital, mesmo que o estudante tenha acesso ao uso do computador. O analfabetismo digital é corroborado na omissão educativa da escola, espaço que por obrigação deveria prover estratégias pedagógicas para o uso dessas tecnologias.

Já existem empresas especializadas em criar softwares educativos dedicados a ensinar conteúdos de diferentes disciplinas por meio de jogos, vídeos, ilustrações, telas animadas e desafios de RPG. Alguns jogos didáticos desafiam o aluno, que pode jogar em rede com outros participantes. Propõe-se uma narrativa em que um ou mais heróis, dentro de um enredo devem responder a um conjunto de enigmas; levando os personagens a estágios mais avançados, destravando novas fases, evoluindo os e dando acesso a cenários com novos desafios. Os conteúdos de disciplinas como história, literatura, filosofia, sociologia, matemática, entre outras, são requisitados para que o jogador atinja seu objeto e seja vencedor do jogo. As interfaces dos jogos, disponibilizados em aplicativos, criam cenários mais atraentes às crianças e aos jovens, mas requer professores bem formados, conhecedores dos sistemas de navegação, assim como dos mecanismos dos jogos, mas infelizmente a maioria das faculdades não contemplam esses conteúdos na formação básica na graduação.

Não se trata de substituir a lousa, o giz ou canetão, saliva e suor do docente pelo computador; a máquina nunca fará a conversão da informação em conhecimento por si mesma. A presença do educador é fundamental como fomentador, ordenador e estimulador de toda a gama de experiências, convertendo tudo isto em conhecimento sistematizado, seguindo uma didática previamente proposta em um plano de aula bem organizado. A aula que tem como suporte o computador não é um passa-tempo, mas um momento de aprendizado com uma nova configuração. O ambiente educacional integra a internet como uma ferramenta potencializadora de ações, com acesso rápido à diferentes interfaces de informação e proporcionando experiências educativas singulares ao educando. No entanto para que isso ocorra, não basta a boa vontade, mas a capacitação técnica aliada a condições de trabalho. Deve formar uma equipe

multidisciplinar no ambiente escolar, incluindo diretores, coordenação pedagógica, docentes, pais, representantes de alunos, enfim toda a comunidade escolar.

Segundo o sociólogo e educador Edgar Morin, na obra *“Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”* (2000), o papel da educação inclui desenvolvimento do senso crítico dos alunos. A internet pode se tornar uma grande aliada na medida em que por exemplo uma pesquisa solicitada pelo professor, e realizada pelo aluno deve ser corrigida, analisada e criticada, a fim de solucionar dúvidas, ampliar abordagens e estabelecer novas frentes de pesquisa para o conhecimento adquirido. O professor é um regente, um estimulador que desafia o aluno, estabelece o debate, abre a crítica, desenvolve no aluno a curiosidade de querer saber mais. O papel do educador deve passar por transformações: descentralização do ato educativo do professor, ampliação da construção do conhecimento a outros agentes educacionais, a fim de desenvolver novos modelos formativos que estimulem o olhar das crianças e adolescentes e promova a autonomia intelectual. A construção do conhecimento não se restringe ao dever do professor em sala de aula visto como um arauto do saber, mas deve se buscar e incorporar diferentes canais convertidos em plataformas educativas, como a web.

As mudanças não ocorrerão de forma automática e espontânea, ao contrário, valores devem ser reavaliados, normas questionadas, embora tudo isso possa causar desconforto e resistência; os embates serão sempre inevitáveis, mas produtivos. A mudança da cultura escolar, em relação à presença da tecnologia digital significa o exercício de transmutação de olhares que desmistifiquem o significado real do que é a máquina. Deve se rever o espaço que esta ocupa na vida de crianças, adolescentes e adultos que a utilizam hodiernamente em todos os seus afazeres diários, tendo alcance em suas vidas privadas em todos os aspectos. A educação pode ser incorporada ao universo da cibercultura se apropriando de seus recursos e patrocinando mudanças e evoluções no fazer educativo.

As faculdades que oferecem cursos de formação de professores, em sua maioria, não incorporaram disciplinas que capacitem docentes a ensinar seus conteúdos com a inclusão do computador em salas de aula. Em parte, a deficiência se deve a falta de profissionais preparados nos quadros de docentes universitários para lecionar estes conteúdos. A deficiência estrutural das faculdades pode ser apontada pelo seguinte: falta de bons laboratórios com computadores que suportem programas e softwares educativos e dificuldade de acesso à internet de banda larga. A deficiência das condições materiais

impedem que os futuros professores possam usufruir de boas experiências de aprendizagem, desmistificando assim sua aversão à internet como ferramenta de ensino. As somas destas dificuldades patrocinam um efeito contrário, mantêm e fortalece a percepção nos futuros educadores de que a máquina é inimiga da educação. Desta forma, se perde uma ótima oportunidade de demonstrar o potencial que o auxílio da internet pode oferecer na otimização do ensino pelo professor e no aproveitamento de aprendizagem pelo aluno.

Além das dificuldades apontadas, persiste a ideia, aliada à educação bancária, de que para formar bons professores não se pode abrir mão das disciplinas tradicionais, voltadas à formação didática, conteudista do professor como emissor de conhecimento e dono da verdade. Essa visão demonstra total fechamento, para não dizer ignorância, dos gestores educacionais, pois não percebem que a cultura é dinâmica e as tecnologias acompanham o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Portanto é imprescindível no fazer educativo a realização da auto avaliação e da análise que leve ao questionamento dos conteúdos e ferramentas didáticas que vem acompanhando as mudanças e as novas demandas sociais que surgem e que necessitam ser incorporadas aos currículos escolares. Ao mesmo tempo não se deve ignorar o conhecimento como legado humano, construído através dos séculos, ou abandonar o aprendizado das matrizes culturais que permeiam a existência humana e o desenvolvimento das nações.

O mundo aberto e gerido pelas tecnologias da informação e as possibilidades que o mundo virtual oferece, amplia o âmbito das relações tradicionais como família, escola e amigos. Hoje a criança tem acesso precoce e experiências diversas com o mundo digital e das informações vindas pela web. A velha tríade é superada o que muda significativamente a forma da criança ler e interpretar a si mesma e o mundo.

A relevância do uso das tecnologias digitais voltadas à educação é hoje um fato inquestionável. Seus recursos são considerados altamente positivos embora muitas dificuldades sejam apontadas para que se efetuem verdadeiros avanços em relação à pedagogia tradicional. Se por um lado não se questiona o uso educacional dessas ferramentas digitais por outro levanta se verdadeiras polêmicas sobre de como gerenciar o acesso individual ou particular de grande parte de crianças e adolescentes a essas plataformas digitais.

A exposição precoce das novas gerações aos estímulos da internet cria polifonias discursivas que acompanha os sujeitos desde a infância, preparando os à execução de multitarefas, uma vez que são seduzidos por variados estímulos que ocorrem em um

mesmo evento. Exemplificando, um jovem ao mesmo tempo digita no smartphone, conversa com amigos pelo whatsApp, ouve música e vê publicações no facebook. Existem evidências que a hiperatividade diminui o grau de concentração de crianças e adolescentes. Cria uma geração de sujeitos ansiosos, com necessidade compulsiva por novidades e um grau elevado frustração que os incapacita a lidar com eventos do cotidiano. No entanto, não se pode negar que tais mudanças ocorrem, obrigando as instituições educacionais a desenvolver novas abordagens pedagógicas que lidem com eficiência com essas problemáticas.

O fenômeno informacional que ocasiona mudanças comportamentais chega à escola junto com as crianças. Sua existência exige capacidade de acolhimento por meio de propostas pedagógicas atuais, que dialoguem com estes sujeitos portadores desse novo perfil. Todavia, os alunos se deparam com o modelo tradicional, centrado no professor, lousa, giz e carteiras enfileiradas. O resultado quase sempre é desastroso. A própria cognição do estudante, estimulada constantemente por links e hiperlinks que saltam da tela de seu smartphone ou computador se choca com um discurso unilateral, pobre em estímulos visuais e sensoriais e que concentra no docente a fonte de conhecimento. Mais uma vez se salienta que a figura do professor não pode ser substituída, mas deve ser aprimorada, ressignificada de acordo com a nova forma de funcionamento da cognição humana estimulada e hiperativada por um universo de possibilidades; mergulhada no rizoma que a cibercultura proporciona.

Os cursos de formação de professores devem dar especial atenção à inclusão em seu rol de disciplinas e competências a conteúdos que privilegiem o uso didático da internet no processo de ensino e aprendizagem. Ofereçam capacitações que demonstrem aos futuros educadores como o uso constante da internet vem alterando a percepção e o funcionamento cognitivo das crianças e dos adolescentes, principalmente no processo de estímulo da imaginação, criatividade e aprendizagem; em vez de desqualificar a internet é necessário que a veja como aliada no processo educativo.

Outro problema de ordem estrutural agrava drasticamente o quadro da não efetivação das tecnologias digitais na educação, a falta de computadores e de bons laboratórios de informática nas escolas. Além disso, possuem equipamentos antigos e ultrapassados, sofrem com a escassez de manutenção, a falta de peças de reposição e a inexistência de técnicos e monitores para a organização de um bom ambiente de ensino.

Recursos tecnológicos como laboratórios de informática e acesso à internet não é realidade para muitas escolas brasileiras. Segundo dados do *Censo Escolar* de 2018

existem no Brasil 131,6 mil escolas que oferecem Ensino Fundamental, nestas apenas 46,8% dispõem de laboratório de informática. Deste percentual somente 65,6% possuem acesso à internet e 53,5% das escolas a internet é do tipo banda larga.

No Ensino Médio a realidade melhora, no entanto, está longe do ideal segundo números divulgados pelo Censo. São 28,5 mil escolas no Brasil onde 79,9% dispõem de laboratório de informática. O acesso à internet está disponível em 91,3%, porém, a conexão do tipo banda larga só é encontrada em 79,9% das escolas.

A escassez de recursos é de tal ordem e que aliada à imperícia de muitos agentes educacionais leva a constatação de que os recursos digitais ainda não estão efetivamente presentes na vida escolar e no ensino e aprendizagem. Existem escolas, por exemplo, que mantêm seus laboratórios de informática fechados, e só disponibilizam o seu acesso mediante assinatura de documento pelo professor responsabilizando se por eventuais danos às máquinas. Somado a isso, a incapacidade técnica do professor proporciona um ambiente anti-pedagógico, com tendência a criar a visão do computador como uma tecnologia difícil de se dominar.

Este círculo gira na contramão das transformações científicas, econômicas e sociais experienciadas no mundo globalizado. Patrocinam o engessamento da aprendizagem resultando em ineficiências na capacitação do sujeito em fazer do uso da internet uma ferramenta produtiva em um largo espectro de aplicações.

Atitudes como estas evidenciam o analfabetismo digital, ou a falta de uma educação inclusiva, que deveria começar nas famílias, em relacionar os computadores como ferramentas para execução de tarefas diversas, inclusive como suporte nos estudos e não somente como utensílio de lazer e conversação de banalidades com amigos ou usos particulares apenas.

A transdisciplinaridade seria uma alternativa a esta realidade minimalista de educação, ao propor uma visão de mundo mais complexa. Segundo Morin se a educação conduzisse os vários temas propostos por meio de um encadeamento interdisciplinar e de experiências, ofereceria ao aluno mais sentido àquilo que aprende; partindo de um tema simples chegaria a uma cadeia de interrelações cada vez mais complexas o que produziria um conhecimento mais concreto e uma educação holística.

Nas palavras de Morin:

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade

quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade. (MORIN, 2000, p.38)

O uso da internet favorece a interrelação da unidade com a multiplicidade, na medida em que na pesquisa ou na leitura online o estudante tem a oportunidade de confrontar experiências, teorias e desenvolver uma visão mais ampla e complexa do mundo que o cerca. Por isso, o mundo virtual pode promover a emancipação do conhecimento ou a planetarização da consciência do sujeito. Para isso torna se necessário que a educação conceba conceitualmente o uso dessas ferramentas como um recurso interdisciplinar de aprendizagem.

A constatação do conhecimento como um processo que deve se dar na complexidade se defronta com o modelo da educação bancária, pois esta não promove o debate e desvaloriza o questionamento. Em um período que o livro didático e o professor eram os únicos emissores do conhecimento, a unicidade em que o ensino se dava permitia ao aluno receber passivamente o conteúdo sem muitos questionamentos. Se estava no livro e o professor dizia, só poderia ser verdade.

O advento das tecnologias informacionais enfraquece a passividade dos alunos em sala de aula, pois munidos de celulares pesquisas rápidas no google são realizadas confrontando a fala dos professores. Quando outras leituras e análises são encontradas, muitas vezes, os discursos dos livros didáticos ou dos docentes são questionados. Muitos professores consideram essa ocorrência como uma afronta, um ato indisciplinar que beira a heresia. Todavia, não se deve ignorar que as tecnologias podem levar ao acesso de informações errôneas, vem daí a necessidade da presença de um professor capacitado para filtrar estas informações e conduzir o aluno a uma reflexão mais crítica sobre os conteúdos veiculados na internet.

Paulo Freire ao criticar a educação centrada na figura do professor, propõe que ela seja um ato dialógico, ou um fazer como processo dialético envolvendo educador e educando:

Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se concentra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (FREIRE, 2003, p.47)

No ato educativo, deve haver um compartilhamento do conhecimento, o professor o agente estimulador e orientador das temáticas debatidas; é o estudante o agente discursivo que reflete sobre os conteúdos situando-os em sua realidade, o que lhe permite ampliar realmente sua visão de mundo. Incorpora desta forma o conhecimento com elementos existenciais e sociais.

Morin, no quinto aspecto sobre os sete saberes, afirma que a educação do futuro deve estimular no aluno a incerteza, mas a escola é vista e defendida como a especialista em ensinar certezas. No entanto, segundo o autor, a própria ciência tem abandonado a pretensão da verdade absoluta e vem mantendo um diálogo entre as várias áreas de conhecimento que trabalham muito mais com dados hipotéticos, incertos e prováveis do que com certezas. Cabe à escola aproximar-se com humildade do debate, procurando conduzir os alunos ao questionamento sobre aquilo que parece evidente, evitando o confronto com as verdades dogmáticas. O mundo digital pode favorecer este objetivo ao oferecer ao aluno a possibilidade de pesquisar em várias fontes, diferentes leituras e análises sobre um mesmo objeto. Isto alargaria a capacidade reflexiva e existencial no estudante, quando este perceber que existem ramificações e complexidades que vão além de sua imaginação.

Outra reflexão relevante em relação a educação-saber e tecnologia digital diz respeito às mutações ocorridas no processo de produção e veiculação deste saber. Algumas categorias são fundamentais para a compreensão da quantidade e qualidade das informações que podem ser acessadas pelo uso da internet. A velocidade, a quantidade e os sujeitos agentes proporcionam um processo intenso de retroalimentação dessas plataformas digitais com conteúdos diversos. Por um lado isto fortalece a democratização do saber, por outro demonstra uma transformação gigante de valores e tendências fruto do fluxo emergente das informações. Uma educação escolar que almeje dialogar com este mundo da hiperinformação deve adentrar o círculo rizomático deste universo.

Pierre Lèvy reflete sobre esta realidade:

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. (LÉVY, 2003, p.158)

Os espaços de conhecimentos são abertos em fluxos não-lineares, que se reorganizam de acordo com objetivos ou contextos, nos quais cada um ocupa uma posição no ato evolutivo das experiências. A educação deve exercer este papel dentro de tão peculiar forma de existência virtual. Os currículos não podem ser estáticos, mas ao contrário, integrar aos conteúdos tradicionais que fazem parte dos alicerces do saber humano na história, as novas demandas coletivas de aprendizado, por meio de inovações pedagógicas e didáticas para o aprimoramento do ensino-aprendizagem.

Esta discussão já algum tempo saiu da ficção para a realidade com o ensino por EAD (ensino aberto e a distância) existentes em cursos de graduação e já propostos para o ensino fundamental. Críticas à parte, realizadas por diferentes educadores, o fato é que tal tendência parece não poder ser freada. As hipermídias e todas as tecnologias da cibercultura abrem um novo leque comercial de aprendizagem virtual, muitas vezes personalizadas ou coletivas e em rede. Neste contexto, o professor se torna um fomentador de conhecimento, dentro de uma coletividade virtual em grupos online mais do que propriamente um agente direto do conhecimento.

Figura: 34. Página inicial Open English. Fonte: https://www.openenglish.com.br/?utm_

Muitos segmentos comerciais encontraram nessa modalidade de EAD um filão de ganhos financeiros extremamente atrativos, como é o caso dos cursos de inglês online (figura35) ao patrocinarem um tipo de aprendizagem em que o estudante, na comodidade do lar e do seu trabalho ou durante uma viagem, pode criar seu próprio roteiro de estudos segundo suas necessidades. As novas modalidades de ensino e aprendizagem demonstram que a internet retirou parte do monopólio do ato educativo da escola física ao decentralizar os núcleos de aprendizagem, e ao demonstrar que o uso prático e produtivo da internet patrocina uma nova economia de conhecimento.

Frente as peculiaridades apontadas e evidenciadas pela revolução que as novas tecnologias provocaram nas relações humanas e educacionais, alguns questionamentos surgem. Principalmente no que tange aos efeitos cognitivos provocados pelo uso precoce de tais tecnologias por crianças desde os primeiros anos de vida e sua relação com a aprendizagem. Como o uso sistemático destas maquinarias influencia o desenvolvimento da imaginação e criatividade nas crianças? Esta questão é pertinente pois não se pode negar que a interação diária e recorrente de crianças, jovens e adultos com aparelhos digitais conectados à rede mundial da internet, vem modificando substancialmente a forma do indivíduo se relacionar, seja pela virtualização dos afetos ou fantasias pessoais e ainda, pela digitalização de afazeres cotidianos.

O psicólogo Lev Semenovitch Vygotski (1896-1934), importante proponente da teoria histórico-cultural, se preocupou com a questão da formação social do sujeito a partir das influências que o ambiente desempenha na formação de sua cognição. Por isso a teoria histórico-cultural pode oferecer subsídios de reflexão para o melhor entendimento dos processos que explicam o desenvolvimento da imaginação, e da criatividade na criança na presença e uso das novas tecnologias, e como o entendimento desses processos pode ser utilizado pela educação escolar.

Nesse sentido, se faz necessário uma análise a partir do pensamento de Vygotski sobre os processos que envolvem o desenvolvimento da cognição na criança desde a primeira infância. A partir dessa reflexão sejam identificados possíveis mudanças nas características de aprendizagem no processo educacional ocasionadas pela influência das tecnologias digitais em todo este processo.

2 O desenvolvimento da imaginação e da criatividade infantil em Vygotski como fundamento para a compreensão da sexualidade.

Segundo Vygotski (1930-1990) a criatividade começa a se manifestar na criança desde a primeira infância, principalmente em brincadeiras e na interação do manuseio de objetos variados. No primeiro ano de vida se torna imperante na criança a atividade objetual manipulatória primária. Importante salientar que as conexões neurais são estimuladas pela interação sujeito-mundo. Uma vez que estes estímulos manipulatórios são intensificados por variados objetos, pessoas, situações e oportunidades de exploração pela criança, no meio onde está inserida, estimula vínculos psíquicos que resultam no desenvolvimento emocional, na comunicação direta e na organização da personalidade e da criatividade infantil.

Como afirma Vygotski (1991):

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (VYGOTSKI, 1991, p. 20)

Por mais que grande parte das atividades da criança seja mera reprodução daquilo que experiencia nas relações objetais, há uma recombinação de elementos pré-simbólicos, fruto da ressignificação psíquica elaborada no universo da imaginação e da criatividade infantil que não podem ser ignoradas. Segundo Vygotski esses elementos recombinatórios que manifestam uma criatividade precoce nascem, em parte, pelo uso e necessidades da criança devido aos desafios que o meio lhe impõe. Além das funções cognitivas, fruto das conexões neurais que se alastram em redes cada vez mais complexas que auxiliarão na transição e aperfeiçoamento de ações simples para ações cada vez mais complexas.

Desta forma, a brincadeira da criança não é mera imitação ou reprodução de atividades motoras, mas passa a ter componentes de recombinação cognitiva que apresentam a criação de novos cenários de realidade recheados de afetos, sentidos e significados semânticos até então inexistentes. Isto, por si, demonstra componentes da

manifestação da criatividade na criança, ou seja, a necessidade de comunicação com o mundo a obriga a refinar cada vez mais suas interações físicas e psíquicas.

Como se dá a atividade criativa combinatória na criança a partir da necessidade de interação com o mundo? Quais leis regem esse processo? Para responder esta questão, Vygotski afirma que a lei primeira a que essa atividade está submetida é a lei da aprendizagem. Ou seja, quanto maior for a riqueza de experiências pessoais vivenciadas pela criança desde o período pós-natal, mais refinada e sensível será sua imaginação e a criatividade. Segundo o autor, isto explica em parte o porquê da criança ter menor imaginação se comparada ao adulto, justamente por lhe faltar repertório de experiências e estímulos que limitam o seu processo de interiorização e simbolização.

Outro conceito desenvolvido por Vygotski sobre a criatividade é que essa não se dá de forma caótica, mas exige um processo intrincado de maturação biológica e social, de significação de todo material experienciado, altamente complexo e demorado. Esta dinâmica na criança se dá por elementos que o autor denominou de associação e dissociação. A associação seria o momento em que a criança tem uma visão da realidade como um tecido contínuo sem retalhos, ou a percepção da realidade como um todo; os elementos não possuem existência e sentido em si mesmos, mas pertencentes a um todo indissociado. Na dissociação, a criação já possui faculdades cognitivas que a possibilitam separar fragmentos deste tecido da realidade, dividindo e comparando-os.

Desta forma, segundo Vygotski, algumas experiências são internalizadas e outras, não tão necessárias, são esquecidas. Portanto os elementos da dissociação, estão vinculados a acontecimentos novos que começam a ser internalizados na criança enquanto novidade, o que por si, estimulam a criatividade e aperfeiçoa a relação da criança com o mundo, moldando ações futuras segundo suas necessidades e motivações.

Outro ponto que deve ser ressaltado sobre a imaginação criativa conforme Vygotski está ligada à capacidade da associação de elaborar uma síntese, dando sentido à elementos até então dissociados pela criança. Este ponto leva a uma terceira constatação sobre a criatividade, isto é, a capacidade crescente na criança de estabelecer conexões e combinações de diferentes formas e objetos com saberes objetivos dotados de semântica própria, o que materializaria o produto da imaginação com os objetos existentes na realidade concreta.

Para Vygotski, todo este processo não se dá fora das interações sociais. Isto significa que o indivíduo só cria, imagina e fantasia a partir das relações sociais do meio onde está inserido. Por isso o ato criativo, não é para o autor, uma função solitária ou

inata ao sujeito, mas fruto de um amálgama de experiências sociais que a criança vivencia desde o princípio de sua vida. A criatividade na criança, e no futuro adulto, manifestará suas particularidades segundo às condições sociais, valorativas, educacionais, lúdicas, etc, que o meio social lhe proporciona.

Um questionamento que se levanta neste ponto é a diferença entre a criatividade da criança, comparada a do adulto. Vygotski recusa a afirmação que circula no senso comum de que a criança goza de maior imaginação se comparada ao adulto. Afirma o autor que isto qualitativamente é impossível, uma vez que as experiências vividas pela criança são infinitamente inferiores se comparadas às experiências do universo psíquico do adulto. A complexidade da cognição infantil é visivelmente inferior se comparada ao adulto. Para Vygotski o mundo experimental da criança e sua capacidade de reorganizá-lo internamente é menor, uma vez que entende a experimentação como base para o desenvolvimento da criatividade.

A maturação biológica da imaginação acompanha as interações experimentais que a criança desenvolve com o meio à sua volta, ou seja, amadurece e se transforma à medida que as relações objetivas são internalizadas e significadas. Segundo o autor, a princípio a imaginação e a razão se dão de forma separada na criança, seja pela falta de experiências ou pela incapacidade da criança em estabelecer relações combinatórias deste material. No adulto a imaginação criativa estaria mais próxima ao pensamento abstrato, resultado do processo de interiorização e abstração reflexiva que o adulto consegue estabelecer.

2.1 Imaginação e Criatividade na interação criança-máquina.

Na teoria histórico-cultural de Vygotski, a criatividade não é inata e não se dá como um processo isolado e alheio às interações sociais e à experiência. Ao contrário, é resultado de materiais experimentados pelo sujeito desde a infância que são combinados pela imaginação e memória, até alcançar um maior grau ligado ao pensamento abstrato ou à reflexão propriamente dita. Esse processo gradativo acompanha a maturação biológica e cognitiva e molda a personalidade do indivíduo. A questão colocada no início desse trabalho exige a compreensão do processo de desenvolvimento cognitivo da criança, ou seja, como o uso sistemático de smartphones, tablets, notebooks, etc, influencia o desenvolvimento da imaginação e da criatividade?

As diferentes interfaces que os sistemas digitais oferecem ao usuário, mergulham no em um universo multifocal, com variadas entradas e saídas possibilitando lhe circular de hiperespaço a hiperespaço na velocidade de um clique. Qual seria a influência dessa fluidez de estímulos sobre a psique humana, especificamente sobre a criança que brinca e manipula essas tecnologias? Se considerarmos conforme Vygotski, que as primeiras relações objetais da criança com o mundo se dá pela manipulação de objetos, gradativamente combinados e recombinaos, criando ressignificações diferentes a cada experiência ou interação, não é difícil entender que as maquinarias digitais tornam-se um celeiro móvel e dinâmico riquíssimo de experiências visuais, auditivas e motoras ao universo cognitivo da criança.

As interfaces estimulam a hiperativação cognitiva na criança, pois exigem ações, uso e domínio de diferentes comandos, que tem início primeiramente na identificação dos signos na tela do aparelho, depois no toque em ícones específicos para acessar o aplicativo desejado, o que evoca atividades motoras finas e especializadas e a interpretação de sons e imagens específicas de cada programa até a configuração de determinados serviços. Na primeira infância esses elementos combinatórios não se apresentam de forma consciente e clara. No entanto, ao brincar e interagir com máquinas dotadas de tais potenciais rizomáticos, projetados com várias entradas e saídas, estimula se e exige se da criança, desde muito cedo uma versatilidade cognitiva e sensorial muito mais sensível e aguçada. O resultado é uma capacidade cognitiva multifocal na organização dos materiais experimentados.

No mundo analógico existem possibilidades de experiências ricas e variáveis com as quais as crianças se deparam; um grande número de interações sensoriais. No entanto, no mundo virtual todas as experiências sensoriais podem ocorrer ao mesmo tempo ao se utilizar um único objeto, ou aparelho, e são manipuladas por simples comandos, ao toque de um dedo ou a um clique de um mouse. A criança que desejando jogar um game abre por “tot scrin” o aplicativo de jogos, seleciona em meio a um cardápio variado de possibilidades o jogo àquele que deseja, seleciona e configura o nível de dificuldade, o personagem e as armas que prefere utilizar. Após esses comandos elementares simplesmente joga, vibra e interage, e quando quiser, fecha o aplicativo, abre o WhatsApp, fala com amigos, assisti um vídeo, observa uma imagem.

Concebe se com Vygotski que na idade pré-escolar, surge a atividade de jogos de papéis. A criança encarna personagens e inicia o processo de distanciamento e diferenciação daquilo que pertence ao “eu conciso”, daquilo que pertence ao mundo à

sua volta. O repertório que estas experiências multissensoriais apresentam, pautadas na informação e comandos rápidos, criam um funcionamento cognitivo hiperinflacionado que resulta em uma percepção multifocal na criança.

O desenvolvimento da criatividade se dá em meio a variadas possibilidades e materiais, que são combinados e recombinaos pela imaginação infantil. O hiperestímulo que as experiências digitais proporcionam leva a criança a manipular diferentes cenários imaginativos e sensoriais, navegando entre o mundo virtual e o real. Estabelece pontes cognitivas, organiza informações, ressignifica dados e signos variados pelo pensamento, incrementa comandos e manipula intencionalmente a realidade segundo sua criatividade e imaginação. Esses estímulos são acompanhados de produções variadas no qual a criança ao entrar e sair de “ambientes virtuais” recria realidades trazendo para seu comportamento no mundo concreto cenários construídos no mundo virtual. Ou seja, os atributos polissêmicos variados do mundo virtual conduz a processos de interiorização e significação muito peculiares se comparado às experiências analógicas até então existentes, ou seja, antes do advento das maquinarias digitais.

Se é no jogo de papéis que a criança reconstrói, por meio de significados as experiências internalizadas no cotidiano, pode se afirmar que os hiperestímulos sensoriais que as redes digitais oferecem à criança podem influenciar de forma profunda a imaginação e criatividade infantil; explicar a tendência crescente de indivíduos aptos a exercer multitarefas. Ou seja, pessoas que executam variadas funções ao mesmo tempo, com um grau de concentração muito raso e com uma necessidade constante de estímulos novos para não ocasionar tédio ou desinteresse. Daí uma pista para entendermos o desinteresse crescente dos alunos em aulas tradicionais que não comungam de uma didática que valorize o uso de imagens e sons, seja pelo PowerPoint, TV ou internet em sala de aula.

O hiperestímulo sensorial precoce ocasiona uma cognição apta a polifonias e polissemias variadas envolvendo um indivíduo ativo, ansioso, ávido por “novidade” e com alto grau de mobilidade afetiva e emocional em relação aos acontecimentos à sua volta. Nesse sentido, a imaginação e a criatividade estão à mercê de um processo de interiorização que não dispõe de um tempo apropriado para a memorização e ressignificação dos materiais experienciados pela criança, uma vez que a grande quantidade de estímulos sensoriais de informações patrocinadas pelas redes digitais são constantes e intensas.

Os efeitos sociais que as multitarefas produzem pelas redes sociais resultam em indivíduos com certa dificuldade e estabelecer laços profundos e permanentes com outras pessoas ou situações. Existe uma necessidade compulsiva por novas experiências, relacionamentos e vivências fluidas. Talvez a emergência por novidade esteja associada a uma personalidade desenvolvida em meio aos estímulos multifocais das novas tecnologias, que mergulham o usuário precocemente num universo infinito de possibilidades dinâmicas.

Confrontando essa realidade com o pensamento de Vygotski, o processo de criação ocorre na interação e manipulação das experiências do sujeito em relação ao meio a sua volta. A criatividade resulta a partir do momento que o sujeito imagina, combina e modifica a realidade, dando a ela uma representação e ressignificação que não se apresenta no estímulo original. Por isso, a criatividade não é inata, passiva e não se encontra meramente nos objetos variados no entorno do sujeito, mas é resultado de processos de internalização e ressignificação de cada pessoa. Na criança estas funções aparecem de forma simples e rudimentar na primeira infância, mas à medida que o sujeito experimenta variadas experiências o processo se intensifica e torna-se cada vez mais complexo.

No que diz respeito à relação da criatividade com as redes digitais, constata-se que a hiperestimulação sensorial provocada pelas maquinarias virtuais, resulta em uma reorganização cognitiva multifocal na criança. Como resultado desse processo, observam-se crianças com tendência hiperativa em seus afazeres diários e uma necessidade de “novidade” constante. A constatação demonstra também um processo de superficialização nas relações sociais, com relacionamentos com pouco ou quase nenhum vínculo profundo. Os relacionamentos manifestam certa tendência a criar sempre novos vínculos e interações com outros indivíduos e espaços sociais a distância.

2.2 Possíveis contribuições da internet no ensino-aprendizagem escolar.

Qualquer tentativa de integrar o mundo virtual ao ensino e aprendizagem escolar deve levar em consideração a presença da internet à vida dos sujeitos desde a primeira infância. A escola, por meio do monitoramento e acompanhamento pedagógico e científico, precisa entender como o contato e estímulos precoces com a internet interferem nos processos cognitivos referentes à aprendizagem na criança. A análise realizada anteriormente, a partir da teoria histórico-cultural de Vygotski tem como

objetivo servir como base conceitual para melhor compreender a interferência do computador na formação da imaginação e criatividade, pois os conceitos que configuram a teoria do autor são valiosas e dão conta de que o processo de construção simbólica e de significação do universo psíquico infantil tem como base, os estímulos externos e permanentes experienciados diuturnamente pelo sujeito. O computador parte integrante, perene e externa da vida de milhões de crianças que nascem e crescem manuseando tais dispositivos, não se pode ignorar que a organização cognitiva, que é parte integrante de sua personalidade, é marcada e determinada pelas maquinarias virtuais e seus estímulos.

Contra a tendência do uso da máquina como mero meio de entretenimento, o que provoca verdadeiros conflitos no ambiente escolar, é necessário refletir que se reflita mais. Não se constrói uma cultura de hábitos do dia para a noite, pois os estudantes aprenderam, desde pequenos, como a maioria das pessoas a usar o smartphone como instrumento de diversão e não como ferramenta de estudo. Observa-se frequentemente que o uso particular do computador dificulta a introdução da máquina como um valor para o ensino, pois esse aspecto dificilmente foi cultivado nos sujeitos. É como pedir a alguém que não foi educado em sua percepção estética a apreciar uma obra de Van Gogh (1853-1890), a olhar e absorver as intensidades ali lançadas pelo artista. O apreciador por ignorar o estilo de arte impressionista, e desconhecer as forças existenciais que moveram a arte do pintor, não observará em suas telas senão borrões de tinta e pontilhados sem significado. Pode-se questionar num primeiro momento se a deficiência de leitura advém da obra ou do sujeito. O sujeito por não possuir repertório para construir sentido e assim usufruir da obra do pintor, não conseguirá, mesmo que queira absorver suas intensidades. Assim também, grosso modo, ocorre quando se espera que uma criança ou jovem utilize de forma produtiva o computador em sala de aula, se a ele não foi oferecido uma percepção formativa e valorativa do potencial da máquina.

O aparelho é então concebido como um objeto mágico, encantatório uma possibilidade de escapismo e sonho voltado para satisfazer desejos e demandas da subjetividade do usuário. Dificilmente relacionado aos mais árduos processos da observação e reflexão que envolve a aprendizagem; o lúdico se sobrepõe a qualquer outra atividade seja de leitura, escrita, enfim da construção do conhecimento.

A educação escolar deve, desde o ensino infantil, inserir no rol de atividades didáticas experiências de reeducação digital, a fim de desenvolver na criança a cultura e

a percepção da máquina como material didático a ser utilizado de forma educativa. Jogos, brincadeiras, pesquisas, simulações virtuais transpostas ao mundo real, desafios cognitivos, intercâmbio de experiências com alunos de outras instituições dentro e fora do país, etc. Já existem softwares que podem ser comprados ou encontrados gratuitamente na web que oferecem acesso a esses serviços e a outras infinitudes de atividades didáticas que associadas àquelas tradicionais oferecidas nos currículos escolares tornam o computador em sala de aula um poderoso aliado do professor.

A escola ao proporcionar experiências de aprendizagem com o auxílio do computador desenvolverá, aos poucos, novos hábitos, criando valores no aluno, estimulando sua sensibilidade que resultará em novos investimentos relacionais com a web. Essa metodologia romperá aos poucos com a visão lúdica do computador, criando novos sentidos muito mais formativos na relação ser humano-máquina, que aos poucos fundarão uma cultura de uso realmente produtiva e positiva do aluno em relação ao mundo virtual sem que o entretenimento oferecido pelo computador seja prejudicado.

A superação da visão lúdica e recreativa do computador que o aluno tem e que o leva a utilizá-lo como forma de escapar às aulas consideradas chatas não terá êxito por castigos, advertências ou censura. Na verdade não se pode esperar uma postura responsável se não houve uma educação construída a partir de novos valores, pois a atitude punitiva já demonstrou sua inutilidade. A orientação pedagógica da maioria dos estabelecimentos educacionais, não acerta ao afastar a criança do computador e de todos os dispositivos ligados à internet. Deve ocorrer o contrário: uma escola que incentive em seu espaço físico o uso destas maquinarias, aliadas a um corpo docente preparado para trabalhar com suas interfaces em suas disciplinas, somadas a um conjunto de propostas pedagógicas atrativas e bem fundamentadas ao seu uso. Tudo isso traria bons resultados, ao converter naturalmente o processo de ensino e aprendizado, com o uso do computador em sala, em algo produtivo, sem conflitos, criando um ambiente educativo e tendo o computador como um aliado.

O que se almeja com essa proposta é que a criança perceba o computador como material escolar, parte integrante de seu processo de aprendizagem assim como é o caderno, caneta lápis e borracha. Tendo a internet como suporte, sua utilização para fins educacionais dispensaria a censura, pois seria um instrumento que faria parte da paisagem de uma sala de aula, dispositivo tão comum e natural como uma lousa ou mapa.

A desmistificação e naturalização do computador em sala de aula não se faz de forma automática. Para que ocorra de forma efetiva a mudança de cultura educacional deve se iniciar desde a direção da escola até os docentes. Daí a dedução de que o processo não se dá simplesmente colocando computadores em sala de aula, mas redirecionando o olhar que se tem sobre a máquina. É uma tarefa árdua que deve envolver família, educadores e estudantes. Um projeto pedagógico que transcenda os muros da escola e chegue aos lares; que esses novos valores sejam fortalecidos por pais, a fim de formar uma geração que coloque as tecnologias virtuais em seu devido espaço na vida do sujeito, apenas um suporte informacional, uma ferramenta e não o centro e suas vidas íntimas e de suas existências.

Há quem diga que tal sistema educacional seja mera utopia. Não é desejo desse estudo criar teorias ou propor modelos educacionais, no entanto, enquanto não se iniciar um processo de otimização do uso da internet, no qual, as pessoas deixem de se absorverem nesse universo e voltem a viver suas vidas utilizando a rede como mero degrau para alçar objetivos maiores, continuaremos a dar ao mundo virtual um valor que em si ele não possui.

A escola do futuro, ou do presente, não pode se furtar à incorporação das tecnologias informacionais em seus currículos e espaços acadêmicos. No entanto, muito além da presença da máquina deve existir a alfabetização digital; educar o estudante para bem usar a máquina. Pois o acesso ao computador não significa inclusão digital ou alfabetização, mas mero encontro de máquina e sujeito. Isto em si não é educativo, ao contrário, patrocina a alienação do estudante perante o potencial que internet poderia oferecer ao seu aprendizado.

A partir de agora tratar-se-á de um dos problemas que o analfabetismo digital gera para a Educação Escolar: o aspecto da hiperexposição afetiva e sexual de alunos dentro da escola por meio da internet. Fato tornou-se uma problemática séria em muitos espaços educacionais, dado o grande número de casos ocorridos; levando coordenação, professores e pais a experimentarem a impotência de não saber lidar com essa nova problemática. Além da hiperexposição existe outro obstáculo a ser superado, a dificuldade histórica em se trabalhar, de forma pedagógica, com temas referentes a Educação Sexual. O silenciamento existente sobre temas relacionados a sexualidade e o uso ineficiente da internet e das redes sociais na escola, vem causando prejuízos de ordem educacional, afetiva e ética afetando de forma dramática crianças e adolescentes juntamente com suas famílias.

3 Os avanços e retrocessos da Educação Sexual no Brasil.

A imperícia no uso do computador no ambiente escolar já foi demonstrada nos capítulos anteriores. No entanto, tal problema vem se intensificando quando alunos, por meio do mau uso de tais dispositivos, introduzem na escola, conteúdos ofensivos como pornografia, patrocinam o cyberbullying em relação a colegas ou produzem e divulgam nudes e materiais eróticos no ambiente escolar. Um número crescente de ocorrências de veiculação de intimidades distribuídas por estudantes, envolvendo o uso da internet, já se tornou grave problema em várias escolas. Fatos que tomaram proporções sociais preocupantes ao ocasionar ocorrências como cenas de violência, discriminação e até suicídio por parte das vítimas.

Esses dois aspectos devem ser melhor analisados: primeiro a dificuldade da escola em integrar o uso das tecnologias digitais, e a outra mais antiga e extremamente preocupante, o silenciamento da abordagem de temas relacionados à Educação Sexual. Os dois problemas patrocinam um cenário caótico em muitas unidades escolares, onde a imperícia em lidar com tais fatos condena ao ostracismo e ocultação o sofrimento de centenas de vítimas, principalmente meninas. O ambiente de formação e instrução que teria como obrigação educar e orientar os estudantes em relação às demandas sociais e existenciais falha e não oferece soluções para essa problemática. O que se vê, ao contrário, é a indiferença e descaso no encaminhamento destas questões resultando em uma atitude desumana e antipedagógica, portanto é necessário um olhar atento sobre tais fenômenos.

Sobre os avanços e retrocessos da Educação Sexual no Brasil, destaca-se o trabalho do pesquisador Ribeiro (1990) ao descrever que no início do século XX, aliado ao discurso religioso, chegaram ao Brasil os chamados médicos higienistas. A abordagem clínica surgida na segunda metade do século XIX na Europa propunha uma nova orientação, associando a presença de determinadas patologias à falta de hábitos de higiene e cuidados com o corpo. Como consequências de seus estudos, a medicina adentrou os segredos do corpo, tendo monopólio sobre todas as suas funções, conferindo ao médico autoridade para despir, analisar e destrinchar as menores partes do organismo humano e adentrar os segredos mais profundos da sexualidade. O resultado da atuação dos médicos sanitaristas foi a criação de manuais de higiene e de controle sobre todas as produções orgânicas, inclusive com relação a Educação Sexual.

Entre as suas determinações constavam o combate à masturbação e as doenças venéreas e instruções de educação feminina a fim de prepará-las de forma adequada a desempenhar a nobre função de esposas e mães.

O saber clínico foi orientado por um viés patriarcal, focado no potencial erótico masculino de procriador e protetor da família e de submissão da mulher como símbolo fertilidade e rainha do lar. Mesmo com a maior liberdade sexual conquistada pela mulher por meio dos movimentos feministas do início do século XX. Destacando se a difusão do pensamento da grande protagonista Simone de Beauvoir (1908-1986) e, logo após a invenção da pílula anticoncepcional em 1960 os conteúdos curriculares continuaram a determinar clara separação entre a educação masculina voltada à realização dos desejos e a feminina voltada aos cuidados maternos e domésticos.

Ribeiro, citando Chauí afirma que uma das obras deste período voltada à orientação sexual acentua a repressão vigente à mulher:

Um exemplo dessa atitude aparece num livro de 1938, escrito por Oswaldo Brandão da Silva. Já na capa do livro observa-se algo interessante. Lê-se: *Iniciação Sexual – Educacional (Leitura Reservada)*. O autor procura, logo de início, esclarecer que não se trata de um livro pornográfico ou obsceno, mas obra educativa. Pressupõe (e explicitará tal ideia no correr de todo livro) a distinção entre um sexo `ruim` e um sexo `bom`, o que, em si mesmo, já é um exemplo de repressão interiorizada. *Leitura Reservada*. É que o livro se destina exclusivamente a meninos, aos `jovens que possuam vontade o bastante para quererem aprendê-lo, pois se trata aqui de um método auto-educacional (RIBEIRO, 1990, p.11, Apud CHAUI, 1985, p.18)

Nos anos 60 várias instituições escolares inseriram a orientação sexual nos programas educacionais. Escolas de orientação progressistas com coordenação pedagógica e diretores pertencentes a Universidades Públicas e Departamentos de psicologia. Como cita Ribeiro, escolas tais como; *Colégio de Aplicação Fidelino de Figueiredo, orientado por Maria José Werebe e, na época, vinculado ao Departamento de Psicologia Educacional da USP (em São Paulo), entre outros (RIBEIRO, p.12)*. Contudo todas essas iniciativas foram abortadas em 1964 em decorrência do golpe de Estado civil-militar. A justificativa era que a orientação sexual apregoava imoralidade e era inútil à formação educacional dos alunos, por isso foi determinado às Secretarias de Educação que retirassem dos currículos escolares a orientação sexual.

Ao longo da ditadura vários projetos de implementação de orientação Sexual em todas as escolas no país foram propostas por deputados federais, como foi o caso da deputada Júlia Steinbruck do MDB. Isto justamente em função do alto índice de gravidez na adolescência, associado às Infecções Sexualmente Transmissíveis e a orientação aos jovens sobre o desenvolvimento do corpo e da sexualidade na adolescência. Segundo Ribeiro, todas as propostas foram rejeitadas pela Comissão de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura, sob a alegação de que as iniciativas preconizariam a iniciação sexual precoce nas crianças e jovens. As políticas repressivas patrocinaram a regressão da educação sexual, a estagnação de iniciativas de implementação desenvolvidas pelos Estados da Federação e a perseguição a projetos até então existentes.

Apesar do conservadorismo das políticas educacionais do período da ditadura ter contribuído para o retrocesso da orientação sexual abortando iniciativas educacionais, algo paradoxal acontece, uma grande quantidade de filmes eróticos e pornográficos foram produzidos na década de 70, circulando livremente nas bancas de jornal e televisão. O chamado cinema *Boca do Lixo* protagonizou a produção de dezenas de filmes baratos e com grande teor erótico, veiculados pelos principais canais de televisão. Pode se apontar então uma contradição pois o discurso oficial priorizava a manutenção dos valores morais e a proteção ética das famílias. Por um lado promove o silenciamento da orientação sexual nas escolas; por outro se faz vistas grossas à circulação de vasto material de cunho sexual nas diferentes mídias ao alcance indiscriminado de todos.

No entanto, segundo Ribeiro mesmo com toda política repressora, iniciativas de orientação sexual sobreviveram em diferentes regiões do Brasil. Como afirma o pesquisador:

Mas mesmo com os riscos da repressão, o desenvolvimento de projetos de orientação sexual continuou em algumas instituições, conforme menciona Maria José Werebe, ao referir-se a uma sondagem realizada no IV Congresso Brasileiro de Orientação Educacional, em São Paulo, no ano de 1976: eram ao todo 56 trabalhos. (RIBEIRO, 1990, p.13)

A abertura política iniciada em 1974 nos governos Geisel (1907-1996) e Figueiredo (1918-1999) favoreceram, em certa medida, a retomada discreta, mas gradativa da Educação Sexual no ambiente escolar em algumas regiões do Brasil.

Ribeiro cita a iniciativa do general José Maria de Toledo Camargo que no período de 1974-75, quando foi comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Campinas, SP, organizou uma série de Conferências sobre orientação sexual para alunos de 2º. Grau dessa unidade. A Prefeitura de São Paulo entre 1978/79 também promoveu um projeto de orientação sexual nas escolas da rede municipal. A partir de 1980 o projeto foi estendido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo a todas as escolas paulistas.

A introdução de temas de Educação Sexual coincide com um período quando além de movimentos políticos como a campanha pelas “Diretas Já”, outras transformações sociais e culturais começaram a aparecer. O surgimento de novas revistas “eróticas” com fotos de nus frontais de homens e mulheres, programas de TV com uma grade de programação com elementos eróticos e os cinemas que exibiam filmes pornográficos, além do aparecimento dos sex-shops nas grandes cidades. Novos padrões sexuais alertaram psicólogos, médicos e educadores para a necessidade de esclarecer à população, e em especial aos jovens sobre os riscos de uma sexualidade desregrada e seus impactos no número crescente de gravidez entre adolescentes e o perigo das infecções sexualmente transmissíveis.

O surgimento no Brasil dos primeiros casos de HIV/AIDS em 1982, e o crescimento da enfermidade até o final dos anos 90 demonstra como um problema de saúde pública, provocado por uma patologia transmitida, principalmente, pela prática sexual, exigia a introdução de orientação sexual aos currículos escolares. Por mais que o tema da Educação Sexual tenha entrado principalmente pela via da prevenção de doenças, alçado pela discussão médica e clínica dos professores de ciências e biologia, não se pode negar que houve certo alargamento do campo de debate nas escolas.

O HIV/AIDS na década de 80 até a metade dos anos 90 era sinônimo de morte. O índice de mortalidade era altíssimo, principalmente entre a população masculina homossexual. Por conta disso, a doença começou a ser associada aos gays e à perversão sexual. Muitas vezes foi considerada uma patologia de libertinos e viciados em drogas injetáveis criando se um preconceito bem acentuado em relação e esses grupos. Então uma das primeiras formas de combater a Aids seria educar a população a se proteger com o uso de preservativo.

Embora toda essa problemática envolvesse inicialmente somente o público adulto foi se percebendo que somente a educação seria a melhor forma de combater as infecções sexualmente transmissíveis. As crianças e os adolescentes que inicialmente

ficaram fora dessa discussão, passaram a ser objeto de atenção quando a temática da educação sexual começou a tomar corpo como um dispositivo de prevenção. Levando-se também em consideração que muitos adolescentes começaram a ser infectados pelo HVI. Essa situação incrementou uma discussão mais aprofundada sobre a Educação Sexual por meio das escolas, inclusive criando linhas de pesquisa nas universidades para reflexão sobre a sexualidade humana.

A maioria das crianças chega à escola com um profundo desconhecimento sobre sexualidade, embora se possa admitir que a formação sexual seja da ordem familiar, isso em geral não ocorre. O que se constata é um verdadeiro silenciamento e mediocridade sobre o tema. Mesmo vivendo na era da internet e da sociedade da informação a orientação sexual não existe em muitas famílias, pois muitos tabus e preconceitos ainda não foram superados. Há famílias em que os pais tiveram uma educação marcada pela censura, violência moral e/ou física, e associam o sexo como algo sujo e pecaminoso; outros pais contornam as questões sexuais por meio de um discurso mágico, metafórico, e narrativas fantásticas a fim de evitar perguntas e situações embaraçosas que as crianças possam promover. O que pode criar uma consciência ingênua do corpo e da sexualidade.

Muitas famílias não assumem a educação sexual dos filhos delegando ao tempo e a maturidade dos mesmos a tarefa de proporcionar conhecimentos e atitudes que possam levar a uma vida sexual feliz. Essa visão também é promotora de um cenário nebuloso pois crianças e adolescentes tornam-se vítimas fáceis de abuso e exploração sexual, além de contribuir para números alarmantes da gravidez indesejada na adolescência e a ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis. Portanto, depositar na família a incumbência de orientar a sexualidade de seus filhos é uma falácia de décadas, que não traz alívio a quem é vítima de violências aumentando conflitos e dúvidas às crianças e adolescentes.

A escola seria o espaço por excelência onde todas essas temáticas viriam e seriam discutidas de forma pedagógica, por professores preparados e comprometidos com o crescimento humano-afetivo dos alunos. Ribeiro demonstra que em uma sociedade repleta de estímulos sexuais e (des)informação, a tarefa ocupada pela escola como patrocinadora de uma sexualidade madura e realizada no sujeito torna-se importante:

Recebendo informações distorcidas ou causadoras de dúvidas, o jovem não encontra espaço onde possa debater estas dúvidas e suas ansiedades, refletir sobre seus valores e conflitos, o que contribui para não conseguir viver sua sexualidade sem medo e sem culpa. É aí que a escola poderia se tornar um campo propício à orientação sexual, um lugar onde, além de receber informações mais completas, os alunos pudessem pensar, questionar, raciocinar e estabelecer juízos de valor. Distorções trazidas desde a infância poderiam ser esclarecidas ou corrigidas. (RIBEIRO, 1990, p.17)

Importante frisar que a Educação Sexual quando é assumida pela instituição escolar amplia o conceito de sexualidade, o sexo não é tão somente considerado como prática genital. Muitos são os veículos de comunicação e formadores de opinião, como políticos, religiosos e até educadores, que apregoam esse reducionismo extremado. Esses setores da sociedade restringindo o seu discurso apregoam uma falsa visão do que seria a educação sexual escolar, ou seja, os alunos estariam expostos a um ambiente saturado de erotismo que os estimulariam assim precocemente a iniciar a vida sexual. Nada mais inverídico do que tal proposição, que se presta a inflamar na sociedade, feroz aversão a temas relacionados à educação sexual, conservando e aprofundando, dessa maneira, o desconhecimento sobre o corpo e a sexualidade principalmente no público infanto-juvenil.

A Educação Sexual abrange um leque multidisciplinar de abordagens. Por exemplo, na educação infantil, as questões relacionadas à higiene pessoal, aos cuidados com o corpo, aos conhecimentos sobre os diferentes órgãos que compreendem o corpo e suas funções. Além do cuidado com as partes íntimas que somente a criança pode ter acesso e ninguém mais, com exceção dos pais ou responsáveis, com a finalidade de higienização. Essas questões, discutidas com as crianças levam nas se proteger de abusadores e pedófilos dentro e fora da família ao reconhecer e diferenciar o que são toques bons que lhe trazem alegria e felicidade, de toques ruins que provocam dúvidas, medo, insegurança ou dor. O resultado desse tipo de abordagem exemplificado que é inerente à Educação Sexual, nada tem de erotismo ou estímulo precoce ao sexo. Ao contrário objetiva desenvolver na criança o senso do cuidado de si, a preservação do seu corpo e de sua intimidade, e também fomentar nela a percepção de sua importância no mundo, desenvolvendo a noção do amor próprio, patrocinando a autoestima e desenvolvendo na criança atitudes de autoproteção que a acompanharão em todas as fases de sua vida.

Infelizmente o que está ocorrendo nos últimos oito anos no Brasil é um profundo retrocesso na já tímida e lenta, inserção da Educação Sexual nas políticas de ensino nos Estados e Municípios. Uma onda crescente de conservadorismo pertencente a diferentes esferas vem tomando força na última década, principalmente de grupos pertencentes a alas religiosas de segmentos carismáticos e de Igrejas neopentecostais. A ordem discursiva desses grupos endossa uma linguagem moralista que associa corpo e sexualidade como algo sagrado, imaculado, pessoal e que pertence somente ao sujeito e por outro lado atestam o dever de uma verdadeira cruzada pela preservação da família tradicional e dos bons costumes.

Membros com esse discurso conservador atuam em várias esferas públicas além dos púlpitos e por isso são vozes que chegam ao cenário político partidário. A chamada “bancada evangélica” ilustra bem tal evidência. Composta por deputados pertencentes a partidos com inclinação cristã de várias igrejas evangélicas com viés neopentecostal, juntamente com católicos de orientação conservadora, a denominada bancada recruta entre suas propostas o combate veemente à iniciativas denominadas liberais, que em suas palavras, colocariam em perigo os valores da família e a estabilidade moral da sociedade.

Os projetos partidários dos grupos considerados de ultradireita acusam outros grupos vistos por eles como ameaça a sociedade: comunidade LGBTI, grupos feministas, negros, índios, MST e outros movimentos sociais. Todos os grupos de resistência são classificados como pertencentes a movimentos de “esquerda”, socialistas ou apadrinhados ao Partido dos Trabalhadores, envolvido em vários casos de corrupção que levaram a prisão e condenação de alguns de seus membros. Tão logo são identificados, existe um esforço discursivo por parte dos protagonistas do discurso ultraconservador para desqualificar suas propostas e esvaziar sua importância e protagonismo social.

Entre os métodos utilizados estão os pronunciamentos marcados pelo discurso de medo, acusando esses movimentos liberais como culpados pelas grandes mazelas sociais: casos de violência, corrupção, ao alto índice de desemprego, a “desagregação da família” e a ruína da educação. Como o que acontece contra a chamada *ideologia de gênero* que pode ser utilizada por professores em sala de aula para influenciar crianças e adolescentes a se tornarem homossexuais. Com acesso às principais mídias, seja a TV ou internet veiculam uma série de conteúdos em forma de entrevistas e publicidade objetivando sensibilizar a opinião pública a favor de seu pensamento conservador.

A estratégia da ultradireita dá sinais de êxito já que no pleito para presidente, governadores, senadores, deputados estaduais e federais em 2018, um grande contingente de candidatos representando estas bandeiras conservadoras obtiveram sucesso nas urnas. No que se refere à educação, é evidente que o discurso de cerceamento à temas relativos à educação sexual irá se intensificar, inclusive protagonizando a culpabilização dos professores. Propostas de projetos como a *Escola Sem Partido* é um bom exemplo de monitoramento da função do professorado. O projeto que tramita no parlamento brasileiro propõe, entre seus artigos, o silenciamento dos professores naquilo que é denominado de “doutrinação ideológica” dos alunos. O que é isso, ninguém sabe muito bem, já que é subjetivo demais diferenciar ensino de doutrinação. O aluno, por exemplo, pode acreditar que determinado conteúdo fere sua crença, honra ou princípios. O fato é que o objetivo desses proponentes parece ser um enquadramento discursivo que visa calar professores ideologicamente alinhados ao marxismo e que atuam nas escolas públicas e particulares.

Como afirma Knobel:

As restrições autoritárias não fazem mais que conduzir ao desafio absurdo e rebelde dos jovens, que só conhecem da sexualidade a sua face mais denegrada, que é a que os adultos insistem em mostrar. A compreensão e confrontação franca da sexualidade, avaliada por conduta sexual amorosa no seio da família, é a que permitiria um manejo adequado do que é o biopsicologicamente consubstancial com a juventude e a maturidade do homem e da mulher. (KNOBEL, 1983, p.286)

O atual cenário político no Brasil tem patrocinado um verdadeiro retrocesso da Educação Sexual. Um contrassenso perante a constatação dos graves problemas que a falta de orientação sexual adequada pode levar, não somente na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Acrescenta se também a luta contra os dessabores culturais, principalmente do machismo que vitima milhares de mulheres no Brasil, seja pela violência física e sexual ou pela violência simbólica, mais difícil de ser notada, mas que se expressa na diferenciação salarial entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções e cargos dentro de empresas.

O Atlas da Violência de 2018 traz números estarrecedores sobre feminicídio no Brasil, demonstrando como mulheres, apesar de todas as leis protetivas, como a Lei Maria da Penha de 2006, ainda são vitimadas por maridos, namorados ou/e familiares. O Atlas da Violência revela que no Brasil ocorre 13 mortes violentas de mulheres por

dia. No ano de 2016 foram registrados 4.645 assassinatos de mulheres no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras, o que resulta num aumento de 6,4% no período de dez anos.

Sem dizer da violência explícita contra gays, travestis e transexuais que coloca o Brasil como o país mais violento do mundo contra essa população. Dados, publicados pela ONG Transgender Europe (TGEu) em novembro de 2016, mostram que o Brasil matou ao menos 868 travestis e transexuais nos últimos oito anos, o que o deixa, disparado, no topo do ranking de países com mais registros de homicídios de pessoas transgêneras.

Os dados desses dois grupos específicos não sensibiliza a sociedade sobre a necessidade da Educação Sexual, que trabalha, entre outras questões, com o respeito às diferenças de cor, sexo, orientação sexual, respeito à intimidade e dignidade da pessoa, etc Questiona se por isso que tipo de cidadão a sociedade brasileira está formando para o futuro. Pois nota se o aumento do discurso da intolerância, fortalecendo estereótipos preconceituosos e patrocinando o aumento da violência sobre populações específicas, que historicamente sempre estiveram à margem das políticas públicas de emancipação e garantia de direitos.

Nota se também o início de uma verdadeira “caça as bruxas” em relação a professores colocados sob suspeita, como se fossem os causadores do atraso intelectual, científico e educacional do Brasil. Improcedente quando o que se nota é a luta diária de milhares de professores que mesmo em condições precárias de trabalho, lecionando em escolas sem o mínimo de infraestruturas, somado aos baixos salários, conseguem a duras penas ensinar e transmitir o mínimo de conhecimentos a milhões de brasileiros. Lastimável assistir o desrespeito àqueles que deveriam ser ovacionados como heróis por seus esforços nos rincões esquecidos desse país continental e desigual.

4 Nudes e fantasias virtuais no ambiente escolar: uma análise discursiva sobre a educação e veiculação da intimidade dos adolescentes nas redes sociais.

O sexo virtual apresenta-se como uma modalidade de iniciação sexual para muitos adolescentes. O fato de ter a suposta proteção da tela ou teclado encoraja muitos usuários a ousar expor suas intimidades como exibicionistas ou voyeurs ao observar e usufruir da nudez e sexo do outro. O cardápio de possibilidades oferecidos por sites de conteúdos eróticos ou pornográficos, juntamente com aplicativos de relacionamentos e redes sociais faz com que muitos adolescentes se apeguem a esses dispositivos como uma forma de obter prazer e satisfação sexual.

O público masculino acessa muito os sites pornográficos. A curiosidade em conhecer as partes íntimas da mulher associada ao interesse de aprender a transar, conhecer posições e diferentes tipos de cunilíngua ou felação arrasta multidões de adolescentes ávidos a reproduzir na vida real o ritmo performático e fantasioso das produções cinematográficas. Fica claro que a falta de educação sexual da família e da escola lança jovens a cenários de informações distorcidas e muitas vezes perigosas do mundo virtual.

Segundo Prioste, o acesso deste tipo de material pelo adolescente não representa um mal em si mesmo, o problema é quando a única referência de sexo que esse sujeitos experimentam é por meio dessas plataformas, afirma Prioste:

A procura do adolescente por páginas de pornografia não significa necessariamente que nele está se formando uma personalidade perversa. Na adolescência, esse tipo de curiosidade é uma forma de experimentar o prazer autoerótico, descobrir sensações e possibilidades, exercitando as pulsões perverso-polimórficas. No entanto, o que o cibermercado lhe oferece como opção, isto sim, é fruto de um projeto perverso, na medida em que expõe situações de exploração sexual, principalmente de crianças, adolescentes, incitando um tipo de satisfação que exclui a subjetividade do outro. (PRIOSTE, 2016, p.286-287)

O tipo de sexo que esses sites oferecem quase sempre se pauta na submissão da mulher ao homem. Atrizes são colocadas em enredos em que o homem ocupa uma posição de poder e destaque, sendo o principal protagonista, tendo seus desejos realizados por mulheres passivas e prontas a cumprir suas fantasias mais bizarras e

vulgares. Grande parte desses filmes mostram mulheres levando tapas, sofrendo estocadas que beiram o estupro, acompanhada de feições forçadas de prazer e gritos de satisfação que disfarçam dor e sofrimento. Um adolescente que tem sua iniciação sexual somente a partir da visualização desse tipo de material fortalece estereótipos de desvalorização da mulher. Partilha a objetivação do sexo feminino como mercadoria e mero meio para obtenção do prazer masculino, o que pode fortalecer preconceitos que na vida adulta resultam, em casos de violência e assédio contra mulheres.

O exercício do prazer sexual pela internet a partir dessas orientações acaba por naturalizar cenários distorcidos reforçando a desigualdade de gêneros. É comum encontrar nos sites de relacionamento, Badoo é um exemplo, meninas que ao abrir a webcam recebem incessantes pedidos para expor seus corpos e partes íntimas de forma cada vez mais ousadas. Muitas adolescentes utilizam de tal expediente para obter seguidores em seus perfis de facebook ou instagram, ou seja, barganham pela ousadia o fascínio de seguidores em suas redes sociais a fim de se tornarem populares e obter um gigantesco número de seguidores.

A escola é um desses espaços de externalização dos materiais produzidos na web. É comum entre adolescentes e até crianças, circular em grupos do WhatsApp ou em álbuns de fotos virtuais, ou ainda, acessarem nos sites pornôis, um grande número de material erótico e pornográfico. Alunos se amontoam no fundo da sala para apreciar e compartilhar a visualização desses conteúdos. Banheiros tornaram-se espaço de voyeurs e até de masturbação. Pátios se dividem entre espaço de brincadeiras e outros onde os alunos se dedicam a obtenção de imagens de meninas flagradas com calças apertadas ou no descuido dos decotes. No entanto, o que mais preocupa é que grande parte desse tipo de material produzido pelos próprios alunos, ao circular no ambiente escolar, acabam por trazer prejuízos, muitas vezes irreparáveis às vítimas.

Os problemas advindos da hiperexposição de adolescentes no ciberespaço atingem as famílias, que muitas vezes pela falta de orientação sexual dos pais, são surpreendidas por notícias de que fotos ou vídeos contendo nudes de suas filhas e filhos, estão circulando na escola. Geralmente quando tais notícias chegam ao conhecimento dos pais, circulou por toda a escola, pois o material é veiculado livremente por alunos. O cyberbullying que ocasiona o isolamento, os episódios de violência moral, e o assédio sexual são algumas das modalidades de coerção que ocorrem nesses casos. Não é raro vítimas terem que mudar de escola ou cidade para se livrar do estigma social produzido sobre sua imagem e dignidade.

A escola, na maioria dos casos, possui total imperícia em lidar com acontecimentos que envolvem o mau uso da internet por alunos em suas dependências. Cabe muitas vezes administrar os efeitos e consequências da má conduta dos alunos por meio de advertências, suspensões e até expulsões, que em si são pouco eficazes na prevenção de novas ocorrências e com pouco efeito educativo. O que se nota é a corrida para apagar ou sufocar casos que pululam aqui e acolá e são cada vez mais comuns entre alunos. Ficam evidentes os efeitos nocivos que a falta da educação sexual aliada à inexistência da inclusão digital nos currículos provocam na escola.

A falta de orientação adequada seja como conhecimento de si mesmo, do seu corpo, sexo e desejos, somada à cultura da internet como mero meio de expressão de desejos pessoais, leva o adolescente a se expor de forma inconsequente na web. Vários são os casos vazados de jovens se despindo, masturbando ou fazendo sexo com outros adolescentes ou adultos, tudo gravado com ou sem consentimento da vítima e veiculados sem pudor. O material pode ser utilizado por colegas e conhecidos para denegrir a imagem da vítima ou em mãos de pedófilos e abusadores serve para alimentar sites pornô e movimentar o mercado da exploração sexual.

Sobre as fantasias sexuais entre jovens e adolescentes Prioste afirma,

O que se passa no plano das fantasias sexuais humanas não pode ser puramente analisado sob a perspectiva de normalidade ou patologia, como salienta Freud, observando que traços perversos faziam parte da sexualidade “normal”. Contudo, quando algumas fantasias se transformam em produtos virtuais comercializáveis e começam a ser amplamente estimuladas, há de se pensar nos interesses maiores subjacentes e nas consequências para os indivíduos que nelas se envolvem. (PRIOSTE, 2016, p.210)

Os adolescentes que produzem material erótico não podem ser classificados, necessariamente, como pessoas frágeis ou portadoras de transtornos psicológicos ou comportamentais. No entanto, o que se nota em alguns casos é que a hiperexposição na internet, é resultado da soma de uma profunda inocência púbere de não saber lidar com o aparecimento dos desejos sexuais típicos da puberdade, com a estimulação sexual praticada pela visualização de vasto material erótico ou pornográfico na web, ou ainda, no encontro virtual com um interlocutor que estimula um desejo crescente, irresistível e incontrolável levando ao sexo virtual e a exposição de suas intimidades.

Há um grande percentual de adolescentes que sofrem com uma visão distorcida sobre si mesmos, ou com a baixa autoestima. É notório que a fase da adolescência é marcada por crises de transitoriedade; da morte para infância e o renascimento para a vida adulta. Esse processo natural de mudanças físicas, hormonais e psíquicas traz em si muita fragilidade na personalidade do sujeito, o que ocasiona crises de identidade, por isso, esta população é suscetível de oscilações de humor e inconstância afetiva. A puberdade é um período de busca de identidade, porém se nota que as gerações que crescem com o uso da internet tendem a ter maior dificuldade em estabelecer vínculos sociais, o que proporciona casos de isolamento digital e afastamento de relações familiares.

Adolescentes com tais características de isolamento parecem ser mais propensos a buscar aceitação social por meio da hiperexposição. Muitos possuem uma visão hiperinflacionada de si, o que leva a uma dependência afetiva em receber a aprovação constante do outro por meio de estímulos visuais. Por isso, alguns internautas que possuem este traço de personalidade, necessitam de forma viciada e ininterrupta, postar constantemente imagens de si, seja em situações cotidianas ou revelando de forma erótica, como em um jogo, partes de seu corpo, estimulando a imaginação de seus voyeurs e patrocinando uma avalanche de seguidores e comentários “positivos” às suas publicações. Imbuídos da “popularidade” que obtêm, muitos adolescentes acabam transpondo os limites da autopreservação da imagem e como numa bola de neve adentram um ciclo de retroalimentação de novas postagens cada vez mais ousadas.

O advento da internet patrocinou uma mudança significativa do entendimento de si pelo sujeito, novas leituras e sensações sobre o seu corpo e sexualidade, produziram mudanças comportamentais. Isto não é novidade, ao longo da história mudanças na visão do corpo e da sexualidade foram notadas à medida que tecnologias e os valores sociais se transformaram. Basta analisar o Renascimento humanista do século XVI e os novos efeitos de sentido provocados no homem moderno, ao retirar o teocentrismo como paradigma social e gradativamente colocar o ser humano no centro do fazer social e científico.

Como afirma Guacira Lopes Louro (2018) mudanças comportamentais são inerentes à visão de si empregadas pelo sujeito dentro de seu tempo:

As novas tecnologias, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia

desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço de “realidade”, subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. (LOURO, 2018, p. 3)

Por isso, o sistema educacional deve acompanhar tais transformações e fornecer as ferramentas necessárias para que o aluno se perceba dentro do vórtice das mudanças e se reinvente como pessoa autônoma e livre. Infelizmente não é esse esforço que se nota na políticas educacionais, ao contrário, existem apenas poucos polos educacionais, com gestores bem preparados que consigam fornecer encaminhamentos pedagógicos eficazes às essas novas demandas sociais.

A maior parte dos adolescentes aprende a lidar com as tecnologias digitais e a internet desde os primeiros anos de vida, na primeira infância, antes dos dez anos de idade, e de forma autodidata. O autodidatismo em si demonstra o fascínio que essas maquinarias despertam nos jovens, mas por não existir o ensino da informática e a educação digital, pode se desenvolver um censo valorativo altamente destrutivo na relação desses jovens com as tecnologias.

Mais do que um dever, oferecer ensino sobre o bom uso da internet é uma obrigação determinada em lei no Brasil. Em 2014 foi sancionado o Marco Civil da Internet, ou Lei N° 12.965/14, é a lei que regula o uso da internet em território nacional. Sua existência determina princípios de garantias, direitos e deveres para quem usa a rede, bem como, determina as responsabilidades e diretrizes para a atuação do Estado. Na prática o Marco Civil da Internet torna obrigatório, entre outras coisas, a inclusão digital por meio da educação inclusiva, cabendo aos estabelecimentos educacionais fornecer condições de aprendizagem e diretrizes para o uso responsável da internet pelo aluno/cidadão. Portanto, a responsabilidade do Estado e da escola em fornecer condições educativas frente às demandas do mundo virtual transcendem questões partidárias, ideológicas e programas de governo.

No Art. 21 do Marco Civil, se lê:

O provedor de aplicações de internet que disponibilize conteúdo gerado por terceiros será responsabilizado subsidiariamente pela violação da intimidade decorrente da divulgação, sem autorização de seus participantes, de imagens, vídeos ou de outros materiais contendo cenas de nudez ou de atos sexuais de caráter privado quando, após o recebimento de notificação pelo participante ou seu representante legal, deixar de promover, de forma diligente, no âmbito e nos limites

técnicos do seu serviço, a indisponibilização desse conteúdo. (Art. 21 da Lei 12.965)

Portanto, segundo a interpretação da lei, cabe à escola, juntamente com o poder público ou privado que a representa, seja em nível municipal ou estadual, assegurar condições de ensino adequadas a fim de impedir casos que envolvam a produção e divulgação de nudes e sexting entre crianças e adolescentes. Além disso, cabe à unidade escolar, inserir no plano de ensino, disciplinas que tratem especificamente da educação sexual e de questões referentes ao uso proativo do computador e da internet. A recusa desta responsabilidade por parte do órgão público ou privado de ensino acarretaria em punições previstas em lei.

Na prática a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TCIs) ou internet nos currículos pedagógicos requer a mudança de todo processo educativo. A começar pela formação de professores nas diferentes licenciaturas. Ampliar a visão da maioria dos docentes de que o uso das tecnologias digitais em sala não se restringe a um microcomputador conectado ao projetor.

Como afirma Kenski:

Os alunos, inclusive nos cursos de formação de professores, estão habituados basicamente a um regime disciplinar de estudos por meio de textos escritos. Formam-se professores sem um conhecimento mais aprofundado sobre a utilização e manipulação de tecnologias educacionais e sentem-se inseguros para utilizá-las em suas aulas. Inseguros para manipular estes recursos quando a escola os tem; inseguros para saber se terão tempo disponível para “dar a matéria”, se “gastarem” o tempo disponível com o vídeo, o filme, o slide [...]; inseguros, para saber se aquele recurso é indicado para aquela série, aquele tipo de aluno, aquele tipo de assunto [...]. Je, na dúvida, vamos ao texto, à lousa, à explanação oral – tão mais fácil de serem executados, tão mais distantes e difíceis de serem compreendidos pelos jovens alunos. (KENSKI, 1996, p.136)

Para que se efetivem reais mudanças no uso da internet e softwares educativos em sala de aula é necessário que haja a plena adequação do professor a estes cenários interativos. É fundamental que os educadores estejam capacitados para inserir em seus planos de ensino recursos didáticos que proporcionem vivências de ensino e aprendizagem junto aos alunos. Reconhecer diferentes recursos e ferramentas no mundo digital, como o acesso a sites de pesquisa e buscadores educacionais com interfaces

interativas é um fantástico apoio pedagógico que motivará os alunos e potencializará desta forma a aprendizagem.

Porém, além da capacitação do professor é necessário que o modelo pedagógico conteudista e pragmático imperante nas escolas, passem por uma profunda mudança no fazer educativo. Não basta professores capacitados se não existir uma proposta pedagógica que os incentive a utilizar a web como recurso pedagógico efetivo em sala de aula. Aqui devem ocorrer mudanças de paradigmas, a formação de novas normas valorativas que sirvam de base para uma cultura digital genuína, que transcenda os preconceitos do senso comum em relação à internet, desmistificando-a e a inserindo sem medo às unidades educacionais.

Somente a reforma das Leis de Diretrizes de Base da Educação, alinhando a importância das TICs no ensino, patrocinará mudanças estruturais, quebrando preconceitos ao amparar legalmente a criação dos currículos escolares com a inserção do potencial da internet. Aliada a professores capacitados e escolas com laboratórios de informática equipados com bons computadores conectados a internet de tipo banda larga, a educação passaria por grandes transformações, potencializando assim, a formação de cidadãos emancipados e uma proposta educativa que dialogaria com suas necessidades e angústias cotidianas. Inclusive com os problemas do mau uso da internet, especificamente questões relacionadas à sexualidade.

Óbvio que esse processo se daria de forma gradual, pois tanto a formação de professores capacitados a trabalhar com esta demanda, como a reformulação de currículos, bem como, o aparelhamento das escolas demanda tempo, investimento e um longo caminho de tentativas e erros, já que cada unidade escolar terá seus próprios desafios. No entanto, o ganho que a inserção das TICs proporcionaria ao aluno juntamente com o professor em um ambiente de troca de experiências e desconstrução de hábitos e a criação de um ambiente educativo que otimize o bom uso dessas tecnologias compensaria todo esforço.

No que diz respeito à Educação Sexual, o cenário é mais desafiador no atual contexto do Brasil. As tentativas de silenciamentos e retrocessos que estão ocorrendo em várias frentes têm gerado desmotivação e alarde em diferentes setores que lutam pela superação das desigualdades de caráter sexual e isto tem atingindo até educadores que vem trabalhando com a educação sexual. No entanto, cabe aos centros de produção de pesquisa, universidades e faculdades, motivar o debate, formar intelectuais com grande envergadura técnica e crítica a fim de resistir e desmistificar o corpo e a

sexualidade, tirando desses o ranço moralista que os reduz a um obstáculo impregnado de imperfeições e vergonhas que devem ser apagadas e escondidas da população. Dar um basta à noção do corpo associado ao pecado e do sexo como uma vergonha que deve ser tolerada. Ao contrário, a Educação Sexual deve lutar pela naturalização do corpo e de suas expressões, justamente para livrar as mentes da ideologia reducionista que patrocina a miopia da ignorância, que direta e indiretamente sentencia grupos minoritários a cenários de violência e exclusão social, como gays, negros, mulheres, etc.

Inserir a Educação Sexual nas escolas é patrocinar um combate direto contra os diferentes tipos de violência contra a pessoa humana. É tornar o sujeito dono de seu corpo. Ao entender os fenômenos inerentes ao corpo e a sexualidade o aluno, será o principal protagonista na luta contra os desmandos ideológicos que sentenciam mulheres, negros, gays entre outros, à morte social e física que vitimiza milhares de pessoas anualmente no Brasil. A Educação Sexual, não tem como objetivo estimular a prática sexual, ao contrário, patrocina a responsabilidade do sujeito reelaborando uma visão e estigmatizada do sexo como simples sinônimo de prazer egoísta. Deveria ser capaz de produzir uma nova noção de sexualidade, como uma gama de potencialidades envolvendo o ser humano em diferentes dimensões muito além dos estereótipos e do senso comum.

Ao atingir tal percepção, o uso da internet e de suas maquinarias como elemento destrutivo, seja para a hiperexposição, dependência virtual, cyberbullying, difusão de nudes e sexting, entre outros usos, se tornará algo obsoleto e repudiado por um número crescente de usuários. O monitoramento de conteúdos acessados no ambiente escolar é necessário, no entanto, será muito mais produtivo, desenvolver por meio de atividades didáticas nos alunos, normas e valores para a diferenciação entre uso privado e utilização educacional e formativa da internet. Claro que adoção de tais medidas levará certo tempo para surtir efeitos significativos na cultura escolar.

Juntamente com a Educação Sexual, o uso proativo da internet patrocinaria um ambiente de maior respeito às diferenças, bem como, diminuiria casos de circulação de pornografia e captação de imagens eróticas e exposição de alunas (os) nas redes sociais. A medida que a educação inclusiva formar imperativos valorativos de respeito e conhecimento nos alunos, dando a eles a real dimensão dos malefícios que a hiperexposição pode proporcionar em suas vidas e na vida de outras pessoas, terá início um ciclo realmente educativo do bom uso das TICs na vida do cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo tem sido desde tempos imemoriais o grande templo onde residem as marcas valorativas da humanidade. Das primeiras civilizações humanas que demarcaram o corpo como o espaço sagrado, local onde se manifesta as forças sobrenaturais e fenomênicas, até os dias atuais onde o corpo se tornou a grande vitrine exibicionista por meio das redes sociais. Não há como negar que este invólucro onde a consciência reside é um espaço de transitoriedades, ressignificado por infinitas leituras na história, assujeitado por crenças e leis e moldado segundo os desejos e orientações da cultura ao qual pertence.

De fato, para as antigas civilizações o corpo é o templo que deve carregar as marcas da história do sujeito por meio de rituais que conferem ao neófito o sinal de pertencimento àquele grupo. O corpo situa o ser humano ao seu espaço e o insere à realidade ao qual pertence. Mesmo antes da escrita, foi por meio de adornos, cortes, alargamento de orelhas e nariz ou na pintura da pele que as antigas civilizações demarcaram no corpo suas ideias e o próprio inconsciente coletivo.

A sexualidade expressa em rituais, festins e práticas culturais também utilizaram as expressões do corpo como base de suas manifestações. A grande quantidade de pinturas e utensílios descobertos em escavações arqueológicas demonstram que o sexo, assim como o prazer orgástico teve grande representatividade desde os primeiros agrupamentos humanos. Não são raros os artefatos que demonstram grande interesse no homem antigo em usufruir da sexualidade, por meio de práticas que aumentasse o prazer, mas também conferisse fertilidade para o crescimento da prole ou, ao contrário que controlasse o crescimento desordenado da população por questões relativas a escassez de alimentos e até por questões de ordem moral.

Os diferentes suportes discursivos utilizados na história para manifestação do corpo e da sexualidade se tornaram plataformas simbólicas que representariam os desejos mais íntimos do ser humano. Muitas pinturas em cavernas, paredes de casas e templos, ou em pergaminhos, representam as partes íntimas do corpo, pessoas em ato sexual, e em alguns casos práticas orgiásticas com vários indivíduos. Há quem questione se este fardo material erótico e pornográfico cumpria tão somente objetivos religiosos e litúrgicos à divindades agrícolas ligadas à fertilidade ou simplesmente cumpriam a simples função de proporcionar prazer e satisfação sexual à seus usuários.

O fato que se torna consenso entre todos os pesquisadores (como Joseph Campbell) é que grande parte deste material de cunho sexual foi utilizado como elemento educativo nas diferentes culturas aos quais pertenciam. Parece evidente, que as marcas sejam na pintura, escultura ou nas estigmatizações nos corpos, cumpriam uma função pedagógica, de transmissão de conhecimento e ensino às futuras gerações. Questões como os papéis sociais, as diferenças de gênero e as obrigações sexuais de homens e mulheres são retratados nestas reproduções. Este caráter educativo cumpria a função de manutenção da estabilidade social, pois, parece claro que o sexo é um elemento discursivo extremamente forte e eficaz na ordem cultura de um povo, sendo em muitos casos, utilizado como moeda de troca nas celebrações de paz entre etnias.

Portanto, muito além dos aspectos deleituosos proporcionados pelo uso dos prazeres do corpo e da sexualidade. Os achados arqueológicos, assim como os documentos históricos revelam que os hábitos sexuais das antigas civilizações, são também plataformas artísticas e religiosas utilizadas para o ensino e aprendizagem. Expressam um senso educativo fortíssimo, como um elo de memória que deve ser transmitida não somente pela oralidade, mas pelo traço pictórico na rocha, na madeira ou no próprio corpo.

Uma exemplificação deste elemento educativo pode ser visto nas figuras antropozoomórficas encontradas na Mesopotâmia e no Antigo Egito, que retrata seres divinos híbridos entre homens e animais. Algumas destas figuras têm forte teor erótico, o que demonstra o imaginário de juntar a força, vigor sexual e físico do animal com a inteligência humana. Portanto, ao adorar a divindade o crente requeria entre todas as virtudes, o vigor e a fertilidade sexual advindas deste deus.

Nas sociedades modernas o corpo e a sexualidade passaram por períodos de censura e silenciamentos, associados muitas vezes como causa do mal ao ser humano e símbolo do pecado e decadência do mundo. Disciplinas morais rígidas coibiram o sexo, estigmatizaram o corpo e reduziram suas funções a uma sub existência que deveria ser superada pelos dons do Espírito e as dádivas divinas. No entanto, apesar de todo controle patrocinado, principalmente pelo cristianismo Católico, pouco efeito teve sobre as práticas sexuais de nobres e plebeus que durante a Idade Média gozavam de certa liberdade para expressar os desejos da carne e os prazeres do sexo.

A catequese católica, juntamente com Doutrina, foram as grandes plataformas discursivas utilizadas pelo cristianismo para controlar o corpo e punir aqueles que ousassem viver pela carne e não pelo espírito. A luxúria foi combatida por exercícios

espirituais, castigos físicos e mortificações. A penitência associada ao jejum e a esmola eram formas de submeter os desejos à vontade de Deus.

O efeito limitado desta economia do sexo patrocinado pela Igreja teve um efeito bem mais severo na Idade Moderna quando a medicina juntamente com a Revolução Industrial assumiu a função de estudar o corpo e a sexualidade para fins econômicos frente à necessidade de mão de obra para o circuito de trabalho. Um novo discurso surge como base do controle do corpo e suas funções, o discurso científico. O médico, em nome da ciência e da saúde do paciente, adentra o corpo e estuda seus mistérios, estabelece suas orientações e restringe o uso dos prazeres. Muito além do discurso moral, o que determina o discurso clínico é a saúde do sujeito aliado à necessidade de controle de natalidade frente a uma sociedade que necessita de um tipo específico de população aos ofícios industriais.

A mutação proporcionada pela invenção da máquina fotográfica no século XIX inaugura uma nova era para a humanidade. As tecnologias óticas ressignificam as formas como o corpo é representado. Cria-se, a partir de então, novas linguagens, enquadramentos, proporcionando novas subjetivações para a captação do corpo, que agora, já não pode esconder suas imperfeições atrás da percepção do artista, que os corrigem, mas que ao contrário, são reveladas cruamente pela lente da máquina.

A medicina foi a primeira área do conhecimento a utilizar a fotografia em sua área de abordagem. Registrou e arquivou anomalias físicas e mentais de todo gênero para fins de pesquisa e análise. Farto material de pacientes registrados em detalhes pelas lentes das câmeras fornece a ideia de que procedimentos cirúrgicos e tratamentos poderiam ser acompanhados pelo quadro evolutivo do paciente por meio dos registros fotográficos. Portanto, a fotografia serviu como grande aporte de auxílio à medicina.

Novas técnicas de captação de imagem possibilitaram ver dentro do corpo, abaixo dos tecidos, atrás dos ossos. Estes recursos de raios X e ultrassonografia revolucionaria a medicina ao oferecer ao médico a capacidade observar as diversas camadas do paciente sem a necessidade de adentrar seu corpo com procedimentos invasivos, dolorosos e de grande risco à sua vida.

Posteriormente, a fotografia passou a ser utilizada pela arte, seja nos primeiros ensaios que representavam os cenários rurais e urbanos, ou daqueles que representaria o corpo e suas manifestações. Já no início do século XX farto material pornográfico produzido em fotos sequenciais fazia sucesso entre homens jovens ávidos por sexo. Prostitutas e artistas de teatro foram retratadas nuas ou com pouca roupa em ensaios que

tinham como cenário, num primeiro momento, casas luxuosas, com mobília e cortinas refinadas. No entanto, aos poucos as modelos foram levadas a espaços mais simples, colocadas em posições triviais do cotidiano, em sofás ou reclinadas sobre poltronas numa tentativa de criar simplicidade e naturalidade às fotos. Isto criaria nos espectadores fascínio ao identificar a mulher desejada como alguém acessível e próxima de sua realidade.

Porém, não é somente a medicina e a arte que a fotografia e o cinema serviram no início do século XX, a guerra juntamente com seus horrores foram retratados em detalhes por estas tecnologias da comunicação. Corpos dilacerados no campo de batalha, a angústia no olhar do soldado na trincheira, as mortes absurdas no fronte, davam ao grande público, pela primeira vez, a verdadeira noção da barbárie humana. Principalmente quando as lentes de fotógrafos e cineastas militares registraram o absurdo dos campos de concentração nazista e o genocídio de cerca de 6 milhões de judeus.

A íntima ligação entre desenvolvimento tecnológico e corrida armamentista está ligada ao advento da internet nos anos 60. Denominada inicialmente como Arpanet, a internet cumpre requisitos e propósitos militares, tem como objetivo integrar os vários setores da inteligência em um período que a informação é tão importante quanto as armas. A tensão nuclear entre Estados Unidos e União Soviética no auge da Guerra Fria, obrigou o desenvolvimento de sistemas integrados de monitoramento e distribuição de informação, e tais mecanismos, revolucionaram para sempre as telecomunicações.

A democratização da internet, por meio da aquisição comercial de empresas em 1987 contribuiu para que a captação e distribuição da informação alcançassem pessoas espalhadas em todo planeta, integrando comunidades e criando uma verdadeira aldeia global. A internet alterou para sempre por suas interfaces as possibilidades comunicativas, tornando-se assim a plataforma mais eficaz para apresentação de si, transcendendo em qualidade todas as mídias desenvolvidas pelo ser humano até então. As novas tecnologias se convertem em um dilúvio informacional ultrapassando as fronteiras identitárias até então limitadas pela arte, fotografia ou vídeo, possibilita a qualquer sujeito munido de um celular conectado à internet, projetar sua mente, corpo e emoções, podendo discursivizar a si mesmo segundo sua intencionalidade.

O corpo e a sexualidade na era digital transformam-se em informação. Não informação estática, mas inserida em um devir retroalimentado por usuários que a evocam e discursivizam constantemente em diferentes plataformas e sites de

relacionamento. A imagem de si é convertida em produto, o corpo lançado na rede transforma-se em zonas de transitoriedades sendo ressignificado e tomando diferentes formas e identidades nômades.

Enquanto a tecnologias analógicas limitavam o corpo e suas expressões às esferas tridimensionais a internet e o mundo digital possibilita intersecções, dando mobilidades rizomáticas ao corpo agora convertido em perfil ou avatar a serviço do usuário. O limite do corpo ao potencial da mente denunciado por Descartes e diferentes pensadores se vê agora superado pela alcance que a internet oferece.

Grandes áreas do conhecimento e da ciência absorveram o potencial que as tecnologias da informação proporcionaram, da medicina a física, da economia à política a utilização destas maquinarias possibilitou avanços gigantescos na produção de novos conhecimentos, na planetarização da informação convertida em mercadoria que é comprada e vendida como produto por diferentes serviços e empresas. Aliás, a coisa mais cara e lucrativa na sociedade pós-moderna e a informação.

Infelizmente a educação escolar é a área do saber que ainda não implementou de forma eficaz o potencial da internet e suas maquinarias. Ao contrário de outras áreas do saber, as lacunas existentes nos currículos escolares, por não utilizar de forma pedagógica o uso da web em sala de aula patrocina o retrocesso e ineficiência do ensino e aprendizagem na educação. Seja pela formação deficitária de professores no magistério, que carecem de disciplinas que os capacitem a utilizar a internet como ferramenta de ensino, ou ainda, pela ausência de laboratórios de informática nas escolas, se mantêm o preconceito da internet como mero utensílio de diversão e lazer, que serve a princípios individuais sem qualquer potencial à educação.

A hiperexposição é um dos elementos que a falta da alfabetização digital provoca entre os usuários. Um número crescente de pessoas acaba por converter as redes sociais em alterego onde expressam seus desejos ao expor o corpo e a sexualidade de forma pública e livre, alheios aos problemas que tal exposição pode ocasionar. É comum encontrar pessoas conectadas 24 horas à internet, invertendo e substituindo as relações pessoais concretas por relações virtuais e efêmeras. Este fenômeno contribui para um processo de fragilização das relações humanas, que tem contribuído de forma significativa no aumento de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e isolamento social.

O compartilhamento de intimidades como nudes e sexting faz parte do universo de milhares de usuários das redes sociais, alguns acabam por substituir o sexo real por

aventuras digitais com infinitos parceiros(as). Os adolescentes são um dos grupos mais suscetíveis à exteriorização da intimidade na internet. A utilização de redes sociais como instagram, facebook, whatsapp e sites de relacionamentos tornam-se plataformas para a expressão do corpo e da sexualidade.

O ambiente escolar acaba por ser o espaço de circulação de grande parte deste material erótico, o que ocasiona problemas múltiplos as famílias, escola e principalmente aos adolescentes e vítimas envolvidas. Entre os problemas advindos da hiperexposição de fotos e vídeos contendo pornografia dentro das escolas, está a imperícia dos gestores educacionais em lidar com tais comportamentos por parte dos alunos, o que resulta em casos de discriminação, violência e até suicídio.

Cabe a Educação Escolar e especificamente a educação sexual, oferecer pistas de como a escola, juntamente com as famílias, devem trabalhar de forma proativa com a inserção da internet aos currículos escolares patrocinando um verdadeiro ambiente educativo. Apesar dos retrocessos referentes a educação sexual experienciados nos últimos anos, cabe aos educadores fornecerem elementos que desmitifiquem a internet, dando a ela conotações educativas, bem como favoreçam a naturalização do corpo e da sexualidade a fim de proporcionar o saudável e pleno desenvolvimento emocional e afetivo dos alunos.

Talvez a educação sexual devesse ser uma disciplina interdisciplinar acompanhando as séries escolares, que se ligasse o corpo e a medicina, os agentes de saúde, médicos; depois as ciências sociais, sociologia, geografia e história, a sexualidade e suas representações na história, a questão demográfica, o sexo nos vários períodos da história e sua manifestação nas diversas regiões; a filosofia com a questão da subjetividade do corpo e as questões existências, as demandas do afeto e finalmente as visões das diferentes religiões sobre o corpo e o sexo, proporcionando possibilidades de debates onde seriam evocadas vozes e discursos diversos do sexo nas suas diferentes expressões religiosas. Isto daria ao aluno a noção de escolher qual discurso ele prefere.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **As Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- ARISTÓFANES. **As Aves**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.
- ASSIS, A.A.F. (2013). **A razão brilha para todos**. Revista de História. Ano 9, N.98, Novembro pp 19-20. Disponível em: www.revista.dehistoria.com.br/seção/capa/razao-brilha-paratodos. Acesso em 09 de Nov. de 2018.
- CABRAL, J.T. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. Campinas: Papius, 1999.
- IPEA. **Atlas da Violência de 2018**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432. Acesso em 18 de Out. de 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BÍBLIA DE JERUSÁLEM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDÃO, Junito de S. **Mitologia Grega**. v. I. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRETON, David Le. **Adeus ao Corpo**. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. Teresópolis: Palas Athena, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Luiza Maria Bastos. **Representações sexuais na Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara: padrões cenográficos**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Serra da Capivara, para graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, 2010.
- CHAUCER, Geoffeyr. **Os Contos de Cantuária**. São Paulo: T a Queiroz, 1991.
- CLASTRES, Pierre. **Da tortura nas sociedades primitivas**. In: CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política**. São Paulo: Francisco Alves, 1974.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: Essa nossa (Des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEZE, Gilles. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. V. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DESCARTES, René. **O Discurso do Método**. Rio de Janeiro: Cometa de Papel, 1997.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

EURIPIDES. **As Bacantes**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FERNANDES, Claudemir Alves. **Discurso e Sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FIGUEIREDO, Lucy. **Imagens Polifônicas: Corpo e fotografia**. São Paulo: Paz & Terra, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. V. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2017.

_____. **Aulas sobre a Vontade de Saber**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2003.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Mal Estar na Civilização**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do Capitalismo**. Rio de Janeiro, 2011.

KEHL, M. R. **As Máquinas Falantes**. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologia: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.

KNOBEL, M.; ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 2011.

LOPES, Anchyses Jobim. **Arte da era glacial - arte das cavernas: e o primeiro totem da humanidade (ou, não é que Totem e tabu pode estar certo?)**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372016000100002. Acesso 15 Març. de 2019.

LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: autêntica, 2018.

- MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MARGOLIS, J. **A História Íntima do Orgasmo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Dados sobre suicídio no Brasil**. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>. Acesso 19 Nov. de 2018.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar de 2018**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_Censo_Escolar_2017.pdf. Acesso 23 Nov. de 2018.
- MORIN, Edgar. **Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MUCHAIL, S. T. **Foucault, mestre do cuidado: textos sobre hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- NARANJO, Marcelo. **Quadrinhos sujos apresenta os clássicos da sacanagem**. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/quadrinhos-sujos-apresenta-os-classicos-da-sacanagem/>. Acesso 17 Out. de 2018.
- NOVAES, Adauto. **A ciência do corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- OGDON, J. Roberto. **Notas sobre erotismo e sexualidade no Antigo Egito**. Disponível em: <https://egiptologia.com/apuntes-sobre-las-erotica-aegyptiaca-y-la-sexualidad-en-el-antiguo-egipto/>. Acesso 18 Out. de 2018.
- PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Edipro, 2011.
- _____. **Crátilo**. São Paulo: Paulus, 2014.
- PILOSU, M. **A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1995.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Marco civil da Internet**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm. Acesso 20 Nov. de 2018.
- PRIORE, Mary D. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.
- PRIOSTE, Cláudia. **O Adolescente e a Internet: Laços e Embaraços no Mundo Virtual**. São Paulo: Edusp, 2016.
- RANK, Otto. **O Mito do Nascimento do Herói**. São Paulo: Edipro, 2015.
- RASPANTI, Márcia P. **Fotografia, nudez e pornografia**. Disponível em: <https://historiahoje.com/fotografia-nudez-e-pornografia/>. Acesso 15 Out. de 2018.
- REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão**. São Paulo: Paulus, 2002.

- RIBEIRO, Paulo R. M. **Educação Sexual além da Informação**. São Paulo: Epu, 1990.
- SAFERNET. **Navegar com segurança é navegar com liberdades**. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso 02 Març. de 2019.
- SAFO DE LESBOS. **Hino a Afrodite e Outros Poemas**. São Paulo: Hedra, 2006.
- SANT'ANNA, Denise B. **É possível realizar uma história do Corpo?** in SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- _____. **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- SANTOS, Fausi dos. **Que Corpo é este? O processo de subjetivação na construção discursiva dos Corpos nas Redes Sociais**. Dixa: Revista Brasileira de Educação e Psicologia. Araraquara, v. 20, n. 1, p. 52-64, jan./jun., 2018.
- _____. **Corpo e Sexualidade como território de transição simbólica**. Dissertação de Mestrado. UNIFRAN, Araraquara, 2014.
- _____. **Privacidade em tempos de internet: comportamento e discursivização de si entre usuários no ambiente virtual**. Dixa: Revista Brasileira de Educação e Psicologia. Araraquara, v.19, n.2, p. 258-267, jul./dez. 2017.
- STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.
- TRANSGENDER EUROPE (TGEU). **Expectativa de vida de transgêneros**. Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>. Acesso, 17 de Out. de 2018.
- TWENGE, Jean M. **iGen: Why Today's Super-Connected Kids Are Growing Up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy--and Completely Unprepared for Adulthood--and What That Means for the Rest of Us**. Disponível em: <https://www.amazon.com/dp/1501151983>. Acesso: 03 de Set. de 2018.
- VAZ, Henrique. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 2004.
- KENSKI, Vani M. **O Ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias**. In. VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.) **Didática: o Ensino e Suas Relações**. Campinas: Papirus, 1996.
- VYGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.